

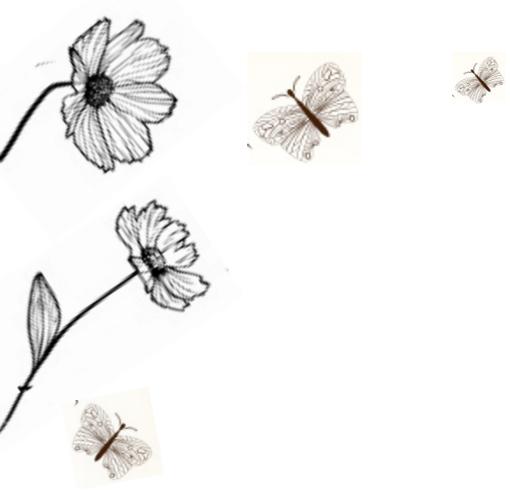
bloom

ELIZABETH SCOTT

"A fresh, honest,
and heartfelt story
of first love."

—DEB CALETTI

National Book Award Finalist for
Honor: Betty Bonebrake



bloom

ELIZABETH SCOTT



Traduções 4 Love



Sinopse

Lauren tem uma boa vida: boas notas, grandes amigos e o namorado que toda garota quer. Então, por que está tão infeliz? Lauren viu a chegada de Evan Kirkland para decifrar a resposta: ela vem se contendo.

Negando-se um monte de coisas (como sexo), porque estar com seu fiel e lindo namorado, Dave, é o correto.

Afinal, quem renunciaria ao cara perfeito? Mas, enquanto Dave começa a falar mais e mais sobre sua vida juntos, planejando um futuro, Lauren simplesmente não pode ver a si mesma com ele— e, enquanto Lauren deseja Evan, e mais ainda quando ela está com Evan, torna-se tudo mais difícil—

Lauren percebe que precisa tomar uma decisão ... antes que uma seja tomada por ela.



Capítulo 01

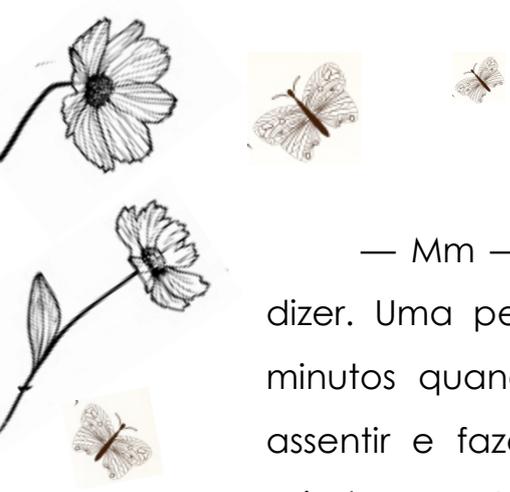
Acho que eu tinha a esperança de que uma espécie de milagre acontecesse. Não é que quisesse que alguém viesse e me dissesse que tenho um perfeito cabelo liso, nem nada. Eu não queria pegar uma aula ruim. Isso não é muito para pedir, não é? Com minhas perfeitas unhas polidas apontava para meu horário de aulas.

— Eu disse para você — A voz de Karen soava preocupada. Olho para ela, afastando a vista de meu horário – ainda tinha essa estúpida aula em meu horário, maldição – e sorrio para mostrar que eu estava bem.

— Lauren — ela me chama. Dou de ombros e dobro meu horário até deixá-lo bem pequeno. Ainda podia ver o M na história do mundo, no entanto. Suspiro e jogo isto em minha bolsa, e pergunto-lhe, — Quantas aulas tem com Marcus?.

— Nenhuma. Pensei que poderíamos ter uma, mas logo... — Enquanto ela continuava falando, eu a olho de soslaio. Parecia, como sempre, como se tivesse saído de uma revista de moda. Isto é por que ela se levanta às quatro e quarenta e cinco toda manhã. Não sei como consegue. Só de pensar em tentar acordar tão cedo me deixa com sono.





— Mm — digo, por que era a única coisa que precisava dizer. Uma pergunta sobre Marcus garantiria ao menos cinco minutos quando não tem o que fazer e nada mais do que assentir e fazer ruídos vagos de concordância. Karen esteve saindo com Marcus há seis meses, e ele é seu mundo inteiro. Quando nos encontrávamos, costumávamos falar interminavelmente sobre como seriam nossos namorados e o que faríamos quando o tivéssemos, e agora quando realmente temos namorados, percebo que sem ter eles, nós tínhamos muito sobre o que falar, agora não temos absolutamente nada em comum. E isso era um droga, por que minha melhor amiga era Kate.

Eu tinha uma amiga. Oh, Deus, a melhor até a nona série e era realmente honesta, seu nome era Jane, mas logo se foi para longe. No início, conversávamos muito e tudo era exatamente o mesmo, embora não fosse, e a verdade é que cada vez conversávamos menos, e quando havia menção sobre pessoas que eu não conhecia isso fazia que eu me afastasse mais. Eu tentava reconstruir as coisas em resposta, e antes que me desse conta, não estávamos falando sobre nada em absoluto e a única coisa que eu tinha era meu trabalho voluntário na biblioteca. Você tem que fazer serviço comunitário para poder se formar, e embora a maioria fizesse no último minuto, Jane e eu tínhamos planejado tudo antes que ela fosse embora. O verão passado entre livros, ali estava eu, com os livros da estante e mostrando as pessoas como usar os terminais de internet.

Assim é como conheci Katie. Eu já a tinha visto ao redor – mas nunca tinha falado com ela – ela era mais popular, bom não





muito mais que eu, mas o suficiente para que eu dizer-lhe algo fosse quase inadmissível, mas logo ela ficou trabalhando na biblioteca, nas estantes de livros onde ficávamos juntas todos os dias, e uma tarde ela só me olhou fixamente e me disse que odiava a biblioteca, e eu disse que eu também, mas a verdade é que me encantava. Encantava-me os livros. Gosto do momento em que você vai abrir um livro e você pode se fundir nele e pode escapar do mundo, em uma história que é bem mais interessante que a sua própria. Mas percebi que Katie não era o tipo de pessoa que dizia coisas assim, então, ao invés, perguntei-lhe sobre seus esmaltes de unhas.

Depois disso começamos a falar muito. Ela disse que estava farta de ficar com os garotos nas festas e que queria um namorado de verdade. Eu nunca fiquei a sério com alguém, e muito menos tinha encontrado o tipo de cara de Katie em alguma festa, mas eu queria um namorado também. Assim tínhamos isso em comum. Além disso, acontece que a melhor amiga de Katie decidiu que Katie era uma falsa e a havia deixado para sair com os garotos que se sentavam para escrever poesia e diziam que todos os demais eram pouco profundos. Katie me disse na primeira vez que dormiu na minha casa. Lembro que ela piscou muito e percebi que estava tentando não chorar, e eu sabia exatamente. Como se sentia. Essa sensação de ficar para trás é uma merda. Disse-me que esses garotos eram todos uns perdedores, e Katie sorriu para mim e me perguntou se eu queria pular o trabalho para irmos, no dia seguinte, as compras. Na verdade, não queria, novos livros acabaram de chegar, e eu desejava explorar no sistema e talvez deixar de lado





isso de ter um companheiro para mim, mas eu sabia o que aconteceria se eu dissesse isso. Assim eu lhe disse, — Claro, vamos às compras, — e estamos juntas desde então.

— E, bem, o que você acha que eu devo fazer a respeito?
— Olho para Katie, mordendo seu lábio.

— Bom — digo, timidamente, porque não tinha ideia do que estava falando, — talvez não seja nada demais.

— Lauren, ele tem duas aulas com Clara. Duas. E se ela decide que quer voltar com ele? E se ela —

— Ele te ama — digo.

E é verdade. Marcus está totalmente louco por ela. Katie só se preocupa por que antes de seu primeiro encontro, Marcus saiu com Clara Wright, que é a deusa da Hamilton High e nunca, jamais, deixa que ninguém esqueça. Mas Marcus e Clara não estão juntos há muito tempo e, além disso, Clara está saindo com um garoto universitário agora, o que fazia desse garoto a grande coisa, segundo eu vejo, que tipo de estudante universitário tem encontros com garotas do ensino médio, ele por acaso não pode conseguir encontros com estudantes universitárias da sua idade? A última vez que comentei isto com Katie, ela riu durante uns dez minutos, mas não acredito que comentar agora servirá para animá-la.

— Eu sei — ela diz, — não temos nenhuma aula! Aposto que Dave e você têm um monte de aulas juntos, certo?

— Não sei — respondo, sem pensar.



— Lauren! Nem se quer o viu ainda? Por que não me disse?
— Ela aponta para o armário de Dave.

Eu não precisaria estar diante dele para ter uma super audição ou algo assim. Acha que estou brincando, mas não estou. Dave é bom. Bem, se você o visse, entenderia. É perfeito. E não digo por que ele é meu namorado. Ele é realmente perfeito. Para começar, é um jogador de futebol, além de que joga beisebol. Seus pais têm uma parede de estantes em sua sala cheia de troféus que ele ganhou. Tem faculdades implorando para que ele as frequente, embora ele seja só um júnior, e não só para tudo relacionado com todos os esportes. Suas qualificações são incrivelmente boas também.

Além disso, ele é lindo: cabelo loiro, olhos azuis, alto, mas não muito alto, musculoso, mas não totalmente musculoso. Ele será o rei quando nos formarmos. Todo mundo está louco por ele. Todos! Antes que eu começasse a sair com ele, eu era uma total ninguém. Mas por causa dele, eu sou alguém, eu sou quase popular. E sobre esta coisa: Sobre como Clara e as pessoas que ela permite que sejam suas seguidoras.

A melhor opção seria, talvez, ser amiga minha. Mas não funciona ficar a distância. Nunca consegui pensar em nada para dizer a Clara e conseguir que ela realmente me note o suficiente para que eu seja uma de suas seguidoras, e ao ver que Katie e Marcus saiam, bem, Clara levou isso muito pessoal por que Marcus não definiu e morreu depois que ela rompeu com ele. Assim o garoto agora pode estar com a turma popular, se está ao redor de Dave, nesse sentido estou no mesmo lugar que eles,





de vez em quando, uma das garotas me pergunta onde está a cerveja em uma festa ou algo assim, mas isso é tudo. E todos os demais, falam de mim como se eu fosse realmente popular. Uma vez, entrei em um banheiro e duas garotas pararam de falar para me olhar.

Disse para elas: — Vamos, continuem, eu não me importo — e sorri, e em um filme, nós teríamos nos tornado as melhores amigas e trançaríamos os cabelos umas das outras ou algo assim, no entanto, só me olharam como se eu tivesse oito cabeças. Logo eu me vi com oito cabeças. Mais tarde eu ouvi falar de mim durante o almoço. Disseram que eu era uma cadela e coisas assim, — E então ela agiu como se precisássemos de sua permissão para falar — e aí terminou minha tentativa de ser amiga de alguém além de Katie.

Eu estava realmente triste. Inclusive comprei um monte de livros com capas que prometiam ser sobre histórias de meninas que pareciam ser igual a mim. Pensei que encontraria algo neles que me fizesse sentir melhor. Mas todos eles tratavam sobre feias perdedoras que na verdade eram muito inteligentes e divertidas (ou raras ou inclusive muito bonitas para acreditar) como a estrela do futebol ou sobre o novo e misterioso garoto que todas querem ou o melhor amigo, que parece ser feio, mas na verdade não é, e se apaixona por ele, e vai ao grande baile ou o que seja, por que sabe que o que está no interior é o que conta e merdas assim.

Sinto-me muito pior depois de ter lido todos esses livros, por que eu não sou tão inteligente, e eu não sou divertida, e eu não





sou linda ou rara e linda. Sou mediana. Totalmente mediana. E pior ainda, tenho a estrela do futebol e olha onde eu estou. Ainda não sou popular, mas, no entanto, de alguma maneira o suficientemente popular para ser odiada, e não havia nada nesses livros sobre isso, sobre o que fazer se seu sonho se torna realidade. E, no entanto, você se sente igual.

Isso é problema meu. Estou bem. E ainda tenho um namorado perfeito. Não acreditam em mim? Bem, vejam, a forma como comecei a sair com ele. Dave se aproximou de mim quando estava no corredor depois da escola, tudo começou no ano passado, e me perguntou diante de todo mundo se eu queria sair com ele.

Sério. Isso é o que fez, e fiquei lá, olhando-o fixamente. Finalmente consegui fazer um movimento de cabeça, e consegui sair de meu congelamento por que Katie me deu um chute. E então, realmente saímos, e ele me fazia coisas como abrir a porta do carro e me perguntar se podia me dar um beijo de boa noite, e mandava um e-mail para mim quando chegava em casa, dizendo que tinha passando um momento ótimo comigo e quando íamos nos ver novamente? Você não pode conseguir algo mais perfeito do que isso.

Inclusive sua família é perfeita. Eles jantam juntos toda noite e fazem coisas como jogar jogos de mesa. Jogos de mesa! Além disso, seu pai e sua mãe são... Juro que não estou brincando, namorados desde o ensino médio, e inclusive ele tem o irmão mais novo mais adorável do mundo, John. Durante os dois primeiros meses que saímos, fiquei esperando que acontecesse





algo, como se talvez Dave fosse um drogado, ou que na verdade tinha oito namoradas, ou simplesmente ele se desse conta que poderia ter alguém bem melhor do que eu, mas não aconteceu nada. Dave continuou sendo doce e encantador, e no Natal me deu um lindo medalhão, e disse que me amava quando estávamos lá fora, enquanto que a neve caía por todas as partes.

Vê? É perfeito.

Sei que tenho muito sorte de ter Dave, e se não me sentisse assim, as seis zilhões de olhadas que recebo quando passamos pelo corredor, me recordariam. Como agora, por exemplo. Quando me aproximo de seu armário, quase posso escutar ao nosso redor todo mundo olhando e escutando quando Dave diz: — Ei, Lauren — com uma voz suave e quente, e se aproxima de mim, e pressiona um beijo terno em meus lábios. Totalmente perfeito.

Exceto que, desde que estivemos saindo, isso é o mais longe que já chegamos. Uma vez estávamos em uma festa e ele ficou me olhando, como se perguntasse o que ele estava fazendo comigo por que ele poderia ter alguém melhor, foi quando eu pensei que tudo terminaria.

Ele percebeu que eu parecia preocupada, então ele faz um movimento, pegando minha mão e diz que estava louco por mim. Eu digo: — Por quê? — E ele diz, — Quando te vi pela primeira vez, estava sentada no almoço, olhando por uma janela, e tinha um olhar em seu rosto, não sei. Eu só queria te





abraçar — Logo ele me beijou, me fez sentir realmente viva, muito viva, pelo que parecia era a primeira vez que me sentia assim. Ele me beijou novamente, e logo estávamos nos tocando e era incrível. E logo nos detemos. Ou melhor, ele parou.

Num minuto, ele desabotoou meu sutiã e no seguinte, se afastou de mim. Ele disse que sentia, realmente sentia muito, e parecia que ia vomitar. Não preciso dizer-lhes o quão sexy me senti depois disso. Lembro que abotoei minha camisa, enquanto minhas mãos tremiam e lhe fiz a pergunta na qual estive pensando há um tempo, e a qual eu estava certa que já sabia a resposta.

— Você é gay? — Sussurrei para ele.

Esperava que me dissesse que sim. Tinha tudo planejado, depois que ele respondesse, começaria a chorar, e eu diria que gostaria de ser seu apoio quando as pessoas na escola falassem sobre ele, e Clara estivesse dizendo para todo lado — Lauren, — quando ela me olhasse e me convidasse para todos os lugares e eu terminaria tendo um encontro com este artista incrivelmente lindo e sensível que só tinha vindo na cidade, mas acabou ficando, por que tinha ficado perdidamente apaixonado por mim. Mas ao invés de dizer que sim, Dave disse, — O que? — Como se nunca tivesse escutado a palavra gay antes, e então foi aí que descobri a verdade.

O religioso Dave. Quero dizer, eu já sabia que ia a igreja, é quase a única coisa que você pode fazer em Hamilton no





domingo, além de compras, algo que não era incomum, nem nada no estilo. Mas era mais do que isso para Dave.

Olhou para mim por um segundo depois que ele disse, — O que? — Só me olhava, então ele começou a falar. Disse-me que ele queria viver da forma correta, e que era difícil, mas pensava que valia a pena.

De todas as coisas que eu tinha pensado que ele me diria, esta não era uma delas. Quero dizer, não é como se ninguém da escola fosse falar sobre essas coisas, mas você podia notar o feliz que Dave estava ao falar disso. Assim que fiquei ali sentada, atordoada, e escutando enquanto ele me falava de sua igreja e a forma que lhe encantaria se eu fosse com ele. Eu o escutava enquanto ele dizia que nunca tinha falado sobre isto com ninguém com quem houvesse saído antes, mas que estava tão feliz por ter me contado, por que sabia que eu era especial, e que eu sabia o quão importante eram suas crenças para ele.

Eu escutava e assentia com a cabeça, e pensei que aqui estava eu, em um quarto com um garoto incrivelmente sexy, e o que é que estávamos fazendo? Conversando sobre ir à igreja.

Se isto fosse um desses romances que eu li, me faria sentir como um lixo, se Dave fosse gay.



Capítulo 02

Dave me leva na minha primeira aula e falamos sobre nossos horários. Não temos aulas juntos, mas temos o mesmo período de almoço. Estamos de mãos dadas e ele acaricia com o polegar a minha mão. Diz que gostaria que tivéssemos aulas juntos, que pensará em mim toda a manhã e que mal pode esperar para me ver no almoço. Inclino-me para ele um pouco por que sua voz soa muito bem, cheira muito bem e é verdadeiramente maravilhoso. Ele se vira e põe uma mão sobre meu ombro, muito suavemente abrindo um pouco de espaço entre nós.

“E não esqueça que você prometeu ir ao jogo de basquete de John na quarta à noite”, ele diz e me dá um beijo de despedida. Escuto as garotas do primeiro ano que estão caminhando e suspirando. Antes de mim, Dave nunca saía com uma garota por mais de dois meses. Eu deveria estar orgulhosa do fato de que as pessoas nos olhavam e se perguntavam por que ele continuava comigo. Só me sentia tão especial como Dave sempre dizia que sou pelo fato de que sei o que significa mais para ele. Eu era a garota que ele tinha escolhido para depositar sua confiança.

Agora tudo o que eu podia pensar é que toda vez que nos tocávamos, ele era sempre o primeiro a se afastar. Esse é o pensamento que fica comigo na maior parte do dia.

Minhas aulas são mortalmente aborrecidas exceto pela música, a qual transcorre rapidamente por que estamos tocando essa excepcional peça de jazz que tem um solo de clarinete. O





senhor Herrity me deixa tocá-lo e eu faço facilmente, tocando as notas perfeitamente. Bom, a maioria delas. “Não está ruim”, ele diz, depois de tudo, estou mais feliz pelo que disse, por que um “não está ruim” do senhor Herrity é quase o mais alto elogio que você pode conseguir.

Lavo minhas mãos muito bem depois das aulas, mas quando me encontro com Katie no corredor, ela me passa uma caixinha de menta e logo tira um tubo de creme hidratante com cheiro de morango do mais profundo de seu bolso. Juro, ela tem tudo o que poderia precisar ali dentro.

“Sabe, não é muito tarde para fazer uma mudança de horário e pegar trigonometria”, ela diz.

“Oh, claro, por que esse C- que tirei em geometria era um sinal de que estou destinada a ver aulas de matemática avançada”.

“Teríamos essa aula juntas, não temos aulas em comum, só o almoço”.

Olho para ela. Ela está mordendo seus lábios enquanto olha para o corredor. “Você vai se dar bem: tem um namorado que pode fazer todas as tarefas por você”.

“Lauren!” Diz, sorrindo. Marcus é um gênio da matemática. Ele não fala muito disso, mas é tão bom que em vez de ter aulas de matemática aqui, ele tem aula com um nome realmente horrível na universidade. As Universidades como Stanford e MIT enviam cartas grandes e muito corteses.

A única maneira que eu conseguiria algo de Stanford e MIT era se eu fosse à única pessoa no planeta com idade universitária.

O sinal toca e eu digo, “Não esqueça, estarei pronta as cinco, certo?”



Ela assente com a cabeça. “Só encontre-me no estacionamento. E divirta-se com Axel”.

Mostro-lhe o dedo do meio, ela ri e caminha pelo corredor.

Quando chego à sala de História do Mundo já estava completamente cheia, olho ao redor, esperando ver ao menos um rosto conhecido. Não, não – espera. Sim. Em um canto afastado está Gail. Realmente me surpreende vê-la. Gail é uma dessas pessoas que sempre consegue um A em tudo, mas logo lembro que ela estava em música comigo no ano passado. Bom, nós estivemos em aulas de música juntas por anos; antes que eu deixasse a banda de música, algumas vezes sentávamos juntas no ônibus quando íamos para competições e essas coisas. Acho que ela toca flauta. Dou um sorriso para ela e ela olha ao redor por um momento, como se estivesse confirmando que estou olhando para ela ou se estava sorrindo para outra pessoa e logo duvidosamente devolve o sorriso. Começo a cruzar a sala – se tenho que aguentar esta maldita aula bem que eu poderia sentar ao lado de alguém que de certo modo conheço – mas então Axel chega arrastando os pés.

Axel parece como se tivesse oitenta, não estou brincando, mas tem ao menos uns vinte anos. Vi um livro de anuário no escritório da orientação quando estava tentando sair desta estúpida aula e ela me parecia exatamente como está agora, diretamente para a saia e a blusa café que ela está vestindo. Ensina todos os motivantes cursos de história. Como consegue fazer isso, nunca saberei.

Na verdade, acho que já descobri.

“Sentaremos em ordem alfabética”, ela diz em uma surpreendente voz alta, e aponta para a última cadeira da sala. “Young, Shawn. Williams, Cynthia”.

E então, ela continua. Em um ponto Jack Harris, que está repetindo o terceiro ano por pelo menos a segunda vez, tentou





dizer algo sobre que o alfabeto não começava com a letra Z, mas ela seguiu falando. Algumas pessoas riam dissimuladamente, e Jack franziu o cenho e começou a falar novamente. Mais forte. Desta vez, Axel não continuou falando. Ela só ficou ali parada, olhando como se um forte vento pudesse fazê-la voar e escutou tudo o que ele tinha a dizer, o que em sua maioria poderia se resumir ao seguinte: - Vá ao inferno -

Quando ele terminou de falar, quase todo mundo estava rindo e algumas pessoas começaram a falar também. Jack parecia estar muito orgulhoso de si mesmo. Logo Axel disse, "Bem, senhor Harris, obrigado por este apaixonado discurso. Lamento que tomou muito tempo da aula. Ia fazer um teste amanhã, mas agora não posso por que estamos atrasados. Portanto, todos vão receber F para sua primeira tarefa, a qual é 10% de sua pontuação. Se tem um problema com isto. Sugiro que se associem com o senhor Harris. Agora, onde estava? Oh, sim. Vivnos, Maria".

Jack Harris ficou calado depois disso, provavelmente por que os estudantes que repetiram o último ano estavam olhando para ele fixamente. Axel segue dizendo os nomes em voz alta como se nada tivesse acontecido.

Terminei sentando-me em uma fila de gente que não conheço (muitos nomes começavam com S e R, os de Os, Ps, e Qs não eram muitos) por que o sobrenome de Gail era Adams, o que significa que ela vai estar no outro lado da sala.

Axel ainda continua falando, terminando com os Ms - quando ouço que ela diz, "Kirkland, Evan".

Minha caneta desliza através da página do meu caderno, fazendo uma linha por causa de meu sobressalto, olho para a cadeira do outro lado da minha até a pessoa que está deslizando nela.

Kirkland, Evan.





Ele se senta desalinhado, com seus pés estendidos frente a ele. Seu cabelo está escuro e um pouco longo, caindo na frente de seus olhos e posso ver uma larga mancha de cor negra subindo pelo lado de um de seus braços. No início, pensei que fosse uma tatuagem, mas logo percebi que era algum tipo de graxa ou algo assim. Havia uma mancha de graxa nos seus jeans, também. Suas mãos, que descansavam na cadeira, estavam vermelhas, seus nós dos dedos um pouco raspados, em carne viva e suas unhas tinham sido mordidas rapidamente.

E então, ele levanta o olhar, olhando-me fixamente e eu apressadamente afasto o olhar, meu estômago se retorce.

Não tinha visto ou pensado sobre Evan Kirkland em anos, mas, repentinamente, ele estava aqui, sentado justo do meu outro lado.

Meu pai trabalha no setor imobiliário. Você conhece essas grandes agências, que vendem “luxuosas” casas? Ele as faz. Hamilton não é mais do que uma cidade pequena, mas está perto da pista principal que se dirige para Broad Falls, que é uma enorme cidade e tem muito gente que se muda para cá e assim podem ter uma casa realmente grande. Meu pai construiu muitas das subdivisões por aqui. Ele desenhou nossa casa, na época quando ele estava apenas começando e uma das poucas recordações que tenho de minha mãe é dela parada na frente do mirante na sala de estar (realmente era só um nome sofisticado para um cômodo na frente da casa que nunca usamos) com suas mãos pressionadas contra o espelho. Recordo que saltou quando eu disse, “Mamãe?” Ela se virou e me olhou fixamente, era como se não soubesse quem era eu. Acho que então já estava pensando em ir.

Não fez; Não então, mas fez quando eu tinha seis anos. Desde então, tem sido meu pai e eu, exceto, pelas vezes em que meu pai tem uma namorada e pretendíamos ser uma “família”. Papai não é bom com as mulheres e todas suas namoradas se mudam para a casa e logo vão embora. A última foi Robin – era





a número quatro – isso foi quando eu tinha treze anos. Essa relação durou um ano antes que ela voltasse para a escola de pós-graduação (e com seu antigo namorado). Antes dela foi T'eanna, cujo nome verdadeiro era Callie, mas só te olhava se a chamava assim. Era uma atriz. Papai tinha lhe pedido que mudasse conosco quando eu tinha onze anos e meio. Ela se mudou três dias depois que a última namorada fosse embora e se foi dois dias antes que Robin chegasse, embora o perfume que usava permaneceu na casa quase seis meses mais tarde. Antes dela foi Sally, a qual eu odiava. Ela me chamava de 'Botãozinho de ouro', o que eu também odiava.

E antes dela foi Mary, quem papai conheceu no verão quando eu tinha oito anos. Eu tinha ido para o acampamento desde que saí da escola e recordo minha felicidade por voltar para casa. Tinha estado preocupada que algo tivesse acontecido com papai e ele não pudesse ir me buscar, mas ele foi e inclusive disse que tinha uma surpresa para mim. "Está pronta?" Ele tinha me perguntado, e quando assenti, ele disse, "Vamos ser uma família de novo!"

Por um segundo – um louco e estúpido segundo – eu achei que se referia que mamãe tinha voltado. Que tinha decidido que sentia nossa falta, que pensou em meu pai e em mim e que queria estar conosco novamente. Mas então papai disse, "Seu nome é Mary e Lauren você vai amá-la", e esse foi o final da discussão.

Papai conheceu Mary em uma conferência no primeiro dia que começou o acampamento. Ela estava entregando publicidade de umas gravações motivacionais. Ele parou para falar com ela e duas semanas depois ela se mudou para nossa casa. Ele falou dela todo o caminho para casa, me falou sobre como o entendia e o muito que gostava dela, e então, justo quando estávamos entrando no caminho de acesso a casa, me disse que tinha outra surpresa. "Ela tem um filho, e ele viverá conosco também!" Disse, como se tivesse comprado um pônei para mim e eu só rompi em lágrimas quando a porta se abriu.





Assim foi quando conheci Evan.

Ele e Mary saíram da casa de mãos dadas; Mary tinha um brilhante e grande sorriso e Evan estava parado com seu rosto solene, olhando para o carro. Eu ainda continuava chorando. Papai os cumprimentou e me disse, "Vamos, querida, não chore. Vamos ser uma grande família feliz!"

Não acho que preciso contar-lhes que isso nunca ocorreu. A coisa sobre família, que meu pai ainda não tinha aprendido, é que não se pode forçá-la. Ele tentou cinco vezes e cada vez foi um desastre.

A relação de papai e Mary foi boa por uns três meses. Mary reduziu suas horas de trabalho com a companhia de gravações motivacionais e assim podia ter mais tempo para "Estar ao redor para todos". Fizemos todo o tipo de coisas juntos; viagens ao parque; ao centro comercial, inclusive a mercearia, e as primeiras pequenas brigas, ela e meu pai levavam sem dar muita importância. Logo eles começavam a dizer com vozes muito alegres, "Bem, falaremos disso mais tarde". Falar mais tarde, geralmente terminava em gritos marcados por gelados silêncios que duravam dias.

Evan e eu nos evitamos na primeira semana, só conversávamos entre dentes quando era à hora do jantar. Mas logo em uma noite papai disse, "Lauren, querida, pode passar os pãezinhos para Evan? Ele não comeu nenhum". E Evan disse: "Disse que não quero nenhum", ao mesmo tempo em que eu disse, "Ele já disse que não queria", e depois disso começamos a nos dar bem.

No tempo em que as coisas entre papai e Mary ficaram realmente ruins, eu já sabia que o livro favorito de Evan era o mesmo que o meu, *O Leão*, *A Bruxa*, e *O Guarda-Roupa*, sabia que odiava coca-cola, mas que amava coca-cola de cereja, sabia que seu pai tinha morrido em um acidente automobilístico quando ele tinha quatro anos. Ele sabia que eu comeria sorvete de chocolate em cada refeição se eu pudesse, que odiava





abelhas e que minha mãe tinha ido embora e que não ligava, nem escrevia ou algo parecido. Nem sequer um cartão no meu aniversário.

Éramos amigos. Posso inclusive lembrar a forma que ele me olhava enquanto estava falando, como se o que eu estivesse dizendo fosse interessante. Nem sequer Mary fazia isso. Caramba, nem sequer meu pai fazia isso – e ele ainda não faz. Recordo como Evan chorou na vez em que encontramos um ninho de pássaros no pátio, o corpo da mamãe dos passarinhos estava no chão, destruído por um gato e ele tentou salvar os ovos. Eles nunca quebraram a casca. E quando eu caí da minha bicicleta enquanto eu guiava fazendo preguiçosos círculos no caminho de acesso a casa, escutando papai e Mary conversarem inquietos parados em uma janela aberta, ele me ajudou a entrar, pegou os curativos e se culpou quando Mary quis saber quem havia derrubado a bicicleta no arbusto que ela tinha acabado de plantar.

Também brigamos, não me interprete mal. Ele monopolizava o computador, e me acusava de sempre escolher maus programas de televisão para assistir. Eu fazia brincadeiras sobre o seu cabelo – era como o das meninas, verdadeiramente brilhante e muito suave – mas eu secretamente desejava que meu cabelo fosse igual, tão escuro e tão lindo. Nunca disse isso, é claro. Ele fazia brincadeiras com meus olhos, os quais são, tenho que admitir, um pouco estranhos. São cinza; cinza claro, assim com os de minha mãe eram. E continuam sendo, claro. Mas depois de cada briga que tínhamos, um de nós sempre dizia que sentia muito. Sempre. Papai e Mary nunca fizeram isso.

No final, eles não duraram muito. Depois desses primeiros três meses, desistimos no Natal, meu aniversário e um desastroso dia dos namorados quando Mary sentada na cozinha esperou meu pai até as duas da madrugada, fazendo um ruído seco quando ninguém tinha perguntado o que estava acontecendo. O aniversário de Evan era um mês depois, o dia em que ele e Mary se foram. Recordo que estava marcado no calendário de





nossa cozinha. Ela havia empacotado todas as suas coisas em caixas e papai gritou que seria melhor que não perdessem nada. O rosto de Mary ficou vermelho e olhou para ele como se ele tivesse batido nela. Evan gritou, "Cale-se! Não fale com minha mãe dessa maneira!" e logo saiu correndo da habitação fora da casa. Eu olhei pela janela e o vi sentado no carro de Mary.

Fui até o corredor e todas as coisas dele também estavam em caixas: os sapatos que meu pai tinha insistido que Evan deveria comprar na semana em que estava tentando impressionar Mary com o quão generoso ele era (e para reconciliar-se por chegar muito tarde a cada noite), a camisa branca que ele teve que colocar quando fomos tirar a foto "familiar".

A foto ainda estava na sala, esperando para ser emoldurada e pendurada. A gritaria ficou mais forte e Mary estava chorando. Subi para meu quarto e peguei os livros de Nárnia que meu pai tinha me dado de aniversário, uma caixa de fantasia de luxo que Evan tinha olhado nostalgicamente quando a abri. Desci as escadas e a coloquei na parte de trás de uma das caixas de Evan, logo subi as escadas correndo.

Quando olhei pela janela de novo, Mary dirigia seu carro pelo caminho de acesso da casa com pressa, parando apenas para tirar o correio antes de seguir pela estrada. Seus pneus deixaram marcas pretas na rua. Ficaram lá por um longo tempo.

No final, ela tinha algo em comum com a minha mãe. Não conseguiu ir embora o suficientemente rápido também.

Não tinha visto Evan desde esse dia. Uma vez perguntei a meu pai sobre ele, uns poucos meses depois que ele e Mary se foram, e ele me disse, "Quem?" e depois, "Oh, sim, Evan. Ele está bem, querida. Perfeitamente bem". Não era estranho para mim que um adulto mentisse, mas o fato de que papai pudesse esquecer alguém que ele tinha reclamado como família fazia só uns meses, me fez sentir horrível. Assustada. Assim não voltei a perguntar sobre Evan novamente.





Eu averigui o que aconteceu. Mary se mudou para a Flórida – Vi o selo em uma carta que ela tinha enviado para papai, a qual ele não me deixou ler, mas estava o suficientemente incapacitado para pensar que a jogou sem rompê-la. Com essa carta foi como descobri sobre Sally, que era a namorada número dois e que se mudou para casa logo depois, mas essa é outra história e nem sequer posso recordá-la por que olho para Evan de novo e ele está olhando fixamente. Tem uns olhos realmente escuros. Parece que nunca sorri. Coloco minha caneta entre meu caderno e tento escutar Axel falando sobre os Persas.



Capítulo 03

Estou tão aliviada quando a aula termina que posso praticamente sair correndo para fora da sala e pelo corredor até o treino da banda de jazz, agradecida por ser distraída do choque de ver Evan novamente e de como me senti quando o olhei. Em minha mente, ele sempre pareceu da forma que tinha aos oito anos, cabelo totalmente escuro e brilhante e com rápidos sorrisos para Mary, para mim e, às vezes, inclusive para meu pai. Mas agora – penso em suas mãos novamente, suas unhas roídas tão profundas que devem doer, e a forma que se via como se não soubesse o que era um sorriso.

Tocamos todas as canções que o Sr. Herrity selecionou para o período da primavera, e até o final ele acrescenta a que tocamos hoje na aula, dizendo, — Lauren, faz o solo, por favor? — Faço, mas minhas mãos estão fracas, minha mente ainda distraída, e ele só assente para mim quando termino e coloca todos nós para repassar a primeira canção novamente. Nos libera quinze minutos mais cedo, provavelmente para aliviar o golpe de nos fazer vir para um treino extra amanhã, e levo um tempo para recolher meu clarinete, guardando-o cuidadosamente, e verifico minhas linguetas, assegurando-me que tenho extras e que a que estou utilizando agora está





comodamente fechada em meu estojo. Kate ainda não estará lá fora, assim que não há necessidade de me apressar quando só vou terminar sentando-me por aí, esperando.

Quando terminei, chupo umas balas e vou ao banheiro. Lavo minhas mãos e fico de pé, olhando, como a água corre por elas. As mãos de Evan eram vermelhas, seus nós dos dedos em carne viva, como se tivesse estado em uma briga. Fecho a água e seco minhas mãos com cuidado.

— Lauren?

Percebo que alguém está dizendo meu nome e me viro para ver Gail olhando-me com curiosidade.

— Você está bem?

Assinto.

— Tem certeza? Parece... não sei. Um pouco perdida ou algo assim.

— Estou bem, — digo com dureza, mas duro do que eu queria, e Gail diz, — Okay — com o rosto ruborizando.

— Lamento... — digo, mas é muito tarde e ela já saiu pela porta. Suspiro e vou para fora.

Nada de Kate. Checo meu relógio: 5:02 p.m.. Olhando nos arredores do estacionamento, não vejo seu carro em lugar nenhum. Diabos. Ela não se esqueceu de mim – Katie é realmente boa para coisas como essas – mas ela provavelmente foi pegar seus irmãos e teve que falar sobre algo com o diretor





sobre seus programas extracurriculares. Ela tem que fazer um monte de tarefas como essa.

Sento para esperá-la. Gostaria de ter um carro, mas papai não me deixará usar o seu ou o outro nosso. Ele diz que é por que não confia nos outros motoristas, mas sei que o que quer dizer é que não confia em mim. No fundo, acho que ele se preocupa que se eu tiver um carro possa fazer o que mamãe fez, que ele poderia voltar um dia para casa e descobrir que fui embora. Não é como se fosse admitir alguma vez, mesmo eu o perguntando. Mas acho que isso é parte dele.

A outra parte poderia ser por que antes que cancelassem minha permissão para dirigir, consegui três infrações por excesso de velocidade.

Às 5:10 p.m. olho para os arredores do estacionamento novamente. Ainda não há sinal de Katie. Ela provavelmente levou Marcus com ela, e ele nunca fecha seu carro, assim posso ir sentar-me dentro e esperar.

Exceto que o carro de Marcus também não está no estacionamento. Merda. Isso significa que seus irmãos voltaram para casa de ônibus, e Marcus e Katie estão na casa dele. Agora terei que esperar aqui até as 6:30, quando a mãe de Marcus chega em casa e Katie tem que escapar pela janela por que a mãe de Marcus pensa que eles já passam muito tempo juntos. Penso em ligar para meu pai, mas ele estará em uma reunião ou em um lugar de trabalho e terei que deixar uma mensagem, e no





momento que receba será depois das 8:00 p.m.. Além disso, nem sequer estou certa de que ele saiba onde fica a escola.

Penso em fazer a tarefa, mas decido ao contrário. É o suficiente ruim ter que sentar e esperar por Katie, quem sem dúvida me levará para casa com um enorme sorriso no rosto e me contará tudo sobre o grandioso sexo que ela e Marcus acabaram de ter.

Terei que assentir e agir como se fosse igual para mim por que a única vez que Katie me perguntou sobre Dave e eu, não tive forças para dizer que não estávamos fazendo o que todo mundo acreditava que fazíamos. Para ser honesta, nem sequer posso imaginar eu e Dave fazendo sexo. Embora... fecho meus olhos, penso nas mãos de Dave sobre meu corpo, agarrando meus tornozelos, deslizando para cima por minhas pernas, fazendo círculos em meus joelhos. Penso sobre como baixaria seu olhar e veria suas mãos, sentiria a aspereza de seus nós dos dedos cortados quando girasse seus dedos para traçar – espera. Dave não tem nós dos dedos cortados. Maldição. Sinto meu rosto arder em vermelho brilhante e, com muita sorte, justo no momento em que sai o Sr. Herrity e diz, — Lauren, você está se sentindo bem?.

— Bem, — digo entre dentes, e não me permito pressionar uma mão em meu estômago, o qual está feito um nó e saltando.

— Alguém está vindo te pegar?

Assinto.





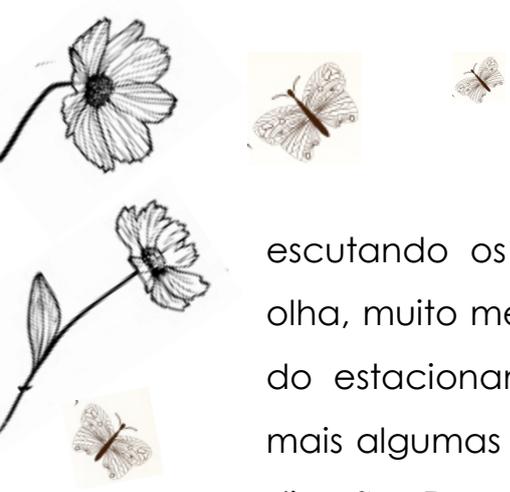
— Bem, — diz ele, e acrescenta, — Assegure-se de praticar essa peça que tocamos hoje na aula, — antes de caminhar para o estacionamento.

O que significa isso? Que acha que sou uma droga? Mas se ele pensava isso, por que estaríamos tocando essa peça novamente? Pergunto-me por uns minutos e depois olho o relógio novamente: 5:18 p.m.. Suspiro e abro minha mochila. Já tenho um grupo de tarefas. Durante o período de outono, os professores geralmente facilitam as tarefas durante os primeiros dias. Mas na primavera, esqueça. Inclusive tenho tarefas da aula de Axel. Você pensaria que sua aula interminável seria suficiente, mas, oh, não, temos leituras para fazer, e provavelmente falar amanhã e estarei presa sentada ali com Evan Kirkland do meu outro lado.

Evan de novo? O que há de errado comigo? Procuo em minha bolsa até que encontro o livro que estou lendo e o tiro. Ninguém está nos arredores, assim não tenho que preocupar que ninguém me veja. Mal posso esperar até a universidade, honestamente. Ainda não sei para onde vou – meu único critério é que seja algum lugar longe – mas quando chegar lá minha matéria principal será Inglês e passar quatro (bem, conhecendo-me, serão mais como cinco ou seis) anos lendo livros.

Leio até que escuto um grupo de pessoas saindo, vozes altas rindo e dizendo coisas realmente mórbidas sobre Clara Wright. Coloco meu livro novamente na bolsa e escuto. Depois de uma história particularmente detalhada que termina com Clara gritando. — Jack Harris é um deus! — Percebo que estou





escutando os garotos castigados, a quem Clara nem sequer olha, muito menos faz sexo com eles. Observo-os dirigir-se dentro do estacionamento e dispersando-se até seus carros. Surgem mais algumas pessoas, e noto algumas delas olhando em minha direção. Preparo-me para uma conversa que consistirá em suas especulações sobre o que mantém Dave interessado (se só soubessem que é minha habilidade para ir à igreja aos domingos e manter minha roupa posta), mas eles simplesmente saem e se encaminham para dentro do estacionamento.

Olho meu relógio novamente: 5:23 p.m.. Suspiro. Estou faminta, cansada, e quero ir para casa. Posso tirar meu livro de novo ou, ainda melhor, ligar para Katie e descobrir onde diabos está.

Enquanto estou revolvendo minha bolsa por meu telefone e esperando ter lembrado de recarregá-lo, percebo que um carro está parado no final do calçada e a pessoa dentro está me olhando. Escuto o rangido da janela do passageiro baixando. Evan.

Seu cabelo parece ainda mais escuro com a luz fraca, e seus olhos, observando-me, parecem ser ainda mais escuros. Não está sorrindo.

— Quer uma carona? — diz. Sua voz é muito tranquila. Não soa como lembro. Mary o chamava, às vezes, de — conversador— por que ela dizia que ele falava muito.





— Eu... — digo, e olho ao redor, insegura. Se há um modo de lidar com o olhar de uma pessoa que te faz sentir meio enjoada e estranha quando a vê, certamente eu não conhecia.

— Não importa, — diz, com a voz mordaz e desanimada ao mesmo tempo, e a janela do acompanhante começa a subir novamente, seu rosto desaparecendo.

— Espera, — digo, e me levanto. Caminho pela calçada. Quando finalmente chego ao carro, não sei o que fazer com minha bolsa ou a caixa de meu clarinete, e termino de certo modo tropeçando/caindo no assento. Sinto meu rosto em chamas vermelhas quando minha cabeça bate contra o ombro de Evan.

— Perdão, — sussurro, e me ajeito o melhor que posso, o estojo do clarinete junto aos meus pés e a bolsa no meu colo, como se fosse algum tipo de coberta. Ele liga o carro e estou muito contente, e temerosa que o rápido som surdo do meu coração fosse audível antes.

Ele não diz nada. Nem enquanto deixamos a escola, nem quando entramos na rua principal. Olho para ele quando estamos parados na luz do semáforo que alimenta o caminho por quase todas as subdivisões, e ele está me olhando. Nossos olhos se encontram por um segundo, e ele afasta o olhar rapidamente. Sinto-me estranha, completamente incapaz de focar-me em nada exceto o fato que estamos sentados muito próximos.





— Hm, moro... — digo, com minha voz saindo trêmula, com dúvida.

— No mesmo lugar que... que antes? — diz.

Tudo que posso controlar é um assentimento. Sinto-me como me senti na única vez que quase desmaiei. Houve um momento, justo antes que minha visão se estreitasse e me dissessem que sentasse, quando tudo parecia estar muito iluminado e brilhante, como se estivesse vendo algo oculto da forma em que havia sido sempre, como se o que conhecia como real fosse simplesmente uma sombra do que era na realidade.

Não me lembro do resto da viagem, na verdade. Lembro pensar que devia dizer algo, mas em lugar disso vi suas mãos no volante e fiquei olhando-as fixamente, olhando fixamente seus nós dos dedos. Lembro de sentir-me recuperando meu fôlego quando pensei no sonho acordado que havia tido sobre Dave e como não era sobre Dave em absoluto.

Lembro que quando me viu olhando, dobrou seus dedos, escondendo suas unhas de minha vista. Lembro que sua perna esquerda golpeava quando estávamos parados em uma parada de quatro vias, tremendo em um ritmo inquieto. Lembro que quando entramos na minha rua, ele deixou escapar um ofego, como se alguém tivesse batido nele, e disse, em voz tão baixa que não acho que eu deveria escutar, — Parece igual.

Lembro que parou no final do meu caminho de entrada, e que eu fiquei sentada ali por uns segundos antes de perceber que não ia mais longe, que não ia dirigir até a casa. Lembro que





me virei uma vez quando estava fora do carro, tocando torpemente minha bolsa e o estojo de meu clarinete. Ele estava me observando novamente, e desta vez quando nossos olhos se encontraram, não afastou a vista.

Quis dizer, — Obrigada, — educadamente, talvez até suntuosamente, como se todo o assunto não fosse grande coisa, mas o que saiu foi seu nome.

— Evan, — disse, e ambos nos movemos nervosamente com isso, como se houvesse uma corrente viva correndo entre nós.

— Tenho que ir, — diz, e se inclina para frente e fecha a porta. Não olho para trás para vê-lo partir, mas o escuto, o rugido de seu carro desvanecendo enquanto desaparecia pelo caminho.



Capítulo 04

Sou a primeira pessoa a chegar em casa, é claro. Sempre sou a primeira. Verifico meu correio de voz e meu e-mail, então tento decidir se eu poderia comprar um carro pela internet sem que papai soubesse. Aposto que não descobriria. Pelo menos não até que chegue a conta do cartão de crédito. Disso ele sabe. (Lauren realmente precisa gastar oitenta e cinco dólares em um corte de cabelo?) Seu problema é que não tem ideia de quanto as coisas custam. Mal posso esperar para ter a conversa sobre as matrículas universitárias.

Faço minha tarefa por um tempo, apesar de que meu livro de História permanece guardado no fundo da minha mochila. Dou uma olhada, só uma, e é como se estivesse no carro com Evan de novo. Evan. Foco e vejo que escrevi seu nome em um ensaio que eu deveria estar escrevendo para a aula de inglês. Pressiono a tecla de deletar e as quatro letras desaparecem. Depois de terminar escrevendo seu nome outras três vezes, me dou por vencida com a tarefa e desço para o primeiro andar.

O jantar desta noite é algum tipo de comida-em-saco que comprei na última vez que estive no supermercado. Papai preferia passar seu tempo livre trabalhando, assim que no minuto





em que consegui minha licença, assegurar que tínhamos comida passou a ser meu trabalho, o que está bem para mim, já que o mercado é o único lugar para onde me permite dirigir. E cozinhar, sou definitivamente a única pessoa que faz isso. Robin, a última namorada, era uma cozinheira bastante boa, e por um tempo houve jantares elegantes todas as noites. Então papai começou a chegar tarde em casa ou a faltar permanentemente ao jantar, e as refeições desapareceram.

Apesar de tudo eu aprendi algumas coisas, e depois que ela foi embora, continuei cozinhando para mim algumas coisas. Mas o problema com cozinhar é que você deve limpar depois que termina, assim é bem mais fácil fazer algo que vem em seu próprio recipiente ou usar sua própria frigideira. Eu como na mesa da cozinha, e fico olhando a piscina no pátio traseiro.

Papai chega em casa quando estou embaixo vendo televisão. Leva algo em torno de oitocentos minutos para entrar por que tem que cobrir seu carro para que não arranhe (aparentemente estacionar na garagem não é suficiente para protegê-lo) e então, enquanto está fazendo isso, sempre verifica seu correio de voz e termina devolvendo todas as mensagens.

Quando era menor costumava ir para a garagem para ouvi-lo falando, mas há um número determinado de conversas sobre janelas e — espaços abertos — e os muitos tons de bege que você pode escutar antes de se entediar. Além disso, papai continua em modo trabalho quando está no telefone, e o menor reconhecimento que se pode conseguir dele é uma breve saudação e o gesto de me-dê-um-segundo com o dedo, ao





qual aprendi logo o que significa, — Não até que eu termine com todas essas ligações.

Katie e eu estávamos conversando sobre a universidade uma vez, e ela disse que odiava a ideia de ter um companheiro de quarto. — Eu simplesmente quero meu próprio espaço, entende? — Ela disse, e eu respondi, — É claro, — mas a verdade é que eu gostaria. Tenho tanto espaço para mim mesma que não me importaria em renunciar um pouquinho.

Quando papai finalmente entra, e o escuto deixar sua carteira cair na mesa da cozinha e revolver o correio. — Lee Lee, — ele diz. — Está aqui embaixo?

Aumento o volume da televisão. Algumas pessoas gostam de apelidos. Não sou uma delas. Isso é por que cada vez que o escuto, lembro de quão horrível meu nome é, na realidade. Lauren Smith é chato, mas meu nome completo é – bem, certo. Meu nome completo é Lauren Lee Smith. De todos os nomes que eu poderia ter tido, esse é o que consegui. Lauren Lee Smith. Tem a personalidade de uma torradeira. Poderia ser uma torradeira. O modelo Lauren Lee Smith.

Papai entra na sala e desliga a televisão. — Lauren.

— Olá! — Digo alegremente. Ele suspira e então sorri para mim.

— Você é muito teimosa, garota? — Vê? Os apelidos? São horríveis. — Ah, mas você é teimosa de uma forma diferente, — ele diz. — Você é como... — Então ele para, e percebo que está





cansado por que o único momento que se descuida e quase menciona o nome de mamãe é quando não está dormindo bem, e isso nunca acontece a não ser que as coisas no trabalho não estejam indo bem.

— Venha e sente — , digo. — Vou fazer algo para comer.

Ele se senta no sofá e eu vou para a cozinha. Mas quando volto, ele já está dormindo. Deixo o sanduíche que preparei em um prato sobre o piano, o qual, certamente, nunca foi tocado. Teanna/Callie sugeriu que aprendesse a fazê-lo, para que a ajudasse a treinar para suas peças musicais. Depois da quarta aula ela decidiu se concentrar no cinema.

Enquanto vou para cima, papai me diz, — Ei, Lauren?

— Sim?

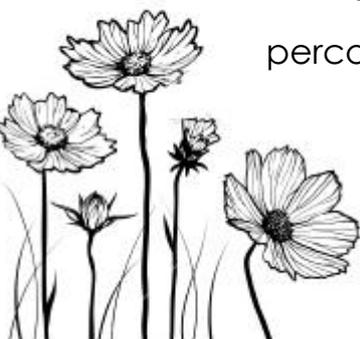
— Como foi o seu dia?

Hoje vi Evan, penso em responder. Lembra dele, papai?

Mas no lugar disso, eu digo. — Bem.

E então, quando Dave e eu conversamos mais tarde, numa rápida sessão de mensagens instantâneas enquanto tento terminar minha tarefa, isso é o que lhe digo também. Que estou bem, perfeitamente bem.

Quando estou escovando meus dentes antes de deitar, olho-me no espelho. Cabelo liso castanho, os olhos cinza da minha mãe. Também tenho seu nariz, até mesmo as sardas que o percorrem. Algumas vezes me pergunto se a razão que meu pai





não passa muito tempo em casa é por que a memória viva da minha mãe vive aqui. Apago a luz de meu banheiro e me meto na cama, fico olhando para o teto. Demora muito tempo para que eu consiga dormir.



Katie chega para me pegar de manhã, se desculpa oitocentos milhões de vezes por ontem e por não ter ligado para mim à noite. E depois diz, — Então, como chegou em casa?

— Eu... Isso que tem na sua camisa é tinta?

— O que? Oh, merda! Pensei que tinha tirado. Estava tentando terminar minha estúpida tarefa de inglês esta manhã, e enquanto estou lá sentada, escrevendo, de repente, aparece um lagarto em meu colo. Um lagarto! Disse para Harold e para Gerald que não é engraçado quando fazem isso, mas... — Ela suspira. — Crianças.

— Você está soando como se tivesse trinta anos ou algo assim — Eu digo; e passo uma toalha de papel úmida para ela, sentindo-me muito feliz de que tenha esquecido sua pergunta sobre como cheguei em casa.

Ela enrubesce um pouco e esfrega sua camisa. — Simplesmente estou cansada, — ela diz. — Os dois querem uma enorme festa de aniversário, por que estão completando nove





anos, e não sei como vou fazer os preparativos e manter em dia com as tarefas de casa e tem a escola e... — Ela para. — Aí está. Acho que consegui. Pode ver a mancha?

Eu sacudo minha cabeça, Katie não costuma falar muito sobre sua casa, e quando fala sempre soa assim, não entendo. Quero dizer, Harold e Gerald têm nomes horríveis – eles são gêmeos, assim dar-lhes nomes que rimam não é simplesmente cruel? – mas eles não são crianças ruins. De fato, eles realmente escutam Katie quando ela lhes manda fazer algo. A única vez que tentei trabalhar como babá não consegui que uma criança de três anos me escutasse.

— Sabe o que poderia funcionar? Diga a sua mãe sobre esse lugar de lazer. O irmão de Dave teve sua festa ali.

— Vou fazer isso, — ela diz, e joga o papel toalha, então coloca meu prato do café-da-manhã no lava-louças. Ela é maníaca por ordem. — Pronta para irmos?

Quando chegamos à escola, Katie estaciona no seu lugar de costume e, — encontra-se — com Marcus. Caminhamos para a escola juntos, ou melhor, dizendo, eles caminham na minha frente, com os braços entrelaçados ao redor do outro e uma das mãos de Marcus deslizando-se ocasionalmente para tocar sua bunda.

Dave se aproxima enquanto passamos pelo refeitório até a ala de nossos armários e me cumprimenta com um beijo na testa, envolvendo-me em seus braços em um rápido abraço.





— Deixe-me levar isso, — ele diz, e pega minha mochila, pendurando-a no ombro para que fique sobre a sua.

— Obrigada, — eu digo, e o olho. Juro, até mesmo seus dentes são perfeitos. E nunca teve cáries!

— John está realmente feliz que você vá ver seu jogo, — ele diz. — Estivemos treinando ontem à noite, e acho que ele poderia chegar ao máximo de habilidades estaduais este ano. Não seria fantástico?

Esse é Evan caminhando pelo corredor? Acho que é ele. Justo do outro lado. Aproximando-se de nós.

— Absolutamente, — eu digo, e Dave aperta minha mão. Paramos no armário de Marcus e ele e Dave se concentram em alguma conversa sobre esportes. Katie revira seus olhos e então verifica sua camisa. De novo.

— Está bem, — digo, e olho para o outro lado justo a tempo de ver Evan a menos de dois metros de mim. Hoje não há marcas em seu braço. Um de seus sapatos tem um buraco no dedão, um pequeno ponto desgastado. Ele afasta seu cabelo de seu rosto com uma mão. Inclusive sob a horrível e esverdeada luz fluorescente parece brilhantemente escuro. Percebo que está mais alto que Dave. Quando beijo Dave só preciso levantar minha cabeça um pouco. Para beijar Evan teria que olhar para cima, teria que esticar-me, colocaria meus braços em seu ombro, e então, quando ele se inclinasse para mim, seu cabelo acariciaria meu rosto. Fecharia meus olhos e...





— Para quem está olhando? — Katie me acotovela. Evan está caminhando na mesma direção que nós. Ele está me olhando. Pergunto-me se poderia saber o que estou pensando. Sinto como se estivesse escrito em meu rosto.

— Ninguém, — digo muito forte, muito animada e me inclino para apoiar minha cabeça no ombro de Dave. Ele se inclina para mim e me dá um beijo na cabeça. Escuto um coro de pequenos suspiros das alunas do primeiro ano que passam ao lado, e pelo canto do meu olho vejo Evan caminhando pelo corredor, e o observo desvanecer entre a multidão de pessoas que caminham para suas classes.

Tento não pensar sobre história mundial no fim do dia, e naturalmente na hora do almoço é a única coisa que consigo pensar. Clara sorri para Dave quando se encaminha para seu assento – ela se senta no final do salão, mas a mesa completa é sua e todo mundo sabe. Katie e eu temos algum tipo de assentos atribuídos, já que todos os dias chegamos com Dave e Marcus, e cada dia recebemos uma variedade de olhares do tipo, — Te conheço? — Clara diz, — Olá — para Marcus e então para, se inclina e sussurra algo em seu ouvido, olhando todo tempo para Katie. Katie finge não perceber, mas a vejo por no prato uma porção de pizza que estava a ponto de comer, com sua boca convertida em uma linha tensa.

Inclino-me e suspiro. — Ele nem sequer está escutando.

E ele realmente não parece como estivesse escutando. Ele está assentindo da forma como os garotos fazem quando as





garotas falam sobre algo que eles não estão interessados – o que significa qualquer coisa que não seja sexo, música ou esportes. (Exceto Dave, ele sempre escuta.)

Katie não diz nada, mas escuto seu suspiro de alívio quando Clara vai embora.

— O que queria? — Pergunta o garoto ao lado de Marcus, com admiração em sua voz. Gostaria de poder chutar-lhe.

— Só estava me contando sobre uma festa em sua casa nesse fim de semana, — diz ele, e então pergunta para Dave. — Vai?

— Não. Tenho outras coisas para fazer.

Então há algumas risadas sugestivas e a habitual merda dos garotos, onde todos se olham e dizem coisas sobre nós. Dave sorri, parecendo totalmente despreocupado, mas então, enquanto continuam e ficam mais gráficos, seus ouvidos ficam vermelhos.

Eventualmente, ele se afasta da mesa e se levanta. — Quer caminhar um pouco? — Ele diz, e eu assinto. — Sinto muito, — ele diz quando estamos lá fora, e eu penso sobre como todos acham que ele saiu para me salvar de ficar envergonhada, e como esse definitivamente não é o caso.

— Você vai fazer algo nesse fim de semana? — Eu lhe pergunto.





— Meus pais querem ir para um retiro familiar. Estivemos falando em visitar escolas, mas esta pode ser uma oportunidade para fazer planos e assim por diante. Quer vir conosco?

De jeito nenhum. Eu já fui a um retiro familiar. Passamos o fim de semana em um bosque, falando sobre nossos sentimentos e fazendo planos para nosso futuro. Naquela época, Dave e eu estávamos saindo há quatro meses, e pensei que isso era muito legal. Quero dizer, não só tinha um namorado, tinha um namorado que estava feliz em falar do nosso futuro. Mas, desde então, tudo que Dave e eu temos feito é falar, assim não tenho muita vontade de ir novamente. Além disso, eu gosto de ficar em lugares com aqueduto. E banheiros.

— Acho que é melhor eu ficar aqui. Disse para Katie faz um tempo que iria com ela e Marcus para uma festa. Sabe que ela se preocupa que Clara decida que o quer de novo.

Dave assente. — Na próxima vez, então, — ele diz, e me salvo de responder-lhe quando soa o sino e temos mais aulas. Eu pretendo prestar atenção, quando realmente estou pensando em história. Entro na sala, e é como se tudo dentro de mim estivesse – não sei. Como se estivesse a todo volume ou algo assim. Sinto-me exaltada, estranha, e então noto que o assento na frente do meu está vazio.

Sento, e fico olhando para minha carteira, e me sinto desapontada. Por que? Acho que sei. Então Evan entra na sala, e estou certa disso, por que no momento em que o faz, o sentimento de antes fica ainda mais intenso. Senta, então posso





ver um de seus sapatos, o do buraco no dedo. Subo um pouco minha vista e posso ver seu joelho. Um pouco mais e posso ver seu... Olho de novo para a carteira. Agora definitivamente estou exaltada.

Axel chega à sala queixando-se e começa a falar. Jack Harris, quem imagino que já deve ter se recuperado de ontem, diz algo fortemente uns minutos depois dela. Axel deixa de falar e aplaude lentamente, sarcasticamente, e então pergunta se ele gostaria de continuar e nos fazer perder outro exame. Então, continua justamente de onde parou. Ninguém diz nada mais. Tenho tanta vontade de olhar para Evan que me assusta um pouco. Mas consigo aguentar até a metade da aula para fazer isso. Ele está inclinado um pouco para frente, escrevendo em seu caderno. Suas mãos... Nem sequer sei que palavras usar para elas.

Ainda parecem maltratadas, suas unhas ainda estão roídas, mas seus dedos são longos, e observo como se flexionam e sua mão se move com graça através da página. Axel enfatiza algo passando o giz no quadro, e Evan olha para cima. Fico olhando-o, eu sei, mas não consigo parar. Suas mãos ficam quietas. Ele me olha. Sorri um pouco, um pequeno sorriso torto. Eu sorrio para ele de volta. Ele pisca como se eu o houvesse assustado e olha para baixo. Então, olha para mim de novo. Eu sinto como se tudo ao meu redor tivesse desaparecido. O mundo inteiro se reduz a nós e a como estamos nos olhando, é como se o fato de que nos conhecêssemos antes estivesse ali, e importa, mas há algo mais.

Algo mais.



Penso nisso e que tenho treino na banda de jazz de novo.

Como vou ter que esperar Katie depois. E espero poder vê-lo.



Capítulo 05

E o que viria pela frente.

Depois da prática da banda de jazz, tal como previsto, tive que esperar por Katie. Desta vez, no entanto, não estou ansiosa, e quando um carro que se parece ao dela pára no estacionamento, sinto meu estômago se revirando. Não é ela, deixo escapar um suspiro entrecortado, pego meu celular, e ligo para ela. E minha ligação vai diretamente para seu correio de voz (ainda deve estar com Marcus), e eu lhe digo que tenho que ir para casa. Logo que desligo, me sinto realmente estúpida. Brinco com minha bolsa, ligo para seu correio de voz novamente, e logo desligo por que os garotos que estavam na detenção, vão pelo caminho até seus carros.

Quando o último deles passa, vejo Evan. Ele me olha durante um segundo e logo olha para o outro lado. Estou vagamente consciente que o estacionamento está vazio. Sobretudo estou consciente de que estou aqui em pé como uma massa congelada. O que é que estou esperando? Quando o último dos garotos sai da unidade de detenção, Evan me olha de novo. E ele está caminhando para mim.





Começo a empurrar meu livro para dentro da minha bolsa, e logo penso que talvez vá parecer estranho, como se eu estivesse esperando que ele saíssem ou algo assim. Acabo com minha mão encaixada na minha bolsa, como se tivesse ficado presa ali ou algo assim. É engraçado, mas nunca me senti tão nervosa ou estúpida ao lado de Dave.

Evan para a poucos metros de mim e mete as mãos nos bolsos.

— Precisa de carona? — Assinto com a cabeça, e caminhamos em silêncio até seu carro. Sei que deveria dizer algo, qualquer coisa, mas a verdade é que se me pedissem que pronunciasse meu nome neste momento, não estou certa se poderia fazer. Continuo olhando-o, às escondidas, de soslaio, olhando a maneira em que seu cabelo cai na nuca, a forma em que a bainha da camisa está um pouco desgastada. Quando chegamos no carro, ele abre primeiro a minha porta, e logo fica aí por um segundo.

Logo abre a porta e se vira para mim. Seu rosto está um pouco ruborizado.

— Só tem que jogar as coisas para o assento de trás. — Murmura.

Recolho algumas camisas, alguns jeans, e um desses copos de plástico grande de suco que vendem nos postos de gasolina, assim, empurro tudo para trás. Ele parece levar toda a sua roupa no carro. Ontem não percebi isso. A verdade é que não me fixei em nada que não fosse ele.





Saímos da escola em silêncio. Seguro minha bolsa e me sinto estúpida. Gostaria de poder dizer algo, mas não posso. É como se estivesse paralisada, queria poder falar com ele. É que não consigo pensar em algo para dizer. Mas devo dizer algo. Duas palavras. Uma delas, inclusive.

No semáforo, com as mãos segurando o volante. Diz em voz baixa. — E então... Como foi o ensaio da banda?

— Eu não... não estou na banda.

Ele me olha e um sorriso floresce em seu rosto. Um verdadeiro e honesto – sorriso de Deus. Sinto que não consigo respirar.

— Tem certeza? — Diz, e continua sorrindo e olha meu clarinete.

Oh, demônios. — Estou na banda de jazz.

— Ah — , diz, mas sua voz segue sendo tranquila, mas não tão séria, quase brincalhona. — Há uma grande diferença, suponho. O que toca?.

Não discuti voluntariamente sobre música com alguém em anos. Papai não sabe nada, eu acho – ele nunca está em casa, quando treino, e nunca me incomodei em convidá-lo para qualquer um de meus concertos. Nem sequer para Katie e me refiro que só fiz indiretamente, assim como quando me passa as pastilhas de menta ou o creme hidratante.

A Dave lhe perguntei sobre isso quando começamos a sair, e inclusive mencionei se ele gostaria de me escutar tocando,





mas sempre mudava de tema, quando eu falava disso, e finalmente deixei de perguntar. Mas agora me escuto dizer, — Clarinete. Faz cerca de sete anos que toco.

— Você é boa?

— Não.

Ri, e se antes tinha problemas, para vê-lo, agora era pior. Quando ele me olha de novo, seu sorriso está mais relaxado, ensolarado, e seus olhos estão brilhantes.

Durante o resto do trajeto falamos sobre música. Ele pergunta sobre os temas que estávamos tocando, e antes de perceber estou dizendo tudo sobre o que estou tocando na aula e também que o Sr. Herrity passa mais tempo conosco durante a prática.

— Continuo esperando que ele retorne com a ideia de realizar um concerto, mas...

— Então eu poderia escutá-los tocando em uma assembléia ou algo assim?

— De maneira nenhum, — digo, e seu sorriso desaparece. — Quero dizer, não tocamos na escola. E se assim fosse, teria que deixar tudo isso por que não quero que ninguém saiba que estou na banda de jazz... — Estou consciente de que é a coisa mais incrivelmente estúpida que eu já disse, logo que eu terminei de dizer. — Quero dizer, não é que você...

— Entendo, — diz, e sua boca se comprime em uma linha fina.





— Não, é só que... não estava pensando, — digo-lhe. — Quero dizer, não falo muito sobre música. Meu pai nem sequer sabe que toco é... privado, algo que é só meu.

Atrevo-me a olhar para ele. Ainda não está sorrindo, mas ele me olha e a forma como faz, sinto que me falta à respiração. Ele me olhava como se eu fosse a única coisa que ele queria ver. O carro de trás toca a buzina, e reagimos.

— Entendo, — diz outra vez, mas agora soa totalmente diferente. Falamos um pouco mais sobre música. Ele me diz que estive em uma banda por um tempo. — Não era uma banda muito boa, — diz com um sorriso. — mas foi muito divertido enquanto durou.

— Que instrumento você tocava?.

— Triângulo.

Rio. — Triângulo?

— Era uma banda experimental.

— Aham. Deixe-me adivinhar...— Eu olho para ele e inclino minha cabeça um pouco para o lado, observo-o e digo. — Você tocava teclado.

Ele sorri.

— O que disse?.

— O fato de que no Natal não deixava de tocar aquele horrível teclado que tinha. Ainda não posso escutar ninguém tocá-lo.





— Oh, já sabe que está ciumenta pelo meu talento natural.

— Sim, se precisar de um gênio para assassinar uma canção com o quê, quatro notas nela?

— Realmente gostei muito dessa coisa, — diz, — Mas Mary o jogou depois que nós fomos embora. Ela disse que lembrava...

— Fica em silêncio. Ambos ficamos. Nós dois sabíamos como terminava a frase. Meu pai comprou o teclado para Evan, e Mary se lembrava dele.

— E o que aconteceu com a banda?

— Acabou.

— Por quê?

— Por que me mudei para cá, — diz.

— Oh — digo. — Sinto muito. — Queria perguntar-lhe, o que tinha acontecido com ele, e sobre a carta que há muito tempo Mary enviou da Flórida e como é que Evan terminou lá e agora voltou para cá, mas não podia dizer ou citar nada remotamente relacionado com meu pai por que não seria boa ideia.

Dá de ombros. — É melhor assim. Com o trabalho todo que tenho não teria tempo para isso.

— Bem, talvez você pudesse começar outra, ou algo assim, — eu digo. — Quer dizer, você não vai ficar para sempre na detenção, não é?

— Detenção?





— Sim, depois da escola, você sabe? — Brinco com ele!

— Eu não estou, fico depois da escola para fazer a tarefa. Com o tempo que me leva para chegar em casa, só teria cerca de uma hora antes de sair para trabalhar e é mais fácil...— Ele para. Viramos para o meu caminho.

— Oh. — Não quero que nossa conversa termine assim. Não quero que termine. — Onde... — Clareio minha garganta. — Onde você trabalha? — Tento pensar na loja no centro comercial onde poderia trabalhar. Eu sei... bem, certo, de vez em quando, eu recebo um olá... de dois garotos que trabalham nessa loja de moda, o trabalho que fiz com Katie na pizzaria no versão passado. Nenhum desses lugares se parecia com algum lugar onde ele trabalharia.

— No Armazém Anderson de carga.

— No... no armazém? — Não conheço ninguém que trabalhe no armazém. É enorme e uma das poucas empresas reais em Hamilton, era uma fábrica da cidade até que todos fecharam e com as baixas gerais dos trabalhadores, estes começaram a mover-se para Anderson, supostamente enviando material, a madeira ou algo assim de todo país. Sei que os pais de algumas pessoas trabalham lá, mas alguém da minha idade? Nunca.

— Eu não sabia que contratavam por meio período.

— Não contratam.





Olho para ele e pergunto-lhe. — Então, como é que você trabalha lá? — Sorrio para ele, mas não é realmente um sorriso. É uma curva ascendente de brincadeira, um sorriso que não é realmente e não posso dizer se está dirigido para mim ou ele ou ambos.

— Eu trabalho à noite quando posso. Não é exatamente um trabalho oficial, mas pagam muito bem se posso trabalhar de seis as duas.

— Isso é terrível, — eu digo, e se estremece como se eu tivesse golpeado-lhe.

— Tenho que fazer isso, — ele diz, ferozmente. — Preciso de um trabalho.

— Por quê?

Ele só me olha. Sinto-me muito estúpida, de repente. Por que alguém precisa de um trabalho? Dinheiro.

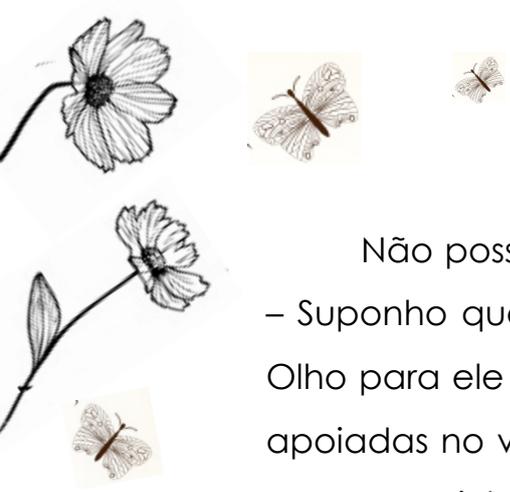
— Desculpe. O que você faz?

— Cargam, — diz, brevemente.

— Carga?

— Eu descarrego os caminhões, — diz. — Olha, eu não deveria ter dito nada. Eu... Prometa-me que não dirá a ninguém. Pagam-me por debaixo da mesa e assim eles não precisam utilizar os tipos da União e se alguém descobrir – eu não posso permitir que isso aconteça.





Não posso acreditar que trabalha no Anderson. E o que faz – Suponho que isso explica as marcas de graxa no primeiro dia. Olho para ele agora, está sentado olhando para frente, as mãos apoiadas no volante como se estivesse com raiva. Abro a porta, pego as minhas coisas. Olho para trás e ele segue exatamente na mesma posição, exceto que agora vejo que não está irritado. Está cansado. Sozinho. Há um machucado em sua mão direita. Inclino-me e faço contato com a sua pele, logo sigo para a direita ao longo da linha de seu pulso. Em um segundo, eu sei que é exatamente o que eu sempre quis... tocá-lo. Quero tocá-lo.

— Não vou dizer para ninguém, — digo-lhe, e se vira para me olhar, sua mão se movendo, deslizando sobre a minha e é agora quando percebo outra coisa que quero.

Quero que me toque.



Capítulo 06

Na manhã seguinte digo a Katie que não preciso que ela me dê uma carona para casa depois do colégio.

— Por que? — Ela diz, fazendo sinais para que eu recolha o pedaço de papel da barra de granola que deixei cair acidentalmente no chão do carro.

— Maníaca por ordem, — digo enquanto faço isso, brincando. E mudo de assunto. — Não sei como você faz para manter isto tão limpo. O que você faz com seus irmãos? Subornam-os para que não joguem nada?

— Sim, — diz, e sorri. — Está certa que não quer que eu te espere. Não tenho que pegar Harold e Gerald até as quatro, assim não me importa.

— Tudo bem, é só que vou para a biblioteca, — digo com indiferença. Bom, pelo menos, tentei. Na verdade, saí algo muito apressado e mais parecido com, está-bem-é-só-que-vou-para-a-biblioteca.

— Não pode caminhar até lá! Bem, poderia, mas já terão fechado quando você chegar.

— Não, — digo. — A biblioteca do colégio.





— A biblioteca do colégio? — O que ela não disse, mas eu ouvi perfeitamente, foi, — Ao lugar onde os maiores perdedores se juntam, e inclusive, só durante o almoço para que ninguém veja que eles não conseguem encontrar ninguém com quem se sentar?.

— Sim. É que...— Pensa, Lauren, pensa! Por que diabos eu teria que ir a biblioteca do colégio? Evan. Mas não posso dizer isso. Mas posso dizer...

— Axel — , digo, e logo, com mais confiança. — Axel. Ela quer que escrevamos um ensaio.

— E só podem ocupar a biblioteca do colégio? — Assenti, e mentalmente cruzei todos os meus dedos das mãos e dos pés.

— Vai perceber. Todos são tão estúpidos em sua aula que perceberá que eles não podem encontrar, na realidade, a biblioteca.

Clareio a garganta. Quando ela me olha, levanto uma sobrancelha e a olho com desdém.

— Não você, imbecil, — ela diz, com um sorriso. — Mesmo você comendo barras de marshmallow cobertas de chocolate no café da manhã.

— Barras de granola com marshmallow e cobertas de chocolate. A granola é nutritiva.

— Você está soando como Harold e Gerald.





— Você está soando como uma mãe. — Pergunto-me se a minha soaria assim se ela ainda estivesse por aqui. De certa forma, duvido.

Espero que Katie ria, mas ela só suspira e diz, — Sim.

— Você está bem? — Pergunto.

— É só que estou cansada, — diz, e paramos no estacionamento. — Avise-me se mudar de ideia a respeito da carona para casa.

Assinto e olho pela janela. Quando me ocorreu esta ideia ontem à noite, parecia ser realmente boa. Mas agora vejo Dave caminhando até nós. O sol está brilhando em seu cabelo, e todas as cabeças se viram para segui-lo enquanto atravessa o estacionamento. Ele parece quase muito perfeito para ser real, e está sorrindo para mim.

— Ei — , diz, quando saio do carro, e por um segundo, é como algo tirado de um filme: Eu – a garota normal – saindo carro, e ele – o garoto perfeito – tomando minha mão e sorrindo. Só que assim é como parece. Como se eu estivesse assistindo um filme. Olhando sua mão segurar a minha, não sinto muito mais que preocupação por não sentir nada mais. Quando começamos a sair eu sentia muito mais – espanto pelo fato de que ele quisesse ter um encontro comigo, nervosismo por que não deixava de me perguntar quando ele decidiria que não queria continuar. Agora sei exatamente o que vai dizer, e eu digo — 6:30 p.m. — antes sequer que ele termine de dizer, — A que horas eu devo te pegar esta noite?.





— Vocês dois bem que poderiam estar casados, — diz Marcus, saindo de trás de nós e envolvendo seus braços ao redor de Katie. Ela ri como se fosse a coisa mais engraçada jamais dita, e caminham até a escola, agarrando-se um ao outro. Reviro meus olhos para Dave.

Ele sorri e diz, — Acho que simplesmente somos o casal perfeito.

Isso não existe, quero dizer. Mas não faço isso, porque se fizesse, Dave argumentaria que é claro que poderia ser, que eu deveria apenas olhar para seus pais. Que eu deveria olhar para nós mesmos.

— Acho que sim, — digo, e entramos no colégio com as mãos dadas, parando a cada poucos metros porque alguém quer falar com ele. Enquanto nos aproximamos do corredor onde estão nossos armários, passamos perto de Evan. Ele está se apoiando contra a parede, concordando com o que alguém está dizendo. Não posso ver com quem realmente está falando – muita gente está caminhando por aí – mas posso ver Evan. Ele não parece saído de um filme. O machucado em sua mão está da cor verde amarelado, e tem um arranhão em sua mandíbula, uma fina linha vermelha de aspecto ameaçador sob as luzes. Ele parece cansado. Ele parece real.

— Sei que prometi a você na semana passada que te levaria para casa hoje, — está dizendo Dave. — Mas – bom, prometi que ia falar com o Treinador sobre meu horário de treinamento. Ele acha que temos uma boa possibilidade de





chegar às finais estaduais, e na verdade, não quero decepcioná-lo.

Evan olha além de quem quer que esteja falando com ele, e nossos olhares se encontram por um segundo. Só um segundo, mas é o suficiente para que eu sinta um milhão de coisas diferentes.

— Está bem, — digo. — Não importa.

Depois da escola vou para a biblioteca. Nunca tinha estado ali, mas era exatamente como eu pensei que seria, mortalmente silenciosa e com filas e filas de livros que pareciam que nunca tinham sido tocados. A bibliotecária parece surpresa quando entro, e entrecerra os olhos enquanto caminho pelos corredores, como se pensasse que eu repentinamente poderia começar a meter os livros na minha bolsa. Suponho que na realidade ver alguém aqui seja realmente uma surpresa, de qualquer forma. Arrasto minha mão ao longo de uma estante, só para irritá-la – agora entendo por que ninguém vem aqui; Quero dizer, há alguma biblioteca que precisa de dez cópias de Moby Dick? – e logo bato meus dedos contra o final dela por que vejo Evan sentado em uma mesa, observando-me.

Não sei o que é pior, se o fato de que minha mão tenha batido na estante e tenha feito o som mais forte do planeta ou o fato de que dói tanto que acho que eu poderia ter quebrado todos os dedos. A bibliotecária pigarreia, e quando a olho, ela indica um letreiro que diz, SILÊNCIO, POR FAVOR.





— E eu que planejava me jogar no chão e começar a gritar, — sussurro, e acho que há ainda mais silêncio ali do que achei, porque vejo sua boca se torcer, brevemente, antes que suas sobrancelhas se juntem. Ouço uma risada não-muito-silenciosa e olho nessa direção, e vejo Evan sorrindo para mim. A bibliotecária pigarreia novamente, e ele converte sua risada em tosse.

Sorriso para ele e sorri de volta por um segundo, um sorriso amplo e real tão grandioso que é quase letal, logo olha para seu livro. Logo me olha novamente. E bem, este era o mais longe que meu plano chegava de ir-a-biblioteca-para-ver-Evan. E para ser honesta, não incluía bater a minha mão contra a estante, mas, de qualquer forma, eu não me importava muito com isso, já que Evan continuava sorrindo. Mas eu não sabia o que fazer agora. Está claro que eu preciso exercitar minhas habilidades de planejamento.

Viro-me novamente e olho para a estante. Não acho que alguma destas cópias de Moby Dick alguma vez já foi revisada. Mexo em uma delas enquanto penso no que fazer depois.

— Ei. — Evan. Ele está parado ao meu lado, tão perto que quando o olho nossos cotovelos se roçam. — Sua mão está bem?.

Por só uma vez, posso ser o tipo de garota que pode entrar em um lugar e sacudir seu cabelo assim? Será que sempre devo ser – bom, eu mesma? Olho minha mão, e movo meus dedos.





Todos funcionam. A única coisa que está ferida é minha dignidade. — Sim.

— Tem certeza? — E logo ele estende sua mão e pega a minha, segurando na sua enquanto olha meus dedos. Esqueçam sacudir o cabelo. Esta foi a melhor ideia do mundo. Deveria pensar em algo para dizer. Rápido.

— O que está fazendo aqui? — Oh, que excelente pergunta. Não importa o fato que ele já tenha lhe dito que ele vem para cá fazer a tarefa, Lauren. Agora ele pensa que você é brega e estúpida. Ótimo.

— Estudando, — diz. — E você?

— Hm... Só. Você sabe. Estudando. Também.

Ótimo. Muito brilhante. Afasto minha mão da sua e fixo meu olhar novamente na estante. Talvez pudesse simplesmente cair sobre mim neste instante e me tirar desta miséria que posso ver agora. Lauren Smith, morta pela vergonha e uma avalanche de Melville. Aparecerá em minha lápide. Ele fica calado por um segundo, e me atrevo a olhá-lo novamente. Ele está me olhando, mas no segundo em que olho para ele, ele fixa seu olhar na estante, e enterra suas mãos nos bolsos.

— Quer, talvez você queira sentar comigo?

Olho para ele fixamente. Não é que eu não queira. Obviamente quero, por isto estou na biblioteca da escola, pelo amor de Deus. Mas ele somente veio e perguntou? Eu gostaria de ter pensado nisso antes. Ele me devolve o olhar, e não está





sorrindo. De fato, ele quase está me olhando com o cenho franzido. Repentinamente percebo que ele está nervoso, assim como eu, mas ele seguiu adiante e assumiu o risco. As pessoas geralmente não fazem isso. Quero dizer, sei que as pessoas acham que os adolescentes passam o tempo nus nos carros e esse tipo de coisa, mas, na verdade, a escola secundária não é realmente um ambiente que te dá coragem para fazer outra coisa que não seja exatamente o que todo o resto está fazendo.

Nunca me ocorreu que as coisas poderiam ser, já sabem, fáceis. Mas podem ser, por que quando digo, — Claro, — sai sem problemas.

A bibliotecária para e faz um circuito ao redor da sala quando me sento na frente de Evan, fazendo uma pausa na frente da estante em que bati minha mão e checando cuidadosamente cada livro, contando a fila de cópias de Moby Dick três vezes antes de se dirigir novamente para sua mesa.

— Acho que eu deveria ter colocado alguns deles em minha bolsa — , sussurro e Evan ri novamente, fazendo com que nós dois ganhemos outro pigarro.

— Você deveria tê-la visto no primeiro dia que vim, — diz. — Ela caminhou ao longo da sala umas oitocentas vezes. Acho que talvez pensasse que eu faria um percurso pelas estantes se ela não fizesse isso.

— Deus, não permita que se aventure perto das revistas, — digo, e ele sorri de volta, outro desses letalmente incríveis sorrisos. Ele tem um pequeno espaço entre dois dentes frontais, e sei que





isto soa louco, mas o fato de vê-lo faz com que todo o meu interior se revire. Sinto como se estivesse flutuando, e a parte mais grave é que gosto.

Estudamos por pouco tempo. Bom, não realmente. Tentei, algo assim, mas quando a bibliotecária parou e nos olhou brevemente antes de desaparecer na parte de trás, já tomei cerca de meia página de notas, e me refiro a que copiei cerca de um parágrafo do livro de História do mundo em meu caderno.

Faço desenhos na folha e levanto a vista. Ele está me olhando de novo, e desta vez não afasto o olhar. Se fosse capaz de escrever poesia – coisa que não sou – poderia escrever um poema sobre este momento, sobre ele me olhando. Ele me olha de uma forma que nunca ninguém olhou, de uma forma que me faz sentir nervosa, timidamente respiro profundamente.

— Como está Mar... sua mãe? — No momento que digo isso, desejo ter dito outra coisa, porque uma sombra cruza por seu rosto.

— Bem. Como está...? — Faz um gesto distraidamente. Sei de quem está falando.

— Bem, acho. Não o vejo muito.

— Nunca está em casa? — Escuto Mary nessa frase, nas brigas que ela e papai costumavam ter.

— Sim, o trabalho o mantém, você sabe, ocupado.

— O trabalho? — Definitivamente ouço Mary agora.





— Sim, na verdade, ele deixou de ter encontros.

— Deixou de ter encontros?.

— Bem, veja... — Não estou certa de como continuar. — Tudo bem. Ele teve três namoradas depois de... — Paro, não querendo mencionar Mary neste momento. — Bem, todas elas se mudaram, e faziam gigantescas cenas quando iam embora, assim depois da última, eu disse que se ele quisesse fazer isso de novo, iria ter que esperar eu ir para a Universidade.

Evan faz um som muito evasivo, e logo diz, — Continua desenhando casas?

— Sim. E sua mãe?

— É enfermeira.

Sorrio, lembrando como costumava se preocupar com Evan e comigo quando ficávamos doentes. Era agradável ter alguém que se preocupava.

— Aposto que é excelente nisto.

Ele assente. — É. Depois... depois, de tudo que aconteceu, nós nos mudamos para a Flórida, para viver perto de meus avós, e conseguiu seu diploma técnico e trabalhou para um hospital dali. Depois lhe ofereceram um trabalho em Flemington – você sabe, nas montanhas, então voltamos a nos mudar. Ela decidiu tirar sua licenciatura e fez seu primeiro ano lá, depois nos mudamos para Suffolk no segundo ano, por que conseguiu um trabalho ainda melhor lá. Quando se formou no outono recebeu uma oferta de trabalho no novo Hospital Hamilton. Mudamos-nos





para cá um dia depois do Natal. A terceira vez que nos mudamos nos últimos três anos.

— Então esta é sua...

— Minha terceira escola secundária. E a única em que tive que pegar a estúpida aula de História do Mundo por requerimento para poder me formar, apesar do fato de que é uma eletiva.

— Eu sei! — digo. — O que é isso? Quando tentei sair dela, perguntei sobre isso. Quero dizer, como pode ser obrigatória uma eletiva?

— Foi o mesmo que eu perguntei. Aposto que disseram para você o mesmo que disseram para mim.

— É obrigatória por que tem que assistir para poder se formar. É eletiva por que é uma aula trimestral, — dizemos junto, e sorrimos. Ele começa a dizer algo mais e depois olha seu relógio.

— Merda, tenho que ir, — diz, e começa a recolher suas coisas.

Espero alguns segundos, mas ele não me oferece uma carona. Pouso meu olhar sobre meu caderno e espero que meu rosto não esteja tão vermelha como sinto. Justo quando acho que entendo os garotos, compreendo que não os entendo de jeito nenhum. Desejo poder dizer algo, embora seja um simples — Até logo, — mas todas as minhas palavras parecem estar presas





em minha garganta. Resolvo que simplesmente não olharei para cima, como se não me importasse que esteja indo.

Ele já pegou todas as suas coisas, mas ele ainda não foi embora já que ainda consigo ver seus sapatos enquanto estou sentada ali fingindo olhar meu caderno. Estou pensando que talvez ele queira que eu pegue minhas coisas e vá primeiro, mas não há forma que eu possa fazer isso, já que não tenho como ir para casa e tenho que esperar que ele se vá para ligar para Katie para ver se ela pode vim me pegar.

Finalmente olho para cima, e ele está parado ali me olhando, com a expressão mais estranha em seu rosto, como se ele soubesse que deveria dizer algo, mas não pudesse evitar fazer outra coisa. Quando vê que estou o olhando, afasta o olhar, olhando fixamente para o chão e passando uma mão por seu cabelo. Seus dedos estão tremendo um pouco.

— Quer... quer uma carona para casa? Ou está esperando alguém?.

— Só deixe-me recolher minhas coisas, — digo, e a expressão em seu rosto muda, esse sorriso, esse verdadeiro, mudando, e eu já disse que sinto como se estivesse flutuando? Por que isso é o que sinto. Na verdade, eu sinto.



Capítulo 07

No caminho para minha casa, Evan fica calado e se mantém olhando para o relógio. Pergunto-me o que aconteceu com o garoto que estava rindo há alguns poucos minutos atrás, pergunto-me o que aconteceu para deixá-lo tão calado, e preocupado. Mudo um pouco de posição em meu assento enquanto damos a volta em minha rua e sinto um pedaço de papel sob meu pé. Olho para baixo para encontrá-lo. Diz, AVISO DE SEGURANÇA em letras grandes, e a frase debaixo diz, ARMAZÉM DE CARGA ANDERSON VALORIZA O TRABALHADOR!

— Está atrasado para ir ao trabalho? — Pergunto.

— Um pouco. Eles me ofereceram horas extras essa semana e posso pegá-las assim que...

— Desculpe — Digo — Não precisava me trazer para casa.

— Eu sei, mas queria fazer isso.

Queria fazer. Eu poderia estar sentada em seu carro, mas, na verdade, estava flutuando. E então, no final do caminho da entrada, ele pára o carro e eu deveria recolher minhas coisas. Exceto que não faço isso. Só estou sentada ali, fazendo com que ele se atrase mais por que não quero ir. Vejo-o olhar de novo





para o relógio, rapidamente, e digo, — Sinto muito, — uma vez mais, envergonhada e começo a recolher minhas coisas.

Ele diz, — Lauren, — tocando meu pulso e me congelo, olho-o fixamente. Ele me olha fixamente. Seus olhos são tão marrons que parecem como se fossem quase negros e o olhar neles me faz segurar o fôlego. Ele se inclina um pouco, aproximando-se e eu quero que me beije.

Desejo tanto que me beije que sinto como se todo o resto houvesse desvanecido, sinto que ele e eu somos as únicas duas pessoas no mundo. Estou, de certa forma, num momento que sempre pensei que nunca seria real, algo que só acontecia nos livros, na televisão e nos filmes.

Nunca achei que realmente havia um momento onde você sabe que algo vai acontecer e só está esperando por isso, cada pensamento foca no que você quer que se torne realidade ou o que espera...

— Alguém está na estrada... — Diz Evan, com espanto em sua voz, eu observo, vejo o carro de Katie. Ela está sentada na escadaria, sombreando seus olhos com uma mão, e olhando o carro de Evan. Olhando a mim no carro de Evan.

Volto o olhar para ele e digo, — Obrigada de novo pela carona, — mas o momento se foi completamente e nós dois sabemos, por que o sorriso que ele me dá é rápido e entre dentes, um pouco amargo e não realmente verdadeiro, e seu, — Claro, não há problema — , é educado e nada mais.





— Quem era esse? — Ela pergunta enquanto estou caminhando pela entrada.

— Um garoto da classe de Axel. Você está há muito tempo aqui?.

— Está falando realmente rápido, — ela diz. — O que significa que não quer que eu te pergunte quem te trouxe para casa. O que significa... Oh, meu Deus, diga-me que você não estava no carro com Jack Harris!

Entrecerro meus olhos, olhando-a. — Sim. Paramos e roubamos um banco no caminho. Pode esconder uma bolsa de dinheiro no seu carro?

Ele se ri e nos dirigimos para dentro da casa. Não me viro para ver o carro de Evan se afastar, embora eu queira fazer isso.



Enquanto estou me arrumando para sair com Dave, continuo pensando em Evan. Continuo pensando em nós dois no carro, sobre ele dizendo meu nome. Katie está falando, mas eu não estou ouvindo nem uma palavra do que ela está dizendo.

Ela cambaleia através de minha cama enquanto estou lavando meu rosto e justo quando estou jogando água ao redor, tentando que não caia sabão em meus olhos, ela diz, — Então, quem trouxe você para casa?.





— Pode me passar uma toalha? — Pergunto, olhando fixamente para a pia. Ouço-a levantar-se e estendo minha mão esperando a toalha. Ela me passa uma e eu digo, — Só um garoto — , secando meu rosto, cuidadosamente. — Evan.

— Evan Kirkland? — A voz de Katie é surpreendentemente astuta, eu solto a toalha e a olho fixamente.

— Sim. Você o conhece?

— Na realidade, não, mas Marcus conhece, no entanto. Você e Evan falaram sobre ele?

— Todo o tempo — Digo e jogo minha toalha sobre ela. Pergunto-me se Marcus era a pessoa com quem Evan estava conversando no primeiro período hoje. Não sabia que eles se conheciam. — Por que falaríamos de Marcus?

Ela joga a toalha e parece aliviada. — Só pensei que ele seria a única pessoa que vocês dois conheciam assim que... você sabe. Quero dizer, o que mais vocês têm em comum?

— Bem, lamento lhe comunicar, mas ninguém falou sobre Marcus. Acho que posso mencioná-lo na próxima vez, se você quiser.

— Na próxima vez? Axel te colocou em um grupo de estudos ou algo assim?

Abro o closet e olho minhas roupas. — Mais ou menos. Que blusa eu deveria colocar?





Ela não diz nada e eu me viro para olhá-la fixamente, perguntando-me se ela sabia no que – quem – estou pensando. Mas nem sequer está me olhando; ela está olhando para a janela.

— Ei, — digo, ligeiramente. — Está bem?

— Estou preocupada com Marcus — diz e eu digo — O que aconteceu? — Viro-me novamente para meu closet e solto um suspiro. Deveria saber. Katie nunca vem pela tarde a menos que queira falar sobre Marcus. Não é que ela nunca venha de visita, mas pelo menos antes de Marcus, nós algumas vezes falávamos sobre outras coisas.

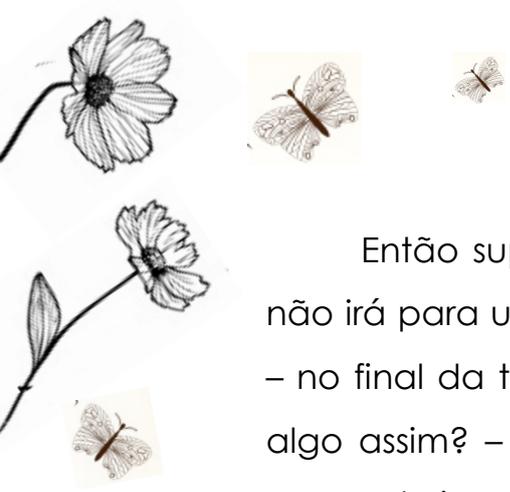
Agarro uma blusa azul, e desabrocho a que estava usando. Enquanto a tiro, penso nas mãos de Evan segurando as minhas, penso nele olhando meus dedos e perguntando se eu estava bem. Na realidade, agora tenho um pequeno machucado no dorso de minha mão, um menor e mais pálido comparado com o que ele tem. Traço um dedo ao longo do machucado e penso como toquei ele da mesma maneira.

— Então acha que ele tem uma oportunidade?.

— Claro que sim, — digo, embora não estivesse escutando e não sei sobre o que ela estava falando. Oportunidades. Provavelmente continua falando de Marcus. Eu rapidamente coloco a blusa azul. — Por que ele não teria oportunidades?

— É só que ele realmente quer ir para uma boa escola.





Então supus que continuava falando sobre ele. — Marcus não irá para uma boa escola? Vamos. É Marcus. Ele joga futebol – no final da temporada não foi o líder da equipe por jardas ou algo assim? – além disso, ele é um gênio da matemática. Será capaz de ir para onde quiser.

— Precisa de uma bolsa.

Rio. — Claro que terá. Por que, na verdade, os atletas inteligentes são muito procurados pelas universidades.

— Lauren, — ela diz. — Ele precisa de uma bolsa integral.

Viro-me e a olho. Ela não estava brincando. Pensei que sua família era como a de Dave, cômoda em uma casa cômoda, mas agora que penso nisso, Katie só havia mencionado sua mãe. E eu nunca tinha estado em sua casa.

— Ele conseguirá uma, — digo e começo a pentear meu cabelo. — Se não pelo futebol, então será porque é um gênio da matemática. E você não disse que ele conseguiu uma pontuação perfeita quando fez a prova do SAT? — Sei que o fez. Ela falou sobre isso por duas semanas seguidas. — Provavelmente receberá centenas de ofertas para bolsas integrais.

Ela assente e caminha até mim, tira a escova das minhas mãos e começa a mover para trás do meu cabelo e para cima, fazendo esse atraente e solto rabo-de-cavalo.

— Sim, — ela diz. — E então irá para uma escola há centenas de quilômetros de distância enquanto eu ficarei presa aqui, provavelmente indo para um colégio comunitário, assim





que... — Sua voz para, mete um fio de cabelo por trás da minha orelha e dá um passo para trás.

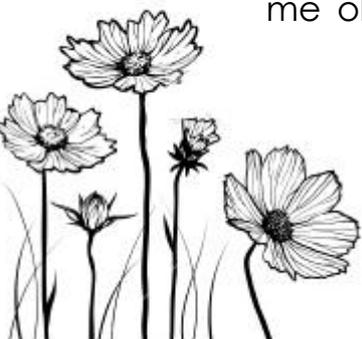
— Você é uma milagrosa trabalhadora, — digo e ela sorri um pouco. — E, além disso, se alguém vai para um colégio comunitário, essa serei eu. Suas notas são melhores que as minhas e Deus sabe que seu SAT também será. E, finalmente, você é um gênio dos cabelos. Quero dizer, — Aponto para mim mesma no espelho. — Nunca fica assim quando eu o arrumo. Só fica ali como uma massa. Você e Marcus vão terminar indo para a mesma escola e você vai ficar tão desagradavelmente feliz que deixará todo mundo doente.

— Doente, — ela diz, suavemente, com um estranho tom em sua voz, e então, já que a estou olhando pelo espelho, agito uma mão em frente ao seu rosto. — Sinto muito, não tinha a intenção de continuar assim. As coisas só estão um pouco loucas lá em casa ultimamente.

Algo me diz que era uma declaração moderada e isso me fez parar e olhá-la fixamente, perguntando-me se tudo estava bem. — Loucas, como assim?.

— Oh — , ela diz. — Você sabe, — e se dirige para o meu closet. Ela começa a mexer nervosamente com as minhas blusas, arrumando-as por cor. Eu tento afastar seu olhar, mas não consigo.

— É pela festa de aniversário? — Digo, mas ela ainda não me olha. Eu dou uma olhada em meu rosto e tento decidir se





devo usar blush ou não. Pergunto-me o que pensaria Evan de meu cabelo assim.

— Bastante, — ela diz. — Deve estar pensando em Dave.

— O que? — Por um segundo nem sequer sei sobre quem ela estava falando, e então, oh, sim, Dave. Meu namorado.

— Seu rosto está vermelho, — ela diz. — Conte-me tudo.

Está bem, vejamos. Como soaria isto? Katie, realmente, esqueci de Dave. Passei os últimos dias pensando em mais alguém sem parar. Fugi completamente de você hoje, assim poderia sentar-me na biblioteca da escola e falar com ele. Isso me faz uma péssima amiga, uma péssima namorada ou me faz realmente patética? Ou talvez as três coisas?

— Você pintou as unhas de novo — , digo, levanto-me, e a movo para longe das minhas blusas. — Como fez isso?

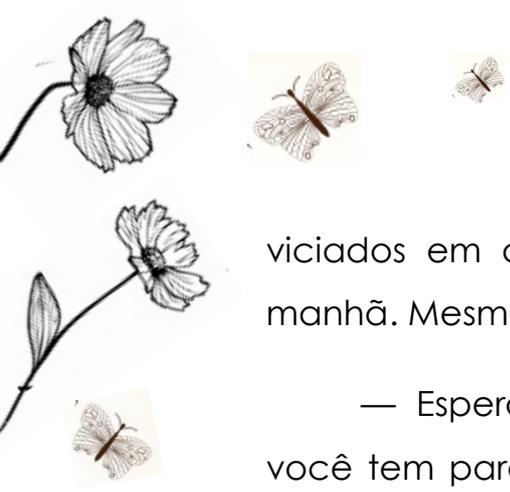
— Fez o que?

— Pintar as unhas às cinco da manhã.

Ela dá de ombros. — É o único momento que posso fazer isso. Além disso, todos são muito madrugadores em minha casa.

Sei que isso não é verdade. Toda vez que estive na casa de Katie, seu pai que é um lobista, nunca está em casa e sua mãe estava na cama. Katie disse que sua mãe estava muito doente, mas não gosta de falar sobre isso e nunca sabe o que dizer quando se trata de mães, de qualquer forma, as únicas pessoas que levantam realmente cedo são seus irmãos, porque são





viciados em desenhos animados. Eles se levantam às seis da manhã. Mesmo nos fins de semana.

— Espera, então está dizendo que a oportunidade que você tem para fazer coisas, como pintar as unhas, é antes que seus irmãos se levantem?

— Muitas vezes.

— Assim você se levanta e logo... — Paro por um segundo, a olho fixamente. E, de repente, me dou conta que Katie deve ser a única que os arruma para ir a escola toda manhã.

— Você faz tudo, — digo, suavemente. — Levanta-os, leva-os para a escola, os pega depois. E esta festa, você não apenas vai. Você que está planejando.

— Sim, — ela diz. — Não era tão ruim quando eles eram juvenzinhos, mas agora... nunca vou ter filhos, Lauren. Nunca. — Ela se senta na cama e por um segundo parece tão cansada e tão perdida que me assusta. Sento-me ao seu lado, descansando minha cabeça em seu ombro.

— Sinto muito. Mas você vai entrar na universidade logo e assim...

— Assim terei que viver em casa, — ela diz. — Alguém tem que cuidar deles, Lauren.

— Não deveria ser você.

— Sim, bem — Ela dá de ombros. — Mas é assim.

— Katie, — digo, mas ela se levanta, vai e olha pela janela.





— Dave está aqui, — ela diz, e quando me olha novamente está sorrindo com seu costumeiro sorriso brilhante. Quero dizer algo mais, algo que possa ajudar, mas quando a olho sei que, de repente, o que eu diga não fará diferença.

Isso é outra coisa em que os livros sempre mentem. Eles sempre fazem tudo bem no final, mas assim não é como a vida funciona. Há algumas coisas que não podem ser ajeitadas.



Capítulo 08

Dave me cumprimenta com um beijo e um largo sorriso. — Você está maravilhosa — diz.

— Não é obra minha — digo, apontando para o meu cabelo. — Katie fez todo o trabalho duro.

— Seu cabelo sempre está bonito — diz, apenas tocando os pequenos fios que de alguma maneira Katie conseguiu enrolar ao redor do meu rosto, e depois pergunta se ela também quer ir ao jogo. — Poderíamos chamar Marcus, dizer-lhe que nos encontre lá — diz, e Katie quer dizer que sim, percebo, mas nega com a cabeça.

— Não posso — diz. — Papai está em casa neste momento, e não posso deixá-lo só com Gerald e Harold por muito tempo. Acabam de descobrir como é divertido deixar cair sua lagartixa no colo das pessoas assim que...

Ela ri e Dave ri, e só há alguns minutos atrás, eu também riria, exceto que agora sei que não está brincando. Ela tem que ir para casa por que tem que cuidar de seus irmãos. Seu pai e meu pai deveriam se reunir alguma vez. Aposto que poderiam compartilhar conselhos de como ignorar melhor seus filhos.





— Falo contigo mais tarde — digo, e dou-lhe um rápido abraço. — Quer que eu vá contigo? — Sussurro. — Poderia ajudar.

Ela me empurra e nega com a cabeça. — Passe bem — diz para mim. — Vejo você amanhã.

Cumprimenta Dave e se dirige para o seu carro.

— Está pronta? — Pergunta Dave, e se inclina para mim, dando-me outro beijo rápido. Olho seu bonito rosto e sinto seus lábios roçar os meus, e é lindo, realmente é. Quase todas as garotas que conheço – e, caramba, provavelmente alguns dos garotos – amariam estar exatamente onde eu estou agora.

— Sim — digo, e se é tão lindo e eu sou tão sortuda, por que não me sinto mais feliz?

O jogo de basquete de John acontece na preparatória. Normalmente todos os jogos da liga juvenil de basquete são no centro de treinamento, então é uma grande coisa. Dave me conta quão entusiasmado John está, como está praticando extras todo dia.

— Logo terá que começar a se preparar para o acampamento de treinamento de verão — diz ele. — Estou pensando em ajudar este ano. Você poderia ajudar comigo, se quiser — Sorri para mim, tão doce, e sei que uma boa namorada ajudaria, mas a ideia de passar meu verão perambulando ali fora, observando os meninos correrem, simplesmente não é para mim.





— Aposto que sua mãe realmente quer ajudar.

— Ela quer, mas sei que adoraria que você também quisesse. E te daria uma oportunidade de passar mais tempo com ela. Ela realmente gosta de você, Lauren. Ela disse outro dia que pensa em você como da família.

— Sério? — Digo, e quando ele assente, coloco minha mão em cima da dele sobre a alavanca de câmbio. Minha própria mãe não se incomodou em ficar, mas a mãe de Dave pensava em mim como da família. E como Dave, ela nunca diria algo assim se não acreditasse. — Talvez eu...

Dave tira sua mão de debaixo da minha, pressiona um beijo rápido em meus dedos, e logo coloca minha mão de volta ao meu colo. — Tenho que prestar atenção no trânsito — diz com um sorriso, e não termino minha frase por que não seria apenas um verão inteiro observando meninos. Seria um verão fazendo isso e sempre tendo Dave mantendo distância entre nós.

Pergunto-lhe se terá que ser o treinador da equipe de John. Diz, — Talvez — e se lança em uma complicada explicação de como são eleitos os treinadores. Olho pela janela. Agora está escuro, e não posso ver nada, exceto as luzes dos carros que passam.

Penso em ligar para papai e dizer onde estou, mas só terei sua voz do correio de mensagens e, além disso, estarei em casa antes que ele. A partida de John termina às 8:30, e Dave me deixará antes de ir ver John e seus pais para tomar um sorvete. É o que sempre fazem. Tradição familiar, chama sua mãe.





Na primeira vez que fui a casa de Dave, não pude superar as estantes de prêmios. Estavam em todas as partes; enchendo a sala de jantar, alinhados no corredor encolhidos com fotos emolduradas de Dave e John sorrindo com seus pais. Nunca havia visto nada como isso. Quando cheguei em casa, não me incomodei em procurar nenhum prêmio – o mais perto que estive de algum desses, foi um prêmio que consegui por participar da feira de ciências quando estava na sétima série – mas tentei encontrar uma foto comigo, papai e mamãe juntos, cativada com a ideia de emoldurá-la e ter algo como Dave e sua família tinham.

A única foto que consegui encontrar foi tirada quando eu tinha mais ou menos dois anos. Papai estava me segurando, e ambos estavam sorrindo para a câmera. Infelizmente, não dava para nos ver muito bem, na verdade, por que a foto não tinha saído bem, estava borrada por um dedo manchando a lente. Minha mãe tirou a foto – dá para ver o brilho do seu anel de casamento – e esse dedo, essa fantasmagórica imagem borrada, era o mais perto que eu tinha de uma foto familiar, um momento onde nós três estávamos juntos.

Quando Dave e eu entramos no ginásio, estava lotado, cheio de pais sorrindo para seus filhos e conversando uns com os outros. Isto vai soar louco, mas simplesmente amo ver todas as mães e pais tão entusiasmados por seus filhos, tão interessados em vê-los fazer algo, embora seja a liga juvenil de basquete. Vejo John se aquecendo com sua equipe e nos cumprimenta.





Os pais de Dave estão lá, é claro, e nos sentamos por trás deles. Perguntam como está indo a escola e parecem sinceramente interessados em minha resposta. No início, quando Dave e eu recém começamos a sair, eu imaginava que tinha de haver algo de ruim em sua família, pensava que talvez por trás de toda essa união e orgulho sobre tudo o que faziam Dave e John, havia algo mais. E até tive a ideia de que Dave me diria que na realidade odiava os esportes e queria ser, não sei, um artista ou algo assim. Mas Dave, na verdade, ama os esportes e seus pais são – bom, tão perfeitos como ele é, basicamente. Eles sempre estão lá, sempre apoiando.

Quando John erra um lançamento, simplesmente aplaudem tão forte como quando acerta um, e embora sua equipe esteja perdendo por seis pontos no meio tempo, vão e dizem quão orgulhosos estão dele.

— Seus pais são tão maravilhosos — digo para Dave.

Ele sorri. — Sabe, eles pensam que você é também bastante maravilhosa. Vou pegar um suco e dizer olá para John. Quer algo?.

Nego com a cabeça e o observo ir para as tribunas embaixo. Todas as minhas conversas com Dave são assim. Maravilhosas. Amáveis. Não, na verdade, sobre algo. Dave e eu falamos, é claro, mas, na verdade, não falamos. Em todo o tempo que estivemos saindo, nunca lhe contei sobre o abandono de mamãe. Só disse que meus pais já não estão



casados. Não... não quis contar. Sei que seria compreensivo e doce, mas também saberia a verdade.

Saberia que teria pena de me deixar.

Sou diferente quando estou com Dave. Minha vida é mais simples, melhor, e sou uma pessoa simpática, uma pessoa com quem vale à pena ficar. Sou alguém que realmente desfruta de lavar os pratos com sua mãe depois do jantar dos domingos e que se senta ao seu lado na igreja. Essa pessoa é a que ama Dave. E não é que não goste da pessoa que sou quando estou com ele. Amo quem sou quando estou com ele. Sou a garota que tem Dave. Sou Lauren, a namorada de Dave. Sou alguém melhor do que Lauren Smith, que ninguém notou até que veio Dave.

A questão é, essa garota não sou eu e eu sei. Mas quando estou com ele, sinto que poderia ser ela. Que se algo em mim fosse simplesmente – não sei, mudado um pouco ou algo assim, apaziguado – as pessoas pensariam em mim do modo como pensam em Dave, e tudo sempre seria perfeito.

No caminho para casa, Dave me diz que está pensando em não tentar uma universidade grande, e sim ir para uma pequena. Uma local. — Eu chequei seus requisitos de admissão, e você definitivamente poderia entrar. E só fica a umas horas daqui, assim poderíamos voltar para casa todos os fins de semana.





Por que preciso de mais tempo para ficar sozinha ao redor da casa, penso. Mas não digo isso. Nunca direi isso a Dave. Em lugar disso, digo, — Acho que parece perfeito para você.

— Só pense nisso — diz Dave, e logo, — Lamento muito. Não quero te pressionar.

— Não está pressionando — Dave nunca me pressiona com nada. Olho pela janela. Posso ver minha casa. Está escura. Papai não está em casa ainda.

— Te amo — diz, quando para o carro e me dá dois – sempre dois, nunca mais – beijos de boa noite.

Saio do carro e digo adeus. Penso no que disse, essas duas palavras que eu estava tão louca por escutar de alguém, qualquer um, e fui o suficientemente sortuda de escutar dele. Na realidade, não soa a nada.



Capítulo 09

Durmo antes que papai chegue em casa, e quando acordo ele já foi trabalhar, deixando-me uma nota que dizia que hoje vai chegar mais cedo e que sentia minha falta.

Sentia minha falta. Não estou certa se acredito, mas é agradável ler isso. Definitivamente não acho que vá chegar cedo em casa – o conheço o suficiente – mas, de qualquer forma, procuro entre o monte de menus que guardamos perto do telefone e tiro o do restaurante chinês que ele gosta.

Pelo menos, posso conseguir que coma sopa de ovo – sua favorita – antes de dormir.

Não vejo Dave no estacionamento quando Katie e eu chegamos na escola, e surpreendentemente Marcus também não estava ali.

— Onde ele está? — Pergunto para Katie, e ela dá de ombros, tentando conter um sorriso. Ela e Marcus têm este costume em que ele — a surpreende — com flores ou algo em cada um de seus muitos aniversários.

Eles têm cerca de um milhão – seu primeiro beijo, seu primeiro encontro, algo relacionado com alguma música – e





desde que começaram a fazer sexo, há cerca de um mês, acho que tem um novo.

— Aposto que são flores — digo, e ela ri, desamassando a frente de sua camisa. Vejo que as mangas têm um bordado lindo, um tecido misturado com fileiras de – advinha o quê – flores. Lembro de ter visto essa camisa no shopping há algumas semanas. Custava mais dinheiro do que eu poderia convencer meu pai a gastar em algo, com a possível exceção de livros ou a universidade.

— Linda camisa — digo-lhe, acariciando o tecido de flores.

Ela afasta a minha mão e sorri para mim.

— O quê?

— Oh, por favor, Senhorita Tudo Planejado. Sabe que ele vai presentear você com flores.

Ela sorri de novo para mim, e entramos na escola.

Surpreendentemente, Marcus não está escondido atrás da porta com um monte de rosas. De fato, não está em nenhuma parte. Clara Wright passa e nos olha, quase cumprimentando-nos e diz, — Se está procurando Marcus, faz pouco tempo que estava falando com ele na frente de seu armário.

Ao meu lado, posso escutar a boca de Katie abrir-se em surpresa e fechar-se imediatamente. Estúpida Clara. Sei que fez de propósito. Percebo porque está sorrindo agora, esse sorriso totalmente angelical que é ao mesmo tempo tão cruel é sua





marca registrada. Bom, isso e seu perfeito cabelo, e seu perfeito corpo e a fila de seguidores que a seguem por onde vá.

Desejaria poder pensar em algo cortante para responder-lhe, algo que fizesse com que Clara deixasse de sorrir e obrigar seus pequenos seguidores a olhá-la como uma perdedora, mas não faço isso. Clara é uma implacável força da natureza que arrasa a escola, e olhando-a me sinto como uma criança pequena. Sinto-me insignificante. E sei que embora pensasse em algo para dizer-lhe, eu não diria, e ela também sabe isso, seu sorriso se amplia um pouco antes que continue caminhando pelo corredor.

Katie e eu nos olhamos e suspiramos.

— Eu sabia — ela diz finalmente, quando estamos cruzando o corredor até os armários. — Ela o quer de volta.

— Ela não o quer de volta. Ela simplesmente está agindo como Clara. E, inclusive, se o quisesse – e eu estou certa de que não é assim – Marcus te ama. Quero dizer, ele nunca fez esse tipo de coisa por Clara.

— Provavelmente por que ela não permitia.

— Oh, por favor. Clara não querendo presentes é como – bom, o universo teria que acabar. Lembra quando deixou de falar com Jenny Spritz porque o presente que deu em seu aniversário não foi o suficiente bom?

— Quem poderia esquecer?





— Vê? — Digo. — Ela está cheia de merda, e você simplesmente deve ignorá-la.

— Claro — responde Katie, mas ela está quase sorrindo. Eu me aproximo e puxo uma das mangas de sua camisa e finalmente sorri. Chegamos até nossos armários, e é claro, Marcus está em seu, falando com alguém e segurando um ramo de flores em sua mão esquerda.

— Eu disse — digo-lhe, e então vejo com quem Marcus está falando. Evan. Evan, que está apoiado no armário de Marcus, parecendo um pouco sonolento, com seu cabelo caindo sobre sua testa e descendo até seus olhos. Ele assente para o que seja que Marcus está lhe dizendo e puxa seu cabelo para trás com a mão. De qualquer forma, cai de novo, e eu fico olhando-o. Sei que estou fazendo.

Pelo que parece também parei de caminhar porque Katie diz, — Vamos, apresse-se — e pega pelo braço, arrastando-me até Marcus.

— Ei — cumprimenta ela e Marcus vira. Ele parece surpreso, mas só por um segundo, quando Katie se aproxima parece feliz, e, de alguma maneira, um pouco surpresa.

— Ei — ele diz. — Já estava indo te buscar — Seu sorriso aumenta, seus olhos se iluminam e entrega as flores para ela. O gesto pareceria tão bobo com qualquer um, e de fato parece bastante bobo em Marcus, mas parece bastante doce ao mesmo tempo.





Ela fica olhando-o – esse olhar de acabo-de-ver-Clara – e ele diz suavemente, — Katie, — como se fosse a melhor palavra do mundo.

Evan pigarreia, com o sorriso torto que reconheço do primeiro dia de aula de Axel em seu rosto. — Vejo você por aí, — ele diz para Marcus antes de me olhar brevemente. Sinto meu rosto esquentando e olho para o chão. Quando me atrevo a levantar o olhar, ele está olhando para outra direção, e seu sorriso desapareceu totalmente.

Katie que está inclinada para Marcus, com um sorriso em seu rosto enquanto acaricia as pétalas de uma flor, olha para Evan. — Ei — ela diz.

— Ei — responde Evan.

— Sou Katie.

— Evan.

— Oh — Ela diz, dando uma olhada para Marcus que não consigo interpretar. — É agradável conhecer você, finalmente — Marcus pigarreia e, de repente, parece bastante incomodado e não estou certa por quê. Evan me olha novamente. Deveria tomar a iniciativa e cumprimentá-lo? Ou deveria agir como se não nos conhecêssemos? Melhor seria agir como sempre e simplesmente manter a boca fechada.

Mas para minha surpresa encontro a mim mesma dizendo, — Ei, Evan — em uma voz que é tão só mais um pouco estridente do que o normal.





Evan me olha, e vejo surpresa e algo mais em seus olhos, algo que me faz sentir quente e tonta e bastante confusa novamente. — Ei — Ele está sorrindo de novo, desta vez, é um sorriso verdadeiro, e uma vez mais parece que o resto do mundo desapareceu. É a coisa mais estranha. E realmente eu gosto.

— Então, essas são realmente bonitas — diz Katie, sua voz um pouco mais forte do que o normal, e o mundo volta a parecer mais barulhento do que nunca.

Viro, para vê-la segurando as flores, e ao invés de olhar para Marcus, está olhando para mim, com uma estranha expressão em seu rosto. Afasto meu olhar de Evan e finjo que preciso encontrar algo em minha bolsa logo agora.

— Tenho que ir — diz Evan. Olho para cima e o vejo despedindo-se de Marcus com a cabeça da forma com que os garotos fazem, antes de descer pelo corredor.

— Bem — eu digo. — Estou certa que vocês querem uns minutos de aniversário a sós ou o que seja — ao mesmo tempo em que Katie diz, — Acompanho você até seu armário, — ela sussurra algo no ouvido de Marcus que o faz ruborizar e sorrir, e então caminha pelo corredor.

— Ele ficou olhando para você todo o tempo — ela diz.

— Quem?

Ela me olha, com ambas as sobrancelhas levantadas.

— Oh, por favor. Ninguém fica me olhando a não ser que eu esteja com Dave.





Ela me olha de novo. Eu toco suas flores e digo, — Deveria colocá-las na água ou algo assim. Prometo a você que posso abrir meu armário sem ajuda.

— Além disso, Dave está te procurando.

Olho pelo corredor e, efetivamente, Dave está em seu armário, falando com uma garota do primeiro ano enquanto olha ao redor. Vejo a garota se aproximando de Dave, sorrindo e tentando pressionar seu peito contra seu braço. Dave, previsivelmente, parece incomodado e se afasta, mas se recompõe para sorrir, e posso ver que esse sorriso causou a garota uma paixão que vai durar até os quarenta. Pobrezinha. Ela usa uma saia realmente linda, apesar de tudo. Pergunto-me onde ela comprou. Pergunto para Katie e ela fica me olhando de novo.

— Você nunca fica ciumenta, — ela diz. — Quero dizer, se alguém falasse com Marcus desta forma... Mas você? É como nem sequer houvesse notado Dave até que eu te disse que ele estava te procurando. O que está acontecendo com você?

— Nada.

— Lauren, — ela diz, mas então a campainha soa e todos temos que ir para a aula. Dave me vê e agita uma mão, parecendo triste. Eu agito minha mão em resposta e espero parecer triste também, mas a verdade é, que não estou.

A verdade é, que ainda estou pensando em Evan sorrindo para mim.





Minhas aulas são longas e aborrecidas, exatamente iguais que todos os dias. Honestamente, assistir aula na secundária é como ter um trabalho. Tem que se apresentar, fazer seu trabalho e ficar rodeada de toneladas de idiotas ou pessoas malvadas.

Agora que estou pensando nisso, é pior do que ter um trabalho. Ao menos, eles te pagam.

Mas então chego em música. Começa da mesma forma de sempre, com o Sr. Herrity indicando-nos exercícios de aquecimento e dizendo para as pessoas que estão afinadas ou dando-lhes esse terrível olhar de claramente-você-não-está-praticando. Repassamos a maioria das coisas que estamos tocando na banda de jazz depois disso, mas ele começa uma marcha e depois com a peça que estivemos praticando, a do solo.

Eu estive praticando, e agora o interiorizei. Isso é a maravilha da música. Quando está tocando algo que gosta, isso que sente dentro de você, depois de algum tempo é como se fosse você mesmo. Vê as notas, e nem sequer tem que pensar nelas. Você simplesmente as conhece. Você simplesmente sabe o que tem que fazer.

Quando termino o Sr. Herrity diz para que um de seus percussionistas se sente, e que se afaste do timbale. Então me olha e diz, — Bem feito. Vamos acrescentar essa peça na lista do concerto.





Tenho um solo. Um solo. O Sr. Herrity continua falando, mas não consigo escutá-lo por que tenho um solo. Um solo! Nunca tive um antes.

Claramente, o concerto que ele estava falando não era algo grande – vamos apenas tocar na casa de repouso, mas ainda assim. Tenho um solo.

Flutuo durante o resto da aula, e depois, enquanto me limpo no banheiro, ignorando a olhada malvada de uma garota do segundo ano que está tentando tirar uma mancha de soda da sua camisa, Gail se aproxima.

— Parabéns, — ela diz, e quando vejo seu sorriso no espelho posso notar que ela sabe exatamente como me sinto, que ela sabe como se sente tocar uma peça e sentir que faz parte de você. E antes que me dê conta, estou na frente dela, com minhas mãos ainda ensaboadas e estamos conversando.

— Você teve um solo importantíssimo no ano passado — eu digo. — Conte-me tudo. Estava muito nervosa? Quanto praticou? O Sr. Herrity não tira as peças da lista do concerto depois que as acrescenta, verdade?

— Uau, não tinha ideia de que você...— diz Gail, mas então pára.

— O que?

— Poderia ficar tão feliz, — ela diz. — Quero dizer, não é que você não pareça feliz normalmente. Mas... — Ela aponta para o espelho. Eu o olho e dificilmente reconheço a pessoa que





me sorri de volta. Eu também não sabia que poderia estar tão feliz.

— É que nunca tive um solo antes, — digo, e enxáguo o sabão de minhas mãos. — E eu... — Eu pulo para cima e para baixo sobre as pontas de meus pés como uma criança pequena, e estou horrivelmente envergonhada.

Mas Gail continua sorrindo, continua me olhando como se soubesse exatamente como estou me sentindo, e tudo o que diz é, — Deveria ter me visto na primeira vez que consegui um. De fato fiquei em pé no meio da classe e... — ela sacode seus braços ao redor.

— Lembro disso, — eu digo, rindo. — Isso foi... Deus, na nona série?

Ela assente.

— Então você é toda uma profissional, — eu digo. — Deveríamos nos encontrar para praticar alguma vez.

— Claro, — ela diz, parecendo surpresa. A garota do segundo ano esperando para lavar as mãos revira seus olhos, eu faço o mesmo, mas saio de seu caminho, despedindo-me de Gail enquanto vou embora.

Katie está me esperando no corredor. — Você parece feliz. O que aconteceu?

— Bem, — digo, mas ela faz uma careta e procura em seu bolso, e me entrega um pacote de mentas.





— Honestamente, não sei por que continua nessa classe. Ninguém a faz e, além disso, o que quer que seja esse odor é... —

— É a lingueta — , eu digo, pondo um punhado de mentas na boca, silenciando qualquer conversa dali para frente. E então, vou para História Mundial.

Engulo as últimas mentas de Katie enquanto entro na sala. Evan já está sentado, olhando para Jack Harris, que está sentado duas cadeiras a sua frente.

— Então, o quê, não vai fazer? — Diz Jack. — O que você é, algum tipo de perdedor?

— Acho que sim, — diz Evan, soando completamente aborrecido.

Jack parece querer dizer algo mais, mas a falta de interesse de Evan em seu insulto o deixa sem nada, e eu praticamente o vejo tentando pensar em algo para dizer e falhando. A maioria das pessoas evita Jack e o teme, mas Evan simplesmente não se importa e é óbvio.

Axel entra na sala e então Jack e todos seus amigos começam a gritar nomes da forma que ela faz quando chama na lista. A maioria ri, exceto Gail, que parece irritada, e Evan, que olha através da sala, parecendo entediado. Quando nossos olhos se encontram, ele sorri um pouco.

Eu sorrio de volta.

Axel espera até que Jack e seus amigos terminem de gritar, sem parecer nem um pouco incomodada, e então diz, — Sr.





Harris, Sr. Muntz, Sr. Ginson e Sr. Dryson, obrigada por me permitir pular a lista de chamada. Também aprecio seus interesses nos nomes. De fato, para reconhecer este interesse, amanhã vocês apresentarão informações orais individuais sobre os governantes das dinastias egípcias de que temos falado. Cinco minutos cada um, embora possam estender-se mais se desejarem. E em caso de que não façam a tarefa, ou entreguem uma informação adequada – bem, acho que nesse caso terei que esperar um ensaio de dez páginas sobre o tema, de cada um de vocês para a segunda. E, é claro, se só um de vocês reprovar no trabalho – já que claramente trabalham tão bem em equipe – significará uma nota reprobatória para cada um de vocês. E como sei que o Sr. Muntz e o Sr. Dryson esperam se formar, estou bastante certa de que trabalharão realmente duro para se assegurarem de que não sejam obrigados a cursar essa aula novamente.

— Porcaria — , diz Jack Harris, e Axel sorri para ele.

— É mais que bem-vindo a discutir sua tarefa com a administração se assim o deseja — ela diz. — E se disser algo mais como isso durante a aula de hoje, farei que você, o Sr. Ginson, o Sr. Muntz e o Sr. Dryson apresentem informativos e escrevam ensaios. Agora, onde estávamos? Oh, sim. Por favor, passem a página...

Jack Harris não fala durante o resto da aula, e pela forma em que Dryson e Muntz o estão olhando, as possibilidades apontam de que amanhã apareça com um olho roxo. Axel fala sobre o Egito, e embora ela parecesse ser a única pessoa que pode conseguir ensinar a classe de recuperação de história,





também é uma professora bastante entediante. Olho para onde está Evan. Está inclinado para trás em sua cadeira, com os olhos fechados, mas quando ela bate o giz no quadro – estou convencida de que fez de propósito – ele abre seus olhos e me olha.

Compartilhamos outro sorriso e, de repente, desejo que hoje tivesse prática.

E então penso que o fato de que não tenha é algo bom.



Capítulo 10

Katie e Marcus me levaram para casa logo depois do colégio. Claramente o aniversário que pensei que celebravam esta manhã era o que celebram porque fazem isso em cada semáforo, e quando Katie diz que deve recolher seus irmãos às cinco, é porque Marcus dirige a cem milhas por hora.

— Ligo para você, — diz Katie enquanto saio do carro, e antes que eu possa dizer algo, Marcus está acelerando o carro pelo caminho da entrada. Penso em quão irritantes são enquanto entro em casa, mas isso não é o que realmente está me irritando e eu sei. Quero dizer, eles podem ser irritantes, tão adoráveis que me dá vontade de vomitar, e acho que eu poderia ter um torcicolo pela forma em que Marcus pegou a última curva, mas é mais que isso. É que — estou ciumenta. Não do fato que Katie tenha Marcus ou algo como isso, é só que é tão óbvio que eles querem ficar juntos. Por muito que Dave me queira — me ame — ele nunca agiu dessa forma, nunca agiu como se nada mais importasse do que nós ficarmos juntos. Não estou certa de que eu pudesse, de qualquer forma. Quando começamos a sair, queria estar com ele todo o tempo, mas para ser honesta, era principalmente porque eu estava certa de que ele me deixaria, e imaginei que se passávamos muito tempo





juntos, ele faria isso mais rápido, e não teria que me sentar esperando e perguntando-me quando seria o dia em que ele acordaria e se daria conta de que poderia ter algo melhor do que eu.

Mas essa não é a forma em que as coisas aconteceram, e se Dave e eu não somos como Katie e Marcus, está bem. Depois de tudo, por acaso ele não passou a noite anterior contando-me que estava planejando ir para a universidade local e que pensou que eu também poderia entrar lá? Isso significa que ele quer estar comigo. Isso me faz ser uma sortuda.

— Muito sortuda, — digo para mim mesma, e quase soou como se eu acreditasse de verdade. Deixo minhas coisas no chão e verifico a secretaria eletrônica. Efetivamente, está piscando, e depois de duas mensagens para papai de uma companhia de revestimento que acha que por ligar para sua casa significa que conseguirá uma reunião mais cedo com ele (o qual demonstra o quanto sabem), e a mensagem que achei que viria soou. A voz de papai de desculpa e distração. Ele se atrasou, ele realmente sente muito. — Adiante o jantar, eu te alcanço enquanto você chega em casa.

— Claro que sim, — murmuro, e vejo pelo canto do olho o estojo de meu clarinete, e lembro que tenho um solo. Um solo!

Treino por um momento, assim quando peço o jantar estou com um ótimo humor. Ligo para o chinês local que papai ama e inclusive peço um bolinho extra de ovo para que coma com sua sopa. Janto enquanto tento ler um capítulo do livro que eu





deveria ler para Inglês, rindo quando percebo que todo o meu livro está com pedaços de comida chinesa e que minhas notas na margem do livro parecem suspeitosamente com um nome que não é o meu nem o de Dave. Suspiro e fecho o livro, e decido ver televisão por um tempo.

Realmente desejo ter tido treino hoje. Desejo que Evan me tivesse trazido para casa por que hoje Katie não poderia estar aqui, esperando, e... bom. Tiro a mesa, desligando a televisão e guardando os pequenos pacotes de salsa que vem com a comida (já temos caixas repletas delas), e enquanto isso, penso em Evan e como seria beijá-lo. O telefone toca enquanto eu permaneço ali pensando em estar em seu carro e observá-lo se aproximar de mim, o suficientemente perto para que eu possa estender minha mão e tocar seu cabelo, e de fato, solto um grito, estava muito metida em meus pensamentos. A secretária eletrônica atende enquanto me aproximo do telefone, e escuto a voz de Katie dizer, — Lauren, tentei ligar para seu celular, mas está desligado. Você ainda não me contou o que aconteceu com você esta manhã. Está aí? — Há um silêncio por um momento, e posso ouvir seus irmãos por trás. Logo, sua voz volta cansada e apressada. — Ligue para mim quando puder, certo?

Não ligo para ela. Penso em fazer isso, quero fazer isso, mas ao em vez acabo arrumando a casa. Contratamos um serviço de limpeza que vem uma vez por semana, mas papai gosta que tudo esteja em um lugar específico, assim devo verificar depois que eles vêm para me assegurar de que todas as suas pilhas de coisas e seu escritório estejam da mesma forma nos quais ele



deixou, e quando termino já tenho esquecido tudo relacionado com a ligação de Katie. Ou algo como isso.

A verdade é que não queria ligar para ela. Não posso contar-lhe sobre o solo – ela nem sequer entende por que tenho aula de música – e definitivamente não quero falar sobre Evan. Não que haja algo para contar, na verdade, mas eu posso adivinhar o que ela diria se eu o mencionasse alguma vez. Vi seu rosto quando descii do carro de Evan ontem. Vi como me olhava depois que o cumprimentei esta manhã. Evan não é popular. Ele não é amigo de Marcus. Dave é um namorado maravilhoso, e todos sabem quem eu sou porque sou a garota com quem Dave começou a sair e com quem continuou saindo. Katie me recordaria tudo isso. Ela não diria que sou sortuda, mas ambas sabemos que sou e que garotas como eu não deixam um cara como Dave. Garotas como eu nem sequer deveriam ter um cara como Dave.

Faço um pouco mais de tarefas, e depois vejo meu e-mail. Só as coisas típicas – lembretes do colégio sobre a venda de bolos de caridade das animadoras de torcida. Envio uma mensagem para Katie, digo que sinto muito por não ter ligado e pergunto para ela se pensa que a parte de — caridade — da venda se refere a enviar Clara e suas seguidoras para a competição de animadoras. Depois envio um cartão por seu — aniversário — com Marcus. Assim que estou preparando para assiná-lo, chega outra mensagem.

É de Dave. Sua mãe tem que trabalhar até tarde amanhã, assim não irão para sua coisa familiar até o sábado pela manhã.





Que há um jantar e uma conversa amanhã em sua igreja à noite, e se eu gostaria de ir. — Seria ótimo se você fosse. Na verdade, quero passar mais tempo com você, além disso, todos estavam tão contentes em te ver na missa de férias e disseram que sentiam falta de te ver nos domingos. Te amo!

Penso em apagar a mensagem. Sem responder, só apagar. Sinto que – não há muitas coisas que eu esteja sentindo. Mas deveria.

Dave quer me ver. O pessoal de sua igreja, pessoas que ele admira, querem me ver. Isso é algo bom. De qualquer forma, não respondo seu e-mail. O que está acontecendo comigo?

Penso nele enquanto termino minha tarefa e vejo um filme. A coisa do domingo me faz sentir um pouco culpada. Eu gosto da igreja de Dave. Fui toda semana com ele e sua família por um tempo, mas descobri que sentia falta de ir a igreja com papai, embora se tratasse principalmente dele apertando mãos e conversando com as pessoas sobre cada conjunto habitacional no qual estava trabalhando. Mas, de qualquer forma, passava tempo com ele, e Dave (é claro) compreendeu completamente quando eu disse. Ele disse, — Por favor, diga a seu pai que sei quão importante isso deve ser para ele. — Não me incomodei em explicar-lhe que na realidade era mais importante para mim.

Papai chega em casa quando o filme está terminando, chamando-me enquanto entra na cozinha.

— Estou aqui, papai, — digo, e ele entra na sala de estar dando-me um sorriso cansado.





— Na verdade, queria estar em casa mais cedo.

— Pedi sopa para você. Sente, eu vou esquentar.

De fato, ele continua acordado quando eu volto, e sorri para mim novamente quando lhe passo a sopa. —Obrigado, querida.

— De nada. Pedi um bolinho de ovo também, se você quiser.

— Mais tarde, talvez. Um dos vendedores pediu pizza, assim que...

Assim que comi sozinha e ele trabalhou. Típico. — Parece bom.

— Sinto muito.

— Eu sei.

Papai pigarreia, toma um pouco de sopa, e depois pigarreia novamente. — Como foi seu dia?

Penso em contar-lhe sobre o solo, mas quando o olho ele esfrega seu rosto da forma que faz quando se aproxima um prazo de entrega, e sei o que quer escutar. O que sempre digo.

— Bom, — digo. — Foi bom.

Antes de ir para a cama, respondo o e-mail de Dave. Digo que não posso ir.



Capítulo 11

Evan não vai para a escola no dia seguinte. Percebo na manhã enquanto Katie e eu estamos em pé junto aos nossos armários falando com Marcus e Dave, porque não o vejo passar, e quando olho ao redor não o vejo em canto nenhum. Pergunto-me onde fica seu armário.

Provavelmente fica no extremo mais longínquo do corredor perto da porta, onde ficam todos os armários para os novos alunos, mas ainda assim. Gostaria de saber.

— Quem você está procurando? — Katie pergunta justo antes que soe o primeiro sinal. Enquanto ela pergunta, eu digo, — Clara, — sorrindo amplamente quando ela revira seus olhos.

Dave conta que recebeu meu e-mail enquanto me acompanha até minha sala. — Realmente vou sentir falta de você neste fim de semana, — diz, e eu fico ali em pé, olhando-o, este maravilhoso garoto que não é só popular e inteligente, e sim, realmente muito amável, e na verdade, bom de uma forma que eu não sabia que as pessoas podiam ser e percebo que não vou sentir sua falta em absoluto. É horrível. Dave poderia estar com qualquer uma, e queria ficar comigo. Comigo. Não entendia o porquê quando começamos a sair e, para ser honesta, ainda





não entendo. Nunca lhe perguntei sobre isso, no entanto. Há um monte de coisas que Dave e eu simplesmente não falamos.

— Também vou sentir sua falta, — digo, e ele me dá um beijo rápido e depois me cumprimenta com a mão enquanto caminha pelo corredor.

Encontro-me procurando por Evan o resto do dia, olhando as pessoas enquanto passo por elas no corredor. Até fico por aí no refeitório enquanto termino o almoço, pensando que talvez perceba um vislumbre dele.

Não encontro. E não está em História do Mundo. Jack e seus amigos têm que dar informes, e a aula avança lentamente. Continuo olhando a cadeira vazia de Evan, perguntando-me onde ele está. Quando a aula termina, estou de mal humor. Encontro-me com Katie, Marcus e Dave no estacionamento, e nos dividimos em nossos pequenos grupos de dois. Vejo as pessoas passar e nos olhar, e de repente, estou cansada disso — cansada da escola, cansada de estar ali parada, cansada de tudo. Só quero ir para casa. Afasto-me de Dave.

— Lauren? — diz, com preocupação em sua voz, e coloca um braço ao redor de meu ombro. Sinto como um peso, pressionando-me para baixo.

— Estou bem, — digo cortante, e começo a me afastar novamente, mas vejo os olhos de Katie se arregalar e os de Marcus se estreitarem um pouco.





— Lamento — , digo, e agora me ouço da maneira em que sempre fico ao redor de Dave – doce e feliz. — Eu só – meu pai está sendo um asno. Descobriu sobre o suéter que eu comprei no shopping no mês passado – Katie, você se lembra, o rosa? – e enlouqueceu completamente. Recebi uma mensagem dele durante a última aula dizendo que não posso ir para lugar nenhum neste fim de semana.

— Mas, e amanhã? — Pergunta Katie, e eu nego com a cabeça.

— Eu sinto muito.

Katie parece triste, até magoada, e... diabos. Esqueci que tinha prometido de ir a alguma festa com ela e Marcus, e agora ela está irritada comigo. Ótimo. Simplesmente ótimo. Às vezes, acho que a única coisa que faço é irritá-la.

— Não se irrite tanto, — diz Dave para mim, com seu braço ao redor do meu ombro, aproximando-me. — As coisas vão se resolver com você e seu pai, e simplesmente faremos algo especial no próximo fim de semana. — Seus olhos brilham, mais azuis que o céu, e soa maravilhoso, mas sei que algo especial para Dave implica a mim e sua igreja ou família, que é o que fazemos todos os fins de semana. A última vez em que saímos em um encontro real foi – Deus, foi a festa, a festa, na que pensei, sem dúvidas, que nós tínhamos terminado, só que não o havíamos feito. A festa onde Dave se abriu para mim, a fantasia de toda garota, e fiquei ali sentada decifrando o que fazer.

Ainda acho que não sei.





— Eu tenho que ir, — ele diz. — O treinador me colocou em seu novo cronograma de treinamento e é um assassino. — Dá-me outro beijo rápido antes de começar a cruzar o estacionamento.

— Então... — Marcus diz para Katie, aproximando-se dela. — o que você está com vontade de fazer agora? — E pelo tom de sua voz posso dizer que já se esqueceu que eu estou ali.

Katie, graças a Deus, não esqueceu. — Tenho que levar Lauren para casa, — diz ela. Tento ignorar a forma que — Lauren — soou cortante e com raiva. — E Harold e Gerald tem que ser recolhidos mais cedo hoje.

— Esta noite?

Katie nega com a cabeça. — Papai se foi ontem à noite e tenho que levar Harold e Gerald às compras para sua festa por que mamãe está muito ocupada.

Isso soa muito estranho porque Katie nunca fala de sua mãe fazendo algo. Na realidade, a última vez que vi sua mãe, nem sequer a vi realmente. Ela estava em seu quarto, a porta fechada, e Katie chamou e disse, — Estou em casa.

Não houve resposta, e depois de um momento Katie abriu a porta, foi para dentro, e a fechou antes que eu pudesse ver mais que o quarto escuro, com a única luz de uma televisão no canto. Quando Katie voltou, tinha uma bandeja cheia de pratos sujos e um sorriso quase triste em seu rosto. — Mamãe disse olá — , disse, em um sussurro derrotado, e eu não disse nada. Agora





gostaria de ter dito. Gostaria de não decepcionar sempre Katie. Gostaria de ser uma pessoa melhor.

— Posso ligar para você esta noite, não é? — Pergunta Marcus, e então a beija e ambos desaparecem um no outro da maneira que todos os casais fazem.

Olho para meus pés e tento imaginar Dave me beijando assim. No lugar disso, acabo pensando em Evan.

Talvez Marcus saiba onde ele está.

— Ei, Marcus, — digo, cutucando seu pé com o meu. Separa-se de Katie e me olha com um olhar vago em seu rosto. — Você viu Evan hoje?

— Quem?

— Você sabe, o garoto com quem você estava conversando ontem de manhã.

— Oh, Evan, — diz. — Não, não o vi hoje.

Katie me lança um olhar, impossível de ler, mas Marcus se vira para ela e se beijam até que Dave e alguns outros garotos chamam seu nome da direção do ginásio.

— Deveríamos ir, — diz Katie, e eu penso, *Graças aos céus*, e começo a entrar no carro.

Eles se despedem um do outro depois que entramos no carro, com Katie inclinando-se sobre mim para falar com Marcus pela minha janela.





— Tchau, Marcus, — digo quando finalmente terminam, empurrando Katie para que deixe de cravar seus cotovelos em minhas pernas. Marcus me olha, franzindo um pouco o cenho.

— Nos vemos, Lauren, — diz, mas tenho a sensação que há algo mais que quer dizer.

— Que droga, seu pai te castigar por causa de um suéter, — diz Katie no caminho de casa.

Dou de ombros. — Sabe como ele é.

Katie mexe em seu som. — Um pouco curioso que a última vez que ele castigou você foi à vez que você e Dave deveriam sair pelo fim de semana.

— Sim, bem... — Deus, isso. Nosso fim de semana juntos era na verdade um fim de semana meu, de Dave, e sua família, e, oh, siiim, ao redor de outras quatrocentas pessoas em uma reunião familiar. Eu tinha desistido no último segundo, argumentado está de castigo, mas a verdade é que a ideia de todo um fim de semana familiar me assustava e deprimia, me fazia desejar algo assim com minha própria família, mesmo que eu soubesse que se fosse assim, nunca seria como a de Dave.

— Lauren, — diz. — Você anda muito distraída, e agora mesmo com Dave, parecia um pouco irritada. Vocês estão bem? Por que ele te ama de verdade. Você sabe, né?

— Sei que ama, — digo, cansada, não querendo escutar mais e com medo do que ela diria se eu contasse como me sinto





na verdade. — Olha, lamento pelo que aconteceu. Sei que você queria que eu fosse para essa festa com você e Marcus.

— Não é isso, quero dizer, é, porque Clara vai estar lá e tudo isso, mas...

— Marcus nem sequer vai notá-la. Especialmente se você usar essa camiseta azul.

Katie sorri amplamente, e posso dizer que consegui distraí-la. Bem. — Essa é exatamente a que vou usar. Mal posso esperar para ver seu rosto quando for me pegar.

— Uau. A sua mãe deve gostar de Marcus, de verdade. Meu pai não me deixaria ir para lugar nenhum com alguém com uma camiseta como essa. — Isso se ele perceber o que estou usando.

— Ela não sabe seu nome, — diz Katie. — Na metade do tempo acho que nem sequer sabe o meu. Ela está — é como se tivesse se perdido ou algo assim, e meu pai... ele nunca está em casa, e não acho que nenhum dos dois saiba sequer que estou namorando. Mas isso não importa. O que importa é que as coisas não podem ficar pior. Não até que Harold e Gerald sejam maiores.

— Katie...

— Não faça isso, — diz, apressadamente. — Estou acostumada a isso.





— Isso não está correto, — digo, e Deus, que inútil eu sou? O que disse não ajudará em nada e ambos sabemos. Pigarreio. — Há algo que eu possa fazer? Precisa de alguma ajuda?

— Estou bem, — diz, e a maneira em que diz me deixa gelada porque sei muito bem o que pode significar. O que normalmente significa.

O resto do caminho para minha casa percorremos em silêncio, e quando entro estou rodeada por isso. Ignoro minha tarefa – ainda estará ali amanhã – mas treino com meu clarinete por um tempo. Enquanto estou limpando e verificando minha leitura, escuto a porta da garagem se abrir.

Vou e olho, esperando que não esteja quebrada novamente. Ficou quebrada por três meses e dois dias, até que meu pai conseguiu uma pessoa que viesse consertá-la, abria e se fechava sem parar.

Mas a porta da garagem não está quebrada. Papai está em casa, e quando me vê olhando-o com surpresa, sorri amplamente, segurando uma pizza, e diz, — Queijo extra e peperoni, correto?

Jantamos juntos pela primeira vez em não sei quanto tempo. Até conversamos um pouco. Descubro que o último projeto de casa de papai teve alguns problemas, algo com zonas e desacordos. Conto sobre minhas aulas, e até consigo que ria quando descrevo Axel.





— Então, o que mais está acontecendo? — pergunta, e na verdade, começo a contar-lhe sobre o solo, mas então seu celular toca e ele vai atender. Limpo a cozinha e coloco o resto da pizza na geladeira. Ele se levanta quando ligo a lavadora de pratos, dando-me um sorriso distraído enquanto se dirige para seu escritório falando de esquemas e tamanhos de pisos.

Subo para meu quarto. Penso em bater a porta, mas não tem sentido. Procuo o nome de Evan na lista telefônica e depois na web, mas ou seu número telefônico não está listado ou o sobrenome de Mary mudou porque não consigo encontrar nada. Pergunto-me o que estará fazendo agora. Se há talvez alguma possibilidade de que esteja pensando em mim.

Escuto soar a campainha da porta e reviro os olhos, levanto-me, e fecho a porta do meu quarto. Quando um projeto ocupa todo o tempo de papai – o qual fazem a maioria deles – ele normalmente traz pessoas para casa nos fins de semana para conversarem sobre esquemas e deixar coisas ou — discutir estratégias. — Começo a fazer a lista do supermercado e tento não pensar no fato de que tenho dezessete anos e estou em casa numa sexta-feira à noite. O fato de que seja por escolha não faz nada melhor. Só me faz estranha. Estranha e má namorada e...

— Lee Lee!

Ignoro papai e escrevo cuidadosamente — Café — na lista do supermercado. Realmente gostaria que parasse de me chamar assim.





— Lee Lee? — Soa muito mais próximo agora. Como se até estivesse no andar superior ou algo assim. Huh. Escrevo — suco de laranja — , e depois, risco. Sempre compro, pensando que tomarei pela manhã, mas nunca faço isso.

— Lee Lee? — Ele, na verdade, está em cima, porque na verdade está me chamando da porta. Levanto e a abro, perguntando-me o que está acontecendo. Parece irritado, com o telefone ainda em seu ouvido. Tem uma mão sobre o receptor.

— Alguém está aqui querendo te ver — , diz, e então, — Correto, correto, — no telefone.

— Aqui? Para me ver? — Evan é meu primeiro pensamento e é uma loucura, eu sei. Porque viria me ver? Mas ainda assim vou até minha cômoda para olhar-me no espelho e verificar meu cabelo.

— Abaixo, — diz meu pai, com a mão sobre o receptor novamente e um desconcertado olhar em seu rosto enquanto me olha tentar fazer com que meu cabelo pareça decente. Diz, — Sim, absolutamente, — no telefone, e depois coloca uma mão sobre este novamente e diz, — Seu namorado, Danny?

Não Evan. Deixo de arrumar meu cabelo. — Dave, — digo, e empurro, passando por meu pai, dirigindo-me escada abaixo.

É Dave. Está de pé na frente do hall, parecendo um pouco incômodo. — Acho que perturbei seu pai — diz para mim. — Está com raiva?





Nego com a cabeça. Papai desce as escadas, vagando novamente, ainda no telefone. Quando me alcança e a Dave diz, — Espera um segundo, — e na verdade deixa de falar no telefone.

— Muito encantado de conhecer você, — diz para Dave, e ambos se dão as mãos. Penso em lembrar para papai que ele já conheceu Dave antes – duas vezes – mas decido que não vale a pena. Dave, perfeitamente educado como sempre, dá a mão e diz, — Você também, senhor, — com um leve olhar desconcertado em seu rosto.

Papai assente e começa a falar no telefone novamente. Antes de fechar a porta do seu escritório diz, — Passem um bom momento, — a última palavra é cortada pelo golpe da porta se fechando.

— Perdão — digo para Dave. — Ele está realmente distraído. Uma grande coisa no trabalho. Sabe como é.

Dave assente, e aposto que pensa que sabe, mas não.

— A oradora na igreja não conseguiu vim porque perdeu seu vôo, — diz. — E pensei em passar aqui para lhe surpreender. Está surpresa?

— Muito, — digo, e lhe dou um beijo rápido. — Vem para cima.

Dave, na verdade, dá um passo para trás. — Para cima?

— Sim, estou fazendo a lista de supermercado, — conto, sorrindo amplamente. — Você pode ajudar.





— Eu...— diz. — Seu pai...

Não se preocupará, quero dizer que nem sequer notará. — Deixaremos a porta aberta e então não se preocupará e poderá ficar nos verificando.

— Okay, — diz Dave, e vamos para cima.

Onde, na verdade, trabalhamos na lista do supermercado.

Não é tão ruim, na verdade. Ele é bom em pensar em coisas que podem ser feitas rapidamente – ele me diz sobre esse prato que envolve manteiga de amendoim e espaguete, o que parece uma estranha combinação, mas menos enquanto explica a receita.

— Sabe tudo, — digo enquanto escrevo — manteiga de amendoim — e me aproximo um pouco mais perto dele sobre a cama de maneira que nossos ombros se tocam.

Ele ri e nem sequer se afasta, na realidade, se inclina para frente e me beija. Olho seus olhos fechados por um momento antes de fechar os meus. Beijamos-nos por uns minutos, e está me segurando apertada, com uma mão deslizando sobre minha camisa para acariciar minhas costas. E então se afasta, seu rosto ruborizado e me dá uma olhada que conheço tão bem, uma que diz que embora ainda queira me beijar, não vai fazer isso. Brinco com a lista de compras, escrevendo — pão — nela com traços fortes. Debaixo escrevo — geleia — ainda mais forte, de maneira que o lápis perfura o papel.

— Lauren? Você está bem?





Olho por cima de Dave. Parece tão doce e preocupado, e que tão maravilhoso é que eu tenha um namorado que me respeite? Que não me pressione? Que está feliz por se sentar e me ajudar a escrever uma lista de compras? Caramba, quem faz tudo isso e até sabe receitas de cozinha que uma idiota como eu pode fazer?

Não é ótimo, de forma nenhuma. Deveria ser, mas não é. Estou cansada da perfeição. Baixo a lista.

— Por que não quer me beijar?

Dave me olha como se eu o tivesse golpeado. — Lauren, — diz. — É claro que quero te beijar. Quero... me preocupo com você. Mas seu pai, ele está...

— No andar de baixo e completamente distraído. E ainda se não estivesse, estávamos somente nos beijando, Dave.

Dave muda um pouco de posição na cama, olhando-me, e me movo para ele. Ele não se afasta, e de perto é ainda mais bonito, o que não parece possível, mas ainda assim de alguma maneira é verdade, e nos beijamos novamente. Desta vez não se afasta e até se move mais perto, com uma mão curvando-se ao redor de minha cintura.

E é lindo, na verdade, agradável. Sinto-me segura desta maneira, com a boca de Dave pressionada contra a minha. É conhecido.

É aborrecido.





Acabo de pensar isso? Dave move a boca um pouco, e eu realmente pensei isso. Ainda estou pensando.

Sou um fenômeno. Como posso me aborrecer beijando Dave? Justo agora, estou beijando-o. Não deveria estar aborrecida. Pergunto-me como seria beijar Evan. Tento imaginar, Evan aqui, em meu quarto, e de repente estou muito menos aborrecida, a boca de Dave de repente é de alguma maneira diferente, melhor. Mais excitante.

Oh.

Não deveria estar pensando em Evan. Não assim e especialmente não agora. Mas o faço, e quando finalmente Dave se afasta, parecendo um pouco atordoado e dizendo que na verdade deveríamos parar, o deixo ir. Acompanho-o até o andar de baixo, escutando-o dizer que me ama, escutando-me dizer que também o ama. Cumprimento-o enquanto ele entra em seu carro, e não estou pensando nele em absoluto. Estou pensando em Evan.

Estou atraída por Evan. O assunto é, não estou certa do que fazer a respeito. Quero dizer, gostei de garotos antes, toneladas de vezes, mas não assim, esta quase doença esvoaçante quente em meu estômago, como um segundo coração. Não me sinto aborrecida. Não me sinto a salvo. Me apoio contra a porta e tento pensar em Dave, mas minha cabeça está cheia de Evan, em como fala, como parece. Na preocupação de não vê-lo novamente. Na preocupação de vê-lo.

— Lauren?





Abro meus olhos e papai está em pé no hall me olhando. Parece muito incômodo.

— Dave acabou de ir embora, — digo.

Se algo, dizer-lhe isso o deixou mais incômodo. Muda seu peso de um pé para o outro, baixa o olhar para o chão.

— Papai? — Digo.

— E, estão sendo cuidadosos? — Sua voz é muito baixa, quase um sussurro.

— Papai!

— Lauren? — diz, e escuto um denso temor em sua voz.

— Não tem nada com que se preocupar, — digo, e lhe dou um beijo de boa-noite. Vou para cima e me preparo para dormir. Depois de apagar as luzes, me deito ali pensando no que aconteceu naquela noite, sobre o que disse meu pai. Sobre o que ele quis dizer.

Sobre o que ele não disse.

Esta é a conversa sobre sexo que meu pai me deu:

Quando eu tinha quinze anos, descí as escadas para tomar café da manhã em uma manhã, e ele tinha deixado uma nota que dizia, — Encontro com o médico. 1 da tarde. Pegarei você — Imaginei que era o dentista, mas quando veio para a escola e me pegou, me levou para um ginecologista, e antes de perceber meu pai estava agitando a mão do médico e dizendo, — Phil, você está gostando dessa casa? — e eu estava me apressando





para dentro de uma parte traseira para um exame onde aprendi que estribos não era algo que tinha a ver só com montar cavalos. Também me foi dado um panfleto de sexo seguro e uma receita para pílulas anticoncepcionais.

— Não entendo, — eu disse para papai depois disso, enquanto estávamos indo para casa da farmácia e eu olhava para baixo para uma pequena sacola branca que continha um círculo rosado de plástico cheio de diminutas pílulas.

— Quero que esteja a salvo, — disse. — Quero que tenha oportunidades.

Isso me calou, e eu acho que ele sabia que isso faria.

Não estava planejando tomar as pílulas – nem sequer havia sido beijada, e a possibilidade de um namorado era, estava certa, uma impossibilidade – mas quando desci para tomar o café da manhã na manhã seguinte, ele estava realmente ali. Mais que isso, até tinha me feito o café da manhã. Sentei-me, atordoada, e me passou um prato de ovos e disse, — Está se sentindo bem?

Olhei para ele e percebi que não estava irritado comigo, não estava tentando me ferir. Ele tinha querido dizer o que disse, e não de uma maneira ruim. Ele só quis dizer. Ele queria que eu estivesse a salvo. Que tivesse oportunidades. Que não terminasse como ele e mamãe. Disse que estava bem, e quando subi para pegar minha mochila, peguei uma pílula.



Capítulo 12

O que meu pai nunca disse, mas eu sempre soube, é que eu era um erro.

Papai estava na universidade quando conheceu mamãe. Com dezenove anos, e determinado a fazer um nome, ele foi o primeiro em sua família a ir para a universidade. Seus pais não queriam que ele fosse, tinha dito que ele desistisse da bolsa que conseguiu e entrasse no exército. Papai disse que eles pensavam que estavam sendo práticos. Não posso dizer o que na verdade pensava meus avôs, por que nunca os conheci. Eles já não falam mais com papai, e não tentaram por anos.

Eu sou a razão disso.

Papai conheceu minha mãe em uma festa. Só sei disso por que lembro escutá-la dizendo isso para meu pai uma vez, com algo áspero e amargo em sua voz, e sua mão descansando gentilmente sobre minha cabeça. — Lembra quando nos conhecemos? Sempre pensei que as festas eram tão divertidas e então...

Mamãe tinha dezoito anos, estava prestes a se formar na preparatória. Não era triste, não era desordenada. Ela era perfeita. Tenho seu anuário do último ano escondido em meu armário, mas não preciso vê-lo para dizer como ela está na foto, e o que está escrito debaixo desta. Memorizei tudo já faz um longo tempo.





Ela estava sorrindo em sua foto, um bonito sorriso risonho, e debaixo de seu nome tinha uma lista, uma longa lista: Sociedade de Honra. Comitiva da Festa Anual 9, 10, 11, 12. Capitã de Animadoras, 12. Coordenadora do Programa de Doação de Sangue. Conselheira Estudantil. Continuava e continuava. A penúltima linha era a Mais Bonita. E debaixo disto estava Com Mais Probabilidade de Sucesso.

Ela ia para Yale. Tenho a carta de admissão também, dobrada e em seu envelope dentro do anuário. Em cima do envelope minha mãe tinha começado a escrever uma lista de coisas que queria levar para a universidade. A lista terminava na metade do caminho para baixo, no meio de uma palavra. Ela provavelmente se distraiu com algo e deixou para terminar mais tarde, mas parte de mim vê algo mais, vê minha mãe planejando seu futuro quando, de repente, tem que parar. Vai até o banheiro e vomita seus intestinos. Quando termina se olha no espelho e sabe que não terminará a lista. Sabe que não irá para Yale. Terá que preparar-se para me conhecer.

Sei que minha mãe e meu pai se conheceram em uma festa, mas não sei como se conheceram e sobre o que falaram. Não sei se gostaram ou simplesmente ocorreu que se encontraram um ao outro por casualidade. Só sei que me fizeram. E sei que quando meu pai voltou para a escola, ele voltou para a casa depois da aula uma noite e minha mãe estava lá, esperando por ele. Às vezes, pergunto-me se ele não sabia quem era ela, se não lembrava dela.

Talvez lembrasse e estava desejando voltar a vê-la novamente. Não sei. Eu só sei que ela contou sobre mim.

O próximo pedacinho em sei em meus ossos, um momento para ele que estava ali, mas não pode lembrar por que era simplesmente uma aglomeração de células revolvendo os intestinos da minha mãe e mudando sua vida. Meu pai se sentou junto a minha mãe e a olhou. Não havia realmente olhado para ela antes, e quando o fez, finalmente, percebeu que ela era





alguém que ele poderia amar. Que talvez ele já a amava. Ele uma vez recordou-lhe este momento, um pouco antes que ela fosse embora. Eu estava brincando com minha boneca e eles estavam conversando, com suas vozes soando do quarto onde eles estavam, até o meu, envolvendo-me.

— Apaixonei-me por você nesta noite, — meu pai disse. — Você era tão corajosa, tão segura. Disse que não queria nada de mim, que só queria que eu soubesse. Soube neste momento que não podia deixar você ir.

Não sei o que minha mãe disse para meu pai nesta distante noite, mas enquanto estava sentada ali segurando minha boneca, ela disse, — deveria ter deixado.

Ele não fez isso, é claro, e acho que ela não quis que ele fizesse. Pelo menos, não naquela época. Ela queria conservar o bebê. Eu sei por que quando ela disse que estava grávida e que conservaria o bebê, seus pais choraram, suplicaram que pensasse em seu futuro, em tudo que tinha e que podia perder. Ela me disse, com uma voz sonolenta enquanto eu estava sentada em frente ao Plaza Sésamo em uma tarde. — *Mas fiz a escolha correta*, — disse, e me pegou em seus braços. Isso foi quando eu era muito pequena, no passado quando ela ainda estava quase feliz com sua vida, com meu pai. Comigo.

Seus pais sugeriram suspender Yale por um ano, fizeram sutis insinuações de como ela precisava visualizar suas oportunidades. Mas havia uma veia de algo selvagem em minha mãe, e ela disse que não. Renunciou a Yale, se recusou a ir. Seus pais ficaram furiosos e, quando isso não a comoveu, ficaram assustados. Ela os abandonou, saiu de sua casa um dia e nunca mais voltou. Eles são outra família a qual não conheço, sua história, outra que não posso contar.

Mudou-se com meu pai, e na manhã em que acordou por que eu estava chutando, os pés avultando contra minha mãe, ele lhe pediu em casamento.



Ela fez isso selvagem, também, eu acho, e então aos dezenove anos, ele se encontrou casado e com um bebê a caminho.

Eles eram felizes, embora não consigo imaginá-los deste modo. A mulher que conheci era tranquila, sempre olhando além de mim e meu pai até outro lugar qualquer. Mas ela era feliz, pelo menos por um tempo, e também meu pai era. Há um monte de fotos para provar, ambos sorrindo, emoldurados em pé debaixo de um arco em algum lugar, com a mão de meu pai descansando gentilmente sobre o estômago de minha mãe. Os dois sentados juntos, com os braços ao redor do outro, nem sequer notando a câmera por que tudo que podiam ver era um ao outro. A melhor foto, e a que dificilmente olho alguma vez, foi tirada justo depois que eu nasci. Estão no hospital e minha mãe está rindo, com seu rosto virado para papai, seus olhos brilhando. Meu pai está devolvendo-lhe o olhar, e nunca o vi olhar ninguém dessa maneira. Pensei que com Robin, sua última namorada, talvez – mas nunca aconteceu. Acho que ele teme se deixar levar dessa maneira. Sentir-se assim. Na realidade, não o culpo.

Há algumas fotos mais depois disso, mas eles dois não estão novamente juntos nunca mais nelas. Em seu lugar, eu entrei nelas, e um deles está sempre me segurando, a outra pessoa por trás da câmera, um fantasma que não pode ser visto. Há uma foto de nós no dia em que nos mudamos para a casa. Mamãe está me carregando, olhando o céu, eu estou em seus braços, com meus dedos enroscados em seu cabelo como se tentasse trazê-la de volta para a terra. Conseguir que me olhasse.

Não sei exatamente o que deu errado, mas sei que as coisas aconteceram. Todas as minhas lembranças de nós nesta casa são tranquilas. Meu pai sendo silencioso quando voltava para casa, minha mãe olhando pela janela e assentindo para tudo que eu dizia antes de virar para me olhar com um olhar distraído em seu rosto. Comer o jantar, os únicos sons, os utensílios sendo levantados, e a comida sendo mastigada. Suas mãos





pressionadas contra uma janela, e o olhar em seu rosto quando virava e me olhava.

Acho que o amor a consumiu. Acho que tudo o que ficou foi essa veia selvagem, que a fez ir para meu pai, e para mim. Acho que lhe apontou outro lugar e ela foi para lá.

Ela se foi quando eu tinha seis anos. Era uma terça-feira, lembro disso. Ela esperou o ônibus comigo pela manhã, assim como sempre fazia, de pé, em silêncio, tomando seu café e olhando o caminho. Ela me deu um beijo de despedida quando o ônibus chegou, um rápido roce de seus lábios na parte superior da minha cabeça. Afastei-me e corri para o ônibus por que sabia que o faria de novo amanhã e no dia seguinte e no dia seguinte.

Gostaria que tivesse dito que não faria. Eu teria ficado. Teria segurado forte nela, tentando lembrar tudo que eu podia.

Quando voltei para casa à porta da frente estava destrancada. Não pensei nada sobre isso; pensei que ela estava no andar de cima. Pensei que estava lá por que sempre estava e por que tudo que sabia me dizia que sempre estaria. Assisti televisão, comi sorvete, todas as coisas em que ela era cuidadosa em permitir. Chorei um pouquinho quando ficou escuro, temendo que ela estivesse perdida, temendo que de alguma maneira eu estivesse na casa errada.

Quando papai chegou em casa lembro que entrou e chamou o nome de mamãe, e depois o meu. Quando saí da cozinha, ele disse, — Querida, vá lavar seu rosto, — com uma voz distante. Fiz isso, e quando saí do banheiro, ele também não estava lá. Corri pela casa, corri pelo andar de cima. Ele estava no quarto deles, olhando dentro de seu closet. Todas as suas coisas estavam ali, mas as coisas dela tinham sumido, exceto por um pacote de papéis que estava em cima de uma estante. Meu pai pegou, revisou seu conteúdo. Voltou a deixar ali. Mais tarde percebi que o pacote deveria ter sido os papéis do divórcio, preparados, assinados e esperando só para que ele os visse, para que rabiscasse seu nome neles e terminasse sua vida juntos.





— Ela foi embora, — disse, e soou como eu me sentia, perdido. E então se virou para mim e disse, — Deveria pedir uma pizza para o jantar? — Sorrindo amplamente e muito risonho, falso, e supus o que significava o lugar vazio onde deveriam estar às coisas dela. Achei que ela tinha ido e que não iria voltar. Só achei. Pensei que talvez devesse chorar, mas não pude. Só fiquei olhando o lugar vazio, olhando até que meu pai pegou a minha mão e me levou para a parte de baixo, onde ambos agimos como se tudo estivesse bem.

Nunca falamos disso. Segui indo para a escola, exceto que agora ao em vez de esperar com minha mãe na manhã, esperava sozinha, e depois da escola ia com a maioria de meus companheiros de classe para um lugar alegre cheio de brinquedos e sempre mudando a coleção de rostos. Meu pai começou a levar toda a sua roupa suja e a minha para a lavanderia. Quando as pessoas começavam a fazer perguntas meu pai sempre dizia, — Só somos Lauren e eu agora, — e todo mundo assentia, e sorriam para mim, ou davam tapinhas em minha cabeça, ou me jogavam em seus braços como se seu toque, seus abraços, pudesse de alguma maneira fazer que tudo ficasse bem.

Uma vez perguntei se poderia ligar para ela. Meu pai pôs sua cabeça nas mãos por um momento, e voltou a me olhar.

— Lauren, querida, — disse. — Não sei onde ela está.

Ninguém sabia. Ninguém sabe. Ainda não sei. Costumava armar aventuras para ela quando era mais nova, imaginá-la como uma espiã, uma camareira, um bombeiro. Imaginava-a regressando com histórias e presentes. Imaginava agarrando-me entre seus braços e dizendo que nunca iria de novo, que tinha sentido minha falta a cada dia, cada segundo, que cada respiração que dava recordava a mim.

Agora tento não pensar nela em absoluto. Ela fez sua escolha, e não escolheu meu pai. Ela não me escolheu. Quando penso nela, normalmente penso em como eu poderia ser como





ela. Como há uma parte de mim que se levanta, despreocupada, todo dia. Esses pensamentos são os que não sei como lidar, que me fazem sentir coisas que não acho que eu queira sentir.

Não quero isso. Não quero ser assim. Não quero sentir da forma em que ela o fez por que sei o que ocorre quando o faz. Ama com o coração inteiro, com tudo, e acorda em uma manhã e dá algum beijo de adeus da maneira que sempre faz, exceto que para você significa um adeus para sempre.



Capítulo 13

Evitei Evan na segunda-feira. E na terça-feira. Não o procurava nos corredores nem na cafeteria. Ficava olhando para Axel na aula de história, como se fosse realmente interessante, o que não era uma tarefa fácil. Faltei ao treino da banda de jazz, dizendo que não me sentia bem, para conseguir que Katie me levasse para casa, embora o concerto fosse esta semana e eu sabia que o sr. Herrity ia ficar furioso comigo. Me meti em cheio no que tinha e me mantive perto de Dave. Via todas as pessoas que o observavam, seus olhares desviando-se para mim. Dizia para mim mesma quão sortuda eu sou. O feliz que eu era.

Katie me disse que a festa foi boa, melhor que boa. Claro nem sequer fui. Ela estava muito feliz por isso, e estamos discutindo de novo (a terceira vez desde segunda), enquanto tomamos o longo caminho até o estacionamento, caminhando ao redor da escola, para que Katie pudesse — encontrar-se — com Marcus, enquanto ele espera para usar a sala de pesos. Desde que nossa equipe de futebol ganhou a temporada, Marcus se uniu a equipe de luta para se manter em forma e tinha que passar a maior parte de suas tardes treinando e se exercitando.

Quando passamos pela biblioteca, vejo Evan entrando. A coisa é que, evitá-lo me fez pensar mais nele. Não poderia dizer o que aprendi durante as aulas, nem sequer na aula de música. Tudo no que estive pensando foi em não pensar em Evan.

Ele me olha enquanto passamos a frente, e seus olhos, escuros e sérios, se encontram com os meus. Mordo meu lábio e





sigio caminhando, sigio em silêncio. Mas não afasto o olhar, inclusive quando sei que deveria, e tenho que me esforçar para evitar me virar e continuar olhando para ele quando o ultrapassamos. E quando Katie, como se suponha, se encontra com Marcus, penso em voltar para a biblioteca. Seria muito fácil. Simplesmente diria para Katie que esqueci de algo, que ia encontrar outra pessoa para me levar. Ela estava distraída, provavelmente nem sequer me escutaria. Poderia voltar à biblioteca, poderia caminhar para a mesa de Evan. Poderia dizer-lhe olá, perguntar se poderia me sentar. Ele me olharia e diria

— Olá.

Os braços de Dave se envolvem ao meu redor seu queixo acariciando a parte de cima da minha cabeça. — O que está fazendo?

— A mesma coisa de costume, — digo olhando para Katie e Marcus.

— Além de morrer por me ver, hein?

Levanto minha cabeça e o olho. Ele está brincando com uma luz gentil em seus olhos. — É claro. E aposto que você estava esperando que passasse por aqui, verdade?

— Desejando, — ele diz, e já não está brincando, sua voz soa baixa e preocupada. — Podemos... Podemos falar um segundo?

— Claro, — digo, surpresa pelo seu pedido.

Dave é sempre educado, é claro, mas isso é extra educado, inclusive para ele. Ele parece preocupado também, sua testa enrugada, da forma em que faz quando ele tem que dizer algo sobre o que se sente mal, e ele não está me olhando enquanto nos afastamos de todos os demais. Acho que o que seja que quer me dizer, não quer que ninguém mais escute. Pergunto-me o que poderá ser por um momento e então me dou





conta. Vai terminar comigo. A parte triste é que não estou descontente. Nem um pouco. Ele e eu estamos juntos a mais de um ano, e agora vamos terminar e... Eu estou pensando em Evan. Estou pensando que se isso não demorar muito posso dizer que preciso ficar sozinha. Posso entrar de novo na escola. Na biblioteca.

Dave me leva lá fora, para um dos bancos em que as pessoas se sentam para dizer para quem se senta com eles algo que não quer escutar. Sentamos-nos e segue sem me olhar, em lugar disso, fica olhando um lugar sobre meu ombro esquerdo, como se não pudesse ou realmente não quisesse me olhar. Eu dobro meus braços e espero que comece a falar.

Algumas vezes daria o que fosse para ser uma garota normal. Para ser o tipo de garota que se sentaria aqui e sentiria o que deveria sentir. Eu deveria estar triste, eu sei. Mas não estou. Não sou o tipo de garota que deveria ser. Sou eu, simplesmente eu, e quando Dave diz, — Lauren, sabe como algumas vezes há coisas realmente difíceis de dizer? — Eu me inclino e tomo uma de suas mãos entre as minhas.

Ele não fala, assim eu digo, — Dave, está bem. Simplesmente diga.

— São meus pais. Estão me enlouquecendo.

Uau, ele parece triste, quase culpado. Melhor ele já tem alguém mais e... Espera. — Seus pais?

Ele assente. — Eles estão preocupados por que pensam que faço muitas coisas. No fim de semana, eles me obrigaram a me sentar e fazer uma lista de coisas que faço, então disseram que eu não tinha tempo suficiente para relaxar. Eu pensei que eles me compreendiam, mas não. Eles não entendem que é isto que eu quero fazer. Eles não me escutam.

— Por favor, — eu digo sem pensar, minha voz soa agressiva, graças ao quão decepcionada eu estou por ser isso o





que ele queria me dizer. Que ele não queria terminar comigo. — Eles escutam você. Eles se importam tanto com o que você faz que querem se assegurar que você não faça mais do que pode.

— Mas é como se não confiassem em mim.

— Não. Eles te conhecem, te amam. Você é sortudo. Você não sabe quão sortudo... — Eu paro, olho para o chão. Não quero falar sobre isso. Não agora. Não com Dave.

— Ei, — ele diz, sua voz preocupada. — Você está bem?

— Desculpe, — eu digo, forçando as palavras, lutando por manter minha voz calma. Não posso acreditar que não tenha terminado comigo. Não posso acreditar quão chateada estou por que ele não fez isso, mas estou. — Simplesmente estou cansada ou algo assim. O que vai fazer?

— Não sei, — ele diz, e se inclina, tomando minha cara com uma mão e levantando-a gentilmente. — Falar com eles, acho. Dizer a minha namorada que a amo e que a acho maravilhosa.

— Eu não sou maravilhosa.

— Você é perfeita, — diz Dave, e me beija.

Ele não sabe nada sobre mim.

No dia seguinte, enquanto eu e Katie entramos no estacionamento, ela vê Marcus falando com alguém. Ela diminui a velocidade, baixa sua janela e chama Marcus. Ele se vira e a cumprimenta com a mão, mas não se dirige para nós, simplesmente se concentra de novo em sua conversa.

Ele está falando com Evan. E sobre o que seja que estejam falando, deve ser muito importante, por que eles continuam falando quando Katie e eu nos dirigimos até eles. Justo antes que os alcancemos escuto Marcus dizendo algo, mas é muito silencioso para que possa entendê-lo. Evan sacode sua cabeça e olha para o corredor. Olha diretamente para mim.





Eu sei que fiz planos para evitá-lo e tudo mais, mas não importa. Ele está exatamente ali, seu cabelo desordenado, escuro, e brilhante inclusive sob o sol nublado, vestido com jeans manchados com o que parece ser pintura, ou graxa, ou os dois, bandagens nos nós de dois de seus dedos. As pessoas caminham ao seu redor, empurrando-o, como se nem sequer o vissem, e eu não compreendo. Ele é tudo que eu posso ver. Ele sorri para mim e eu sorrio de volta.

O braço de Katie bate no meu. — Desculpe, — diz ela. — Dave está chamando você.

Olho ao redor e vejo Dave parado em torno de uma multidão, todos eles esperando que diga algo, esperando que os note. Dave é a versão feminina de Clara – exceto que ele é uma boa pessoa de verdade e não parece notar quão popular é. Olho ao redor e me dou conta de que quase todos estão olhando-o, como se qualquer coisa que dissesse ou fizesse fosse o mais importante que qualquer um já tenha visto ou escutado. Olho de novo para Evan.

Ele segue me olhando, e quando nossos olhos se encontram de novo, seu sorriso fica um pouco mais agudo, um pouco mais zombeteiro, e me sinto ruborizar, inclusive quando não sei por quê. Marcus me olha, seguindo o olhar de Evan, e franze o cenho um pouco.

— Adeus! — diz Katie, sua voz brilhante da mesma maneira em que soa quando está descontente ou preocupada, ou ambos. Eu a olho, e ela olha incisivamente para Dave.

— Adeus, — digo em resposta, perguntando-me qual é exatamente o seu problema, e olho para Evan de novo.

Ele se foi, caminhando para a escola, e só Marcus está ali, ainda me olhando com seu cenho ligeiramente franzido. Vou em direção de Dave.





Dave reporta que tudo saiu bem com seus pais e me agradece de novo. — Você realmente me lembrou quão maravilhosos eles são — , diz enquanto caminhamos para a primeira aula. — E isso que disse sobre quão sortudo eu sou? Papai disse que soa como algo que mamãe diria para ele quando está chateado. Ele disse que nós recordamos a relação que ele e mamãe tinham quando começaram a sair e me disse que me assegurasse de conservar você.

Eu me perguntava o que Dave pensava sobre isso. Eu o olhei, mas não pude ler nada em seu rosto. Ele parecia feliz, igual a sempre.

— Você quer me conservar? — Eu pergunto, e ele pisca, como se estivesse surpreso pela pergunta, e por um segundo, tão só um segundo, acho ver uma sombra de algo em seus olhos. Mas então a campainha soa e alguém se apressa para passar entre nós, empurrando-o longe de mim, e quando ele se afasta, eu desapareço.

Depois disso o dia é igual a qualquer outro, exceto que no segundo período lembro que o concerto da banda de jazz é hoje. De fato não tinha esquecido realmente. Simplesmente estava muito assustada (e está bem, sentindo-me culpada por ter faltado o ensaio) que pensava que tinha gastado toda a preocupação que tinha disponível ontem à noite, quando não fui capaz de dormir até às três da madrugada. Acho que não tinha feito por que de repente convenci a mim mesma de que esqueci de trazer meu clarinete para a escola inclusive quando sabia que o tinha trazido. Levanto minha mão e peço permissão para ir ao banheiro, e depois de muito rogar, consigo um passe para o corredor e vou para o meu armário. Meu clarinete estava lá, seguro em seu pequeno estojo. Graças a Deus. Voltei para a classe a tempo de um exame surpresa e o fato de saber que iria perdê-lo foi o suficiente para que eu quase esquecesse do concerto. Quase. Pratiquei muito meu solo durante o fim de semana, mas tinha faltado o treino e sabia que o sr. Herrity estaria chateado comigo por causa disso. E é claro, quando fui até o





salão de música antes do almoço (o melhor dos concertos, além de ter um solo em um, era deixar a escola durante algumas horas) ele me afasta para um lado e me pergunta se acho que estou pronta — por que se não esteve praticando, é melhor que me diga agora do que esperar que todos percebam durante o show.

— Estou pronta, — digo, e estou. Ou pelo menos acho que estou.

Todos entramos no ônibus, e enquanto continuo percebo que tenho que participar do jogo onde-eu-me-sento. Tanto quanto gosto da banda de jazz, não conheço ou não falo com a maioria das pessoas neste ônibus. Quero dizer, tanto quanto me incomoda Katie falar mal de minha aula de música, ela tem razão de que há vários perdedores. Então vejo Gail sentada junto a uma janela, o assento ao seu lado vazio e me sinto aliviada. Se nada mais nos ocorrer podemos falar sobre Axel.

— Ei, — digo quando me sento, e ela me olha surpresa.

— Ei —

O ônibus acelera, e saímos da escola. É um alívio ver a grande pintura do mascote da escola, uma grande nútria amarela e azul, desvanecer-se na distância.

— Vou ter pesadelos com esta nútria quando estiver na universidade, — murmura Gail e eu riu, e antes de perceber estávamos falando da peça que contém meu solo e eu digo, — Estou muito nervosa. E se eu arruinar tudo?

De fato é bom falar sobre essas coisas com alguém, em lugar de deixar toda a preocupação em meu interior com um grande e frio nó.

— Você não vai arruinar tudo. E inclusive se fizer... — Gail baixa a voz, inclinando-se para mim. — não poderá superar Andy Plotnik.





Nós duas rimos. Andy é o primeiro trompetista, e no ano passado tinha uma peça completa como solista, e a primeira vez que tocou em um concerto, arruinou completamente. Não só isso, ao em vez de continuar depois que errou sua primeira nota como uma pessoa normal teria feito, ele parou e disse, — Esperem, esperem, deixem-me começar novamente. — Todo mundo riu – inclusive o sr. Herrity, embora tratou com todas as suas forças para não demonstrar – e durante o resto do ano, cada vez que alguém cometia um erro na aula, dizia, — Esperem, esperem, deixem-me começar novamente.

Alguém chama Gail, dizendo seu nome em um tom estranho, arrastando-o malvadamente, rindo. Seu rosto fica vermelho, e me viro para ver quem disse. É Carl, um dos percussionistas, e quando me vê, ri inclusive mais forte e diz, — A namorada de Dave Hall? Homem, gostaria de ver seu rosto agora mesmo.

— Qual é seu problema? — Pergunto-me, girando de novo para olhar para Gail. — Quero dizer, além dos problemas evidentes — Espero que ela ria, mas não faz. Ela simplesmente dá de ombros, com seu rosto ainda mais vermelho.

— Deixe-me adivinhar, convidou você para sair e você negou. — Carl convida qualquer uma para sair, nos dias antes de Dave, costumava tentar consolar-me com o fato de que se eu nunca tivesse um namorado, pelo menos, tinham me convidado para sair. Apesar de que na realidade, que Carl convidasse você para ir a sua casa jogar um estranho jogo de rol e conhecer seu quarto, era mais deprimento do que não ter ninguém que convidasse você.

Gail sorri, um pouquinho, mas sacode sua cabeça.

— Oh, está bem. — Digo. — De verdade. Ele faz isso com todas e sempre age com um idiota depois. Alguém acreditar que a essa altura ele já estaria acostumado com o rechaço. Convidou você para conhecer seu quarto?





— Realmente ele não disse isso. Quero dizer, é tão estúpido... — Ela se levanta, olha de novo para Carl, então para mim. — Ele disse, verdade?

Eu assinto e ela ri, e o resto do caminho no ônibus passa bem. Divertido, inclusive.

O concerto é... bom, na realidade é bastante patético, como sabia que ia ser. Tocamos em um lar para idosos, para um montão de anciãos sentados no parque, a maioria dos quais nem sequer estavam nos olhando, se não ao céu ou ao chão.

Mas é um dia bonito, e quando estou tocando meu solo, olho para os anciãos e me sinto bem. Não é por que estou tocando bem, embora, milagre dos milagres, não estou fazendo nada errado. É por que estou fazendo-os felizes. Posso ver alguns deles levando o ritmo da música com suas cabeças, ou com seus pés, e alguns deles estão sorrindo. A música está fazendo isso por eles, e eu sou parte disso. É uma sensação incrível. Pergunto-me se Evan compreenderia como me sinto agora. Aposto que compreenderia.

Não é até depois, muito depois, no ônibus de volta para a escola, quando penso em Dave e percebo que nunca pensei nele enquanto tocava. Nem uma só vez. Nunca pensei em contar-lhe sobre meu solo. Significava muito para mim, era importante de uma forma que a maioria das coisas não são, mas não queria compartilhar com ele e sei, de alguma maneira, que nunca o farei.



Capítulo 14

Essa noite ligo para papai. Ele não responde, é claro, assim deixo uma mensagem de voz dizendo que vou estudar na biblioteca com Katie.

Antes de desligo digo que vou aceitar isso como um sim a menos que ele ligue e diga o contrário. Já terei ido quando ele escutar a mensagem, assim não terá como gritar comigo por não pedir permissão. E, além do mais, há uma possibilidade de que não escute nada e de que não tenha ideia de que saí.

Vou até a casa de Katie e a recolho, e depois a levo para o centro de recreações onde Marcus está esperando. Ele não deve vê-la durante a semana, sua mãe é muito rigorosa, e embora Katie vá para sua casa depois das aulas tem que ir embora antes que a mãe dele chegue em casa, e entre isso e seus irmãos não passam muito tempo juntos ou, pelo menos, é o que dizem.

Ainda assim, permitem que Marcus vá para o clube recreativo uma noite de aulas na semana para fazer exercícios ou jogar basquete ou usar a piscina, assim diz que vai para aí, mais vai é ver Katie.

Eu dirijo por que Katie não pode dirigir durante a semana a menos que esteja fazendo algo relacionado com sua família, e isso sempre envolve seus irmãos. Naturalmente, não os quer perto quando está com Marcus. Assim diz que está estudando comigo, e eu digo a papai que estou estudando com ela, e dessa forma, a mãe de Marcus não suspeita nada, Marcus tem um álibi. Não que realmente importe, por que para que ela soubesse se Katie





estava com Marcus, a mãe de Katie teria que atender o telefone e a única pessoa que verifica as mensagens da máquina de minha casa sou eu. Papai recebe todas as chamadas em seu celular, e nunca responde uma mensagem que não esteja relacionado com seu trabalho, eu sei por que já fiz isso uma vez por semana durante três semanas, e nunca disse nada incluindo o fato de que eu disse que ia usar o carro todas às vezes.

Depois de deixar Katie e Marcus, dirijo até a biblioteca. Disse para Katie que iria para o shopping, mas sempre vou para a biblioteca. Gosto desse lugar e gosto de ir durante a semana. É silencioso, mas não silencioso como a minha casa, e se não gosto do livro que estou lendo, tenho toneladas de outros livros para escolher.

Hoje pego uma cópia do romance que devemos ler para inglês (não me surpreende que tenham muitas cópias dele) depois pego um livro que parece interessante. Um dos bibliotecários com quem trabalhei no verão que conheci Katie para pra me perguntar como estou, e que universidade penso em me inscrever.

Isso é outra das coisas que eu gosta da biblioteca. Todos os bibliotecários me conhecem e me fazem essas perguntas, sobre minhas aulas, para qual universidade quero ir. Sobre mim e como estou.

Deixava Katie louca quando trabalhamos aqui, a maneira como nos perguntavam como estávamos e essas coisas, mas eu gosto muito. Não é como se fossem pais ou professores ou algo assim, como se perguntassem por que deviam fazer isso.

Falamos de universidades por um momento, e consigo o nome de algumas escolas que soavam como se valesse a pena procurar e que realmente poderiam me aceitar. Leio dois capítulos do romance para inglês depois disso, e depois riu e começo o outro livro que peguei. Está realmente bom, e leio até que outro dos bibliotecário se aproxima e me diz que logo vão fechar. Olho o relógio, surpresa. Não tinha percebido que era tão



tarde. Normalmente, Katie já teria ligado a estas horas. Verifico meu telefone e vejo que tenho o toque no vibrador, mas não está desligado, está tudo bem e não tenho mensagens.

Ótimo, entendo que Katie queira ver Marcus, entendo, mas a cada semana está ligando cada vez mais tarde. Coloco o livro para minha aula na prateleira e registro o outro. Katie liga enquanto vou até o carro.

— Finalmente, — digo. — Vejo você no centro de recreações?

— Pode me pegar às onze horas?

— Às onze horas, e o que eu devo fazer depois que feche o shopping, sentar no estacionamento?

— Desculpe, — diz. — Só não quero ir para a casa ainda .

Normalmente nem sequer escutaria isso, diz todas as vezes, mas desta vez faço por que vejo seu rosto quando fala de sua mãe e seus irmãos. — Katie...

— Um momento, — escuto movimentos e a voz de Marcus murmurando, — pode dizer que passou a noite em sua casa?

Penso um segundo. As possibilidades de que a mãe de Katie ligue para minha casa para ver se ela está lá... não são muitas.

As possibilidades de que ligue a mãe de Marcus – maiores, especialmente por que não vai receber resposta na casa de Katie, mas o telefone no quarto de papai não presta desde que caiu há oito meses, e ele ainda não percebeu.

Além disso, poderia baixar o volume da secretária eletrônica para que ele nunca se desse conta. E a mãe de Marcus provavelmente era mais propensa a ligar para com quem ele deveria estar, de qualquer forma. — Claro.

— Obrigada. — A voz de Katie é praticamente uma canção. Soa tão feliz. — Tenho que ir para casa de madrugada





para me assegurar de Harold e Gerard vão para a escola, está bem?

— Vai passar a noite com Marcus em seu carro e depois irá para casa às quatro da manhã? Está certa de que não quer ir para casa agora? Quero dizer, entendo que ama Marcus, mas tudo isso?

— A festa de aniversário é amanhã, — diz ela e depois baixa a voz. — Estou... sinto como se fosse passar toda a minha vida cuidando deles. Preciso de tempo para ser... para ser eu. Prometo que não voltarei a pedir algo assim para você de novo.

— Não é isso. Eu só, está certa de que quer ir para a escola amanhã? Quero dizer, poderia pedir para papai que me levasse ou algo, assim você poderia relaxar e se preparar para a festa, ficar em casa e...

— Prefiro estar na escola. Vemos-nos amanhã, certo?

— Está bem, — digo, e dizemos tchau. Pergunto-me o que Marcus fará depois que deixar Katie, mas isso não é problema meu.

Isso é o bom dos encontros com Dave. Nunca nada como isto aconteceu entre nós. O que temos é completamente simples, sem complicações. Seguro.

Não há maneira de que papai chegue em casa antes das dez e meia, assim dirijo por um tempo. Passo pela escola, parece entediante, inclusive na escuridão, e no shopping, que tenta competir com os maiores shoppings.

Inclusive dirijo mais a frente dos poucos edifícios dos escritórios no distrito do negócio de Hamilton, edifícios diminutos de ladrilhos na maioria são PARA VENDA OU ALUGUEL.

Depois para a frente da entrada das mercadorias Anderson. Tudo está iluminado, e posso escutar os sons dos





caminhões e os vejo em uma fila estacionados ao longo da estrada, esperando passar pela porta. Depois de passar Anderson, não há muito para ver. Além do Gas'n'Go, que é o único lugar na cidade onde se pode comprar um granizado¹ decente, todas as fábricas estão fechadas, então antes de ir para a estrada decido parar e comprar uma bebida, depois irei para casa.

O empregado me dá uma olhada quando entro, e depois volta a olhar de forma aborrecida. Só há uma pessoa na loja, está de pé no meio do corredor, olhando para uma estante e quando me aproximo percebo que é Evan.

Nem sequer levanta o olhar quando passo perto dele, só segue olhando fixamente a prateleira. Seus olhos estão quase fechados, como se estivesse dormindo. Caminho para o balcão. Ainda está aí. Clareio a garganta. Nada. O empregado me lança uma olhada como quem diz, — Por favor, pague por sua compra e vá embora .

Eu o ignoro e viro para ele.

— Ei. — Ele não diz nada. Nem sequer me olha, só fica com as mãos nos bolsos, o olhar se centrando no chão.

— Evan?

— Lauren? — Diz lentamente, com a voz fraca e rouca.

Agora me olha, realmente me olha, e é como se nunca antes tivesse me visto. Seus olhos eram enormes e gentis.

— Está bem?

— Estou bem, — diz. E depois se desliza para junto de mim, até a parte dianteira da loja.

Viro e ao vê-lo assim me faz, querer fazer ou dizer algo, mas não sei o quê.

¹ [N/T: Granizado é uma bebida feita de suco congelado e moído.]





Ele abre a porta com seu ombro e depois vai embora, e é tragado pela escuridão do estacionamento.

Olho o que Evan estava olhando: Gazes e alimento para bebê. E o empregado volta a tossir. Logo pago por meu granizado.

Saio dali depois de receber meus treze centavos de troco, procuro no bolso minhas chaves enquanto minha mão congela com meu granizado. No outro extremo do estacionamento, além das iluminadas bombas de gás e na parte mais escura onde se lava os carros, que pelo que sei, nunca funcionou, alguém está apoiado em um carro.

O carro de Evan. Caminho até ele. Se endireita, quando me aproximo, começa a abrir sua porta. — Sinto muito o que aconteceu é que eu só... — Sua voz ainda soava estranha. — Não esperava ver você.

Começo a balbuciar algo estúpido sobre os sucos quando o poste da rua por cima de nós pisca e posso vê-lo com clareza, por um momento. Algo aconteceu com sua mão direita.

Está enroscada e descansa em sua janela, mas ainda assim posso ver que está inchada, a pele parece roxa e com contusões.

— O que aconteceu? — Procuo à apalpadela no copo que estava segurando, faz um ruído ao abrir a tampa.

— Quer um pouco de gelo? É gelo granizado. — Seguro perto dele. Mas ele não pega.

— Estou bem, — diz com força.

— Mas sua mão...

— Não é tão ruim.

— Não deveria ir para a Emergência?





— Não,— diz, bruscamente. — Eu só vou voltar para casa e colocar um pouco de gelo em cima .

— Olá. Agito o copo na frente dele.

Ele faz um careta que parece que deveria ser um sorriso e começa a entrar em seu carro.

— Realmente estou bem.

— Eu poderia levar você para sua casa.

Faz uma pausa e move a cabeça. — Não posso deixar o carro aqui.

— Se você ligar para sua mãe talvez ela possa vir...

— Não, — diz, rapidamente, quase assustado.

— Então, ao menos, eu posso seguir você até sua casa. — Não posso acreditar que eu disse isso. — Quero dizer, para me assegurar que você chegue bem.

Espero que meu rosto não pareça tão vermelho como eu sinto.

— Está certa de que quer fazer isso? Quero dizer, você provavelmente quer ir para casa, falar com Dave. — Justamente o nome que estava no ar entre nós. Dave. Meu namorado.

— Este, é... Ele não se importaria, — e a verdade é que provavelmente o mesmo Dave insistiria em dirigir até a casa de Evan, por que ele é esse tipo de pessoa, mas em lugar de dizer isso, eu digo: — Não está em sua casa. E você sabe, eu ainda estou em dívida por aquela vez que caí de bicicleta nos arbustos.

Evan sorriu. Seu rosto se iluminou, isso fez conter minha respiração. — Ah, sim. Acho que você me deve. Mas você não tem que fazer isto. Quero dizer, estou bem, de verdade, e...

— Eu quero... — Digo e nós dois olhamos um ao outro por um momento.





— Muito bem, — diz finalmente em voz baixa, entrando em seu carro. — Não é tão longe de qualquer forma.

— Muito bem, — digo, dando-lhe as costas e indo para meu carro. Evan vive em um dos complexos de apartamentos além da nova rua para o shopping. Há quatro deles e ele vive no terceiro. Parece que todos são de um bege suave e todos os apartamentos oferecem exatamente o mesmo tipo de varanda, exatamente a mesma visão das outras varandas ao redor. Vive na parte de trás do complexo, e quando chegamos lá, estacionamos e ele dá um toque em minha janela, quando a abaixo, ele se aproxima e diz, — Obrigado.

— Evan, — digo, e seu nome soa tão desconhecido como familiar na minha língua, o som de algo que se acelera dentro de mim. Desta vez não vou me afastar sem falar. — Deixe-me ajudar você.

Há um momento de silêncio por um longo tempo, mas logo diz, — Estacione ali, — apontando para um espaço no estacionamento.

Era algo entre inquietante e tranquilo que senti quando sai do carro. A forma em que meu pai falava sobre os complexos de apartamento... Ele os detestava, dizia que era uma unidade de valores muito abaixo das propriedades – mas acho que não são.

Eu já vi casas suficientes feitas por papai para saber que inclusive o mais luxuoso lar é o mesmo sob a superfície. Todos têm seus banheiros, seus quartos, a cozinha, a sala de jantar. Talvez só um pouco mais de espaço, normalmente por causa dos quartos que não são utilizados e se papai e eu vivêssemos em um desses apartamentos se encheria de silêncio tal como em casa.

Evan vive no terceiro andar e quando chegamos a sua porta, procura suas chaves. Sob o brilho da luz do corredor, ele parece tão pálido que parece quase inumano. Alcanço-o e tomo as chaves de sua mão, minha pele pica ao ter contato com seus dedos. Pergunto-me se percebe e se sabe o que faz.





Posso sentir o ar que nos rodeia de alguma maneira cada vez mais silencioso, mais perto. Procuo entre suas chaves até que encontro uma que se parece com uma chave de apartamento, coloco-a e a giro na fechadura. Primeiro penso que errei, mas finalmente escuto um clique.

— Sua mãe se encontra...? — Aponto para o interior, pergunto-me o que Maria vai me dizer quando ela me vê, nem sequer estou certa se vai me reconhecer.

— Ela está no trabalho. É por isso que não posso ir para a Emergência e não poderia ligar para ela do carro. Se eu houvesse feito, ela se assustaria muitíssimo. Ela sabe que tenho um trabalho, mas de certo modo tenho mentido sobre quantas horas de trabalho. Eu não disse exatamente onde estava. Se ela soubesse tudo sobre ele e o que faço... — Ele deixa de falar.

— Mas sua mão... — Digo e a tomo suavemente na minha. Parece horrível. Está ferido e meu coração não deveria estar acelerado, não quando ele se encontra assim, mas está.

— Parece pior do que é. Só preciso por um pouco de gelo nela e tomar uma aspirina. — Ele está olhando para sua mão e para a minha mão que está segurando a sua. Move um pouco os dedos, roçando ao outro lado uma de minhas mãos. — Obrigada por se assegurar de que eu cheguei bem em casa.

— Pelo menos, me deixe colocar o gelo e dar uma aspirina para você.

— Lauren...

A forma com que diz meu nome corta minha respiração. — Diga-me onde está, — digo e custa a mim mesma reconhecer minha própria voz.

O apartamento é muito pequeno, e Evan está ali, atrás de mim, ao meu lado. Isso é tudo no que posso pensar. Encontramos-nos na cozinha – ele parece estar cômodo, vivendo com um pote de manteiga de amendoim e um frasco de





aspirinas que estão no balcão e depois tiro as bandejas de gelo do congelador, fazendo estalar os cubos para depois colocá-los em uma toalha e depois colocar suavemente nas mãos de Evan.

Ele estava me olhando e eu olhando para trás dele e parecia como se não tivesse ar nessa sala e nem em todo o mundo.

Parece como se não existisse nada, só nós, e uma parte de mim está desesperada, não gosta como me sinto, quer sair daqui. Mas não farei isso. Agarro e abro o frasco de aspirinas, ao abri-lo, tiro três. Vejo Evan abrir uma gaveta e olho suas costas, na linha dos ombros, a camisa se levanta um pouco para mostrar só um indício de pele.

Eu ouvia Katie falar sobre os braços de Marcus e seus olhos como se fossem poesias, assentia olhando para Dave como se eu entendesse. Eu não entendia, mas agora sim eu entendia.

Evan se vira com um copo na mão e por um momento a forma em que seu braço está estendido me faz pensar que ele está tentando fazer com que me aproxime que quer me puxar para seus braços.

Mas, então, a luz pisca sobre sua cabeça e vejo a forma como está tentando equilibrar o gelo com a outra mão e percebo que precisa de ajuda. Estou aqui pensando nestas coisas e ele está com essa terrível dor.

— Desculpe, — digo e pego o copo de sua mão, encho com água, e dou de novo para ele. — Eu só estava... — Faço um movimento flutuante com a mão, como se explicasse que meus pensamentos tinham ido para um lugar longe daqui. Ele coloca o copo na pia, inclinando-se para mim e tento não fixar-me no fato de que ele está de pé perto de mim.

Tento não escutar sua respiração, e não olhar para ele pelo canto do olho, para que não perceba a maneira com que seu





cabelo caiu sobre seu olho, como se estivesse a espera de mim para olhá-lo nos olhos e tocá-lo.

— Devo ir, — digo, virando-me para ele, ao mesmo tempo em que ele se vira para mim e me diz, — Está muito tarde, — e depois nós estamos em pé, um na frente do outro. Olhando-nos, tão perto. Não posso escutar nada, só uma palpitação dentro de meu peito como se estivesse tentando se liberar.

Então ele me beija. Sabia de alguma maneira que isto aconteceria, tudo dentro de mim estava em suspenso, a espera do primeiro toque de sua boca sobre a minha, sinto como se algo dentro de mim se rompesse, vertendo-se por toda parte.

Já me beijaram antes, mas não assim, nunca como isto. Oh, e aqui estou, beijando-o. Por agora não posso pensar em nada, só há pensamentos dispersos e fugazes, que sabem como a água, seu cabelo é suave sob meus dedos, inclusive quando estamos tão perto e apertados, um contra o outro ainda não é suficiente.

Nunca antes tinha me sentido assim. Sua mão está em minha cintura e minha mão em suas costas, deslizando-se pela linha da sua coluna vertebral, sobre sua pele que se encontra nua e quente, até onde a camisa chega.

Provo o sabor amargo da aspirina em sua língua e sinto que estou me afogando. Viramos-nos e ele aperta minhas costas contra o balcão, minha cabeça está jogada para trás.

Estou rodeada por ele. Sua mão ainda está em minha cintura e quero que se mova mais e mais para baixo. O gelo na toalha escapa e a água fria de sua mão está sobre mim e quero... Desejo ele.

Ele está dizendo algo com sua boca sobre a minha e então ele rompe o beijo, tremendo muito perto de mim. — Lauren, — diz, e sua voz está trêmula e atordoada.





Vejo o microondas que está por trás dele e vejo o reflexo de mim mesma. Eu nem sequer me reconheço. Há algo selvagem em mim, em meus olhos, nunca antes os tinha visto assim e sempre temi por isto.

Olho para ele e ele parece igual como me sinto agora, seus olhos estão ardentes, sua expressão surpresa, sacudida.

Ele dá um passo para trás e nos olhamos fixamente um ao outro. Não faria nenhuma falta para fechar a distância entre nós. Quero que esta se feche.

Está de pé em silêncio e muito machucado, fui uma imprudente, fui pior que uma imprudente e desejava que tudo acontecesse de novo. Tenho que sair daqui. Quero dizer que me escuto dizer algo como, — Tenho que ir, — com uma estúpida voz trêmula como tirado de um filme ruim para televisão.

Mas a verdade é que não digo nada. Só o empurro e saio correndo para fora da cozinha, fora do apartamento, desço as escadas e entro no carro. Sem olhar para trás.



Capítulo 15

Quando chego em casa, papai está lá. Jogo meu granizado derretido no lixo da garagem, com minhas mãos tremendo, e entro na casa. Ele está me esperando, sentado na mesa da cozinha, batendo os dedos de uma de suas mãos contra a superfície da mesa, nem sequer falando no celular. Ele parecia cansado e irritado e inclusive talvez um pouco assustado.

— Lauren, — ele diz. Meu pai não grita comigo, nunca. Às vezes, desejava que ele gritasse, por que assim saberia que se ele fizesse, eu poderia gritar de volta e talvez correr pelas escadas até meu quarto e fechar a porta de uma vez atrás de mim. Mas quando meu pai se irrita comigo, ele permanece silencioso, sua voz soa como uma chicotada, como um estalo agudo, mas nunca mais forte que uma conversa normal. Ele grita no trabalho, sobre o trabalho, e isso já escutei. Ele e mamãe gritavam, e também todas as mulheres que já viveram aqui desde então, definitivamente tiveram discussões com ele, o escutei ser sarcástico ou duro ou ambas as coisas, e sempre em voz alta. Mas ele nunca falou comigo de nenhuma dessas formas. Nem sequer uma vez. E não é que não esteja acostumada a isso; a forma em que ele é comigo, mas meus olhos se enchem repentinamente de lágrimas. Não posso fazer isto agora. Estou exaustada, constrangida por mim e por esta noite. Estou assustada.





Acho que talvez ele tenha se dado conta disso por que seus dedos param de bater e seu rosto muda novamente, a ira desvanecendo-se por completo. — Você está bem?

Assinto, por que se eu falar, começarei a chorar, e não quero fazer isso. Detesto chorar, posso lidar com sentir a necessidade de chorar, mas não com o que realmente aconteceu. Sei que deveria dizer algo, qualquer coisa, mas em minha mente continuo na casa de Evan, e o que aconteceu se reproduz uma e outra vez, e não posso pensar em nada mais do que isso. Desejo, repentina e desesperadamente, minha mãe. Não, não ela, senão o que eu gostaria que ela tivesse sido, alguém que se preocupava comigo e perceberia que algo tinha acontecido, que abra meus braços e simplesmente me abrace, que me diga que tudo vai ficar bem. Não sinto falta da minha mãe com seus olhos distantes cheios de uma expressão que recentemente experimentei por mim mesma.

Papai pigarreia e para, sua cadeira chiando fracamente em longo do chão. — Deveria ter pedido permissão para pegar o carro, — ele diz, e não soa nem um pouco irritado. Soa como se ele não tivesse ideia do que dizer, e quando pestanejo fortemente para que meus olhos deixem de arder, ele olha para o outro lado, como se não quisesse me ver desta forma. Acho que provavelmente não, que talvez mamãe parou em frente a ele com seus olhos parecendo iguais aos meus, selvagens e chateados.

— Desculpe, — consigo soltar essa palavra com minha voz trêmula. — Deixei uma mensagem para você contando sobre isso.

— Oh, — ele diz, e normalmente este era o momento que poderia deixá-lo chateado, rindo-me da sua incapacidade para escutar uma mensagem durante o caminho de casa, cuidando de soar nem parecer ferida. Faria que tudo parecesse estar bem. No entanto, mudo meu peso de um pé para o outro, silenciosa, e ele se move até mim. Só um pouco, um passo vacilante ao redor





de sua cadeira, e por um louco segundo, penso que talvez ele vá tentar, que ele vai me perguntar uma pergunta de verdade ou talvez inclusive me dizer que tudo vai ficar bem, mas, no entanto, ele para, voltando a se sentar, e simplesmente diz, — Estava preocupado.

— Desculpe, — digo novamente, e me dirijo para fora da cozinha e até as escadas, em direção ao meu quarto. O vejo enquanto subo as escadas, continua sentado na mesa, olhando para baixo como se fosse a coisa mais fascinante que ele jamais viu. Deveria voltar e oferecer-lhe um sanduíche, sorri e deixar as coisas dessa forma.

Minhas mãos tremiam sobre o corrimão, e não consigo. Sinto-me triste, assustada, e não sei como deixas as coisas bem ou sequer fingir que me sinto dessa maneira.

Lavo meu rosto e meus dentes, coloco meu pijama, e depois sento em minha cama. Foi só um beijo, digo a mim mesma. Só um beijo. Não é grande coisa.

Não posso dormir. Tento, apago as luzes e me meto debaixo das cobertas, mas simplesmente fico assim com os olhos bem abertos. Ouço papai no andar de baixo, movendo-se por aí, ouço-o entrar no escritório e fechar a porta. Saio da cama e vou para meu computador, ligo-o.

Foi só um beijo, mas como me senti durante ele foi assombroso. Maravilhoso. Novo.

Entro na minha conta de mensagens instantâneas. Katie está desconectada, é claro, e me pergunto o que ela diria se eu contasse o que aconteceu. Ela se irritaria, acho. Dave é amigo de Marcus, e ela me lembraria disso. Ela me lembraria de como Dave organizou que Marcus e Katie saíssem conosco uma noite, como ele sorriu depois que eles se tornaram um casal e disse que sabia que eles eram um para o outro. Ela me recordaria que deveria ser Dave em quem eu deveria estar pensando. Em quem deveria estar pensando.



Dave, que agora estava conectado e provavelmente escrevendo-me uma mensagem.

Abro o menu de ferramentas e entro na lista de bloqueios, e escrevo o nome de Dave nela. Instantaneamente, ele desaparece da minha vista, seu nome saindo da minha lista de amigos, e sei que eu desapareci da sua. Olho os outros nomes que estão na minha lista. Não há ninguém com quem eu queira falar. Ninguém que eu realmente conheça. Todos, além de Katie, são amigos de Dave, pessoas que às vezes falam comigo para me perguntar o que ele vai fazer no fim de semana quando não conseguem encontrá-lo. Definitivamente não posso falar com eles.

Pergunto-me qual seria o nick de Evan. Pergunto-me se ele está conectado neste minuto. Penso em seu corpo pressionado contra o meu, sua boca formando meu nome.

Não sei o que fazer. Não sei o que pensar a respeito ou como me sinto. Preciso falar com alguém. Passou muito tempo desde a última vez que me senti assim, mas agora está acontecendo. Tudo isto, tudo que aconteceu – é muito para manter dentro de mim. E acho que conheço alguém que me escutaria. Talvez inclusive compreendesse. Abro a agenda de estudantes e procuro o endereço de e-mail de Gail. Escrevo na seção de busca, e seu nome de usuário aparece. Ela está conectada.

Clico sobre seu nome e escrevo, — Ei.

Depois de um curto tempo, a pequena janela pisca, apontando que tenha uma resposta.

— Ei.

Mordo meu lábio e escrevo.





Não me atrevo a contar tudo para Gail, nem sequer uma coisa, na verdade – cada vez que tento, é como se minha mente se bloqueasse e não sei como dizer o que quero dizer – mas ela deve ter sido capaz de perceber que eu estava alterada por que depois de uns poucos minutos de conversa que correram ao longo das linhas nas que ela me perguntava como me senti com o concerto e de que eu respondia, — O quê? — Ela me pergunta se quer que nos vejamos no café da manhã. Digo que sim e fazemos planos, depois me desconecto e volto para a cama.

Acho que não conseguirei dormir, mas acabo dormindo. Não lembro ter sonhado algo, mas a primeira coisa que penso quando acordo é na noite anterior e em Evan. Ouço que papai já se levantou e está se movendo por aí, preparando-se para sair, e tomo o banho mais rápido do mundo, coloco uma roupa, e desço correndo as escadas. Pergunto se ele pode me levar até a cafeteria que fica perto do Instituto de Formação Profissional. Percebo que quer perguntar por que, e inclusive que quero que ele pergunte, mas não faz isso, só diz, — Não esqueça sua bolsa.

— Obrigada, — digo, e a agarro, e percebo que está repleto de tarefas que eu deveria ter feito ontem à noite.

Durante o caminho até a cafeteria, papai escuta música clássica e fala no telefone. Olho pela janela e tento pensar no que vou fazer nas aulas se os professores me perguntarem.

No entanto, penso em Evan. Pergunto-me o que acontecerá quando eu o ver. Sei que é o que quero que aconteça, acho, e esfrego minhas mãos contra meus jeans, enrolando meus dedos no tecido que está sob meus joelhos.

Quando papai me deixa, ele coloca quem quer que seja que estava conversando em modo de espera e se vira para mim. Ele pigarreja uma vez, duas vezes, e depois me passa uma nota de vinte. — Para o café da manhã.





— Obrigada, — digo, e saio do carro.

Enquanto fecha a porta, ele diz, — Lee Lee, você sabe que eu... que tenha um bom dia, certo?

— Terei, — digo, e fecho a porta. O observo se afastar no carro, meus olhos ardem um pouco novamente. Duas vezes em menos de um dia, e neste momento estou confusa e assustada, e não posso permanecer com isto dentro de mim. Não quero fazer isso. É uma nova sensação, uma estranha, e uma parte de mim queria fingir que nada aconteceu, dar a volta e ir embora.

Mas não faço isso.



Gail está em uma cabine na parte de trás, e ela me cumprimenta com a mão enquanto entro. Enquanto me sento, percebo que está me olhando de forma estranha.

— Desculpe, — digo. — Não tive tempo para colocar maquiagem, então estou parecendo um desastre. E sei que meu cabelo...

— Sua camiseta está ao contrário, — ela diz, seus lábios tremem no canto, e olho para baixo e percebo que tem razão. E a parte de trás para frente, além do mais. Ri e Gail também ri, e é aí quando sei que isto – falar com ela ontem à noite e agora ter vindo aqui – é o que eu devia ter feito. E antes de perceber, já contei tudo para ela, as palavras brotam como não fazem desde... bem, nunca. Paro só tempo suficiente para que a garçonete pegue nossos pedidos, e depois de novo, quando nos traz o café.

— E depois cheguei a minha casa e meu pai estava me esperando, e achei que ele poderia perceber que algo estava



errado, mas ele não soube o que fazer e eu também não soube o que fazer, assim que... — Vou parando.

— Então seu pai levou sua mãe para viver com vocês...?

— Viveram juntos por alguns meses quando éramos pequenos. Foi assim que nos conhecemos. E depois se separaram.

— E não o via desde então?

— Não. Não até que comecei o semestre. E sei que não passou tanto tempo, mas parece como – parece como se tudo tivesse mudado.

— Por causa de ontem à noite?

Assinto. — Mas também antes disso. Eu simplesmente... — Mordo meu lábio e pouse meu olhar sobre a mesa, depois olho para Gail. Ela não parece irritada nem incômoda. Ela só parece como se ela na verdade quisesse escutar o que eu tenho para dizer. — Não fui capaz de parar de pensar nele desde que o vi em História Mundial.

Gail coloca um pouco de creme sobre seu café e depois toma um gole. — Perguntava-me o que acontecia entre vocês.

— Ao que se refere?

— Vocês ficam todo tempo se olhando.

Ruborizo, sinto que uma onda de calor atravessa meu rosto. — Sério?

Ela assente. — Então isto... — Ela aponta para minha camiseta, sorrindo. — ...é por ontem à noite? Deve ter havido um beijo.

Assinto e dou um gole em meu café. — Houve um. Quero dizer, sei que foi só um beijo, mas...





— Ei, há beijos que são especiais. Alguns beijos... — Gail faz círculos com as mãos no ar. — É como se abrissem um mundo todo novo.

É exatamente isso. Exatamente como me senti. Quando digo isso, ela olha deliberadamente para minha camiseta de novo e ambas soltamos uma risadinha.

— Mas foi... nunca me senti assim antes, — digo. — Não estou certa se quero me sentir assim.

A garçonete chega com nosso café da manhã, e Gail e eu comemos silenciosas por um momento. Enquanto vou terminando meus ovos, ela diz, — Entendo. É como que há pessoas que você pode gostar e controlar quanto gostam de você, certo? Mas também há outro tipo de pessoas, pessoas com quem quando você está com eles não pode... não pode se sentir a salvo. E se sente maravilhoso, mas às vezes é como...

— Aterrorizante.

Gail coloca um pedaço de pão em seu prato. — Sim. Senti-me dessa forma quando conheci Jennie.

— Jennie?

— Minha ex-namorada, — diz Gail, e agora entendo o que Carl estava dizendo no ônibus que nos levou para o concerto. Olho-a, e ela está me olhando de volta, com cautela. — A conheci, e repentinamente estava maravilhada com... bem, com tudo. Cada vez que estava perto dela era como se não pudesse pensar em mais nada que não fosse nela. Nunca antes tinha me sentido assim, e era tão bom e ao mesmo tempo tão aterrorizante.

— E agora?

Gail sorri, e a cautela em seus olhos vai se desvanecendo. — Continua sendo aterrorizante algumas vezes. Mas



normalmente é realmente maravilhoso. Você só deve... não sei. Deixar de lado seu medo ou qualquer coisa. Só sei como você é.

— E o que acontece se sou como minha mãe? Se me sinto como ontem à noite todo o tempo. — tomo outro gole de café. — Mas e o que acontece se quem sou não é... o que acontece se estou melhor sendo como sou agora? Continuo sendo eu e nunca... — Aponto para minha camiseta. — Nunca sou assim.

— Não sei, — diz Gail. — Mas quando fala dele – Lauren, só te vi assim no dia que você conseguiu o solo.

Lembro como parecia meu rosto naquele dia, quando pensei que nunca tinha me visto tão feliz. Penso em minha mãe com seus olhos brilhantes que olhavam primeiro para meu pai e depois para mim. Penso em como tudo mudou, tudo o que senti foi se desvanecendo até que a única coisa que desejava era ir embora. Não queria me perder desta forma. Não quero ser dessa forma.

— Já falamos o suficiente de mim, — digo. — Tem alguma foto sua e de Jennie?



Gail e eu terminamos falando por um longo tempo. Olho as fotos dela e de Jennie, e falamos sobre como elas se conheceram. Gail sorri cada vez que pronuncia o nome de Jennie. Falamos de música e sobre nossas outras aulas. Falamos sobre livros, e sobre filmes. Falamos de tudo. Katie me manda uma mensagem, quando estou no banheiro virando minha camiseta e a colocando para frente, querendo saber onde estou e se estou bem. Respondo rapidamente, escrevendo que estou bem e que falaremos mais tarde, e depois desligo o celular.





Gail e eu falamos por tanto tempo que temos que correr da cafeteria até o carro, e aceleramos todo o caminho até a escola. E ainda com isso, continuamos atrasadas para nossas primeiras aulas. Mas valeu a pena, e digo isso quando estamos entrando. — Isto valeu totalmente a pena o quão atrasada vou chegar.

— Nunca antes tinha chegado tarde, — me diz, e depois acrescenta, sorrindo, — mas realmente valeu a pena.



Capítulo 16

Tão logo chegou o almoço. Katie me chama de um lado.

— Onde você esteve esta manhã?

— Você sabe, só fui tomar café da manhã.

— Devia ter me ligado.

— Desculpe, — digo entre dentes. — Quer um refresco? Escutei que conseguiram algo mais do que Ginger Ale² dietético.

— Lauren fui até sua casa e você não estava lá. Bati na porta por quase dez minutos e pensei... Deus, pensei que algo tinha acontecido e não soube o que fazer. — Ela se separa por completo e me olha, sua boca treme um pouco igual a quando se altera e está tentando não chorar.

Merda. — Desculpe, — digo novamente. — Não recebeu minha mensagem de texto?

Ela me olha fixamente. — Quer dizer que você respondeu a mensagem de texto que te enviei perguntando onde você estava e o que estava acontecendo? A mensagem onde você disse... *Estou bem, conversamos depois.* Sim, recebi. — Sacode sua cabeça. — Não posso acreditar. Nunca fiz algo assim com você.

— Bem, alguns de nós não somos tão perfeitos como você.

² [N/T: *Ginger Ale* é um refrigerante comum nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra feita à base de gengibre.]



Se vira e se afasta, indo para a fila da pizza. Persigo-a e toco seu braço.

— Katie.

— Algumas vezes acho que você não gosta muito de mim, Lauren. E você é minha melhor amiga. Que tipo de pessoa sou se minha melhor amiga me odeia? — Seu lábio inferior treme de novo.

— Não odeio você. Eu fiz besteira, certo? Algo surgiu de último minuto, mas eu devia ter ligado para você. Isso foi muito desagradável da minha parte. Nunca farei de novo. Prometo.

— Não é só isso. É que... você esteve diferente ultimamente. Já mal nos falamos.

— Ei, eu não acabei de falar para você que finalmente a escola conseguiu refrescos decentes?

Ela entrecerra os olhos, mas sorri um pouco.

— Sabe que pode contar tudo para mim.

Não, não posso. Mas não digo isso. Só digo, — Eu sei, — e espero na fila com ela, compro uma porção de pizza para ela e pergunto sobre ela e Marcus.

Acabou que as coisas entre eles não funcionou. O carro era muito mais frio do que imaginavam, (Não era um frio romântico, só era frio), então dois policiais se aproximaram, bateram na janela, e os ameaçaram de ligar para seus pais. — E sua mãe, — diz. — Juro, tudo parecia como se ela soubesse, por que ficava ligando a cada cinco minutos. Precisa de uma escova de dente? Por que ela podia levar em alguns instantes. Precisava do estojo das lentes de contato? Por que notou que ele tinha deixado. E depois ligou e disse algo sobre que seu pai tinha se machucado no trabalho e em como ela teve que ir pegá-lo, no final Marcus acabou me levando para casa mais cedo.

— Que chato. O pai dele está bem?





— Sim, — ela diz. — Marcus disse que vai ficar bem. Olha Dave está cumprimentando. É tão doce quando está com você. E olha, — ela aponta para uma mesa. — Todas as garotas do primeiro ano estão praticamente derretendo de inveja.

Olho e me asseguro de que as garotas olham para Dave e depois me olham como se fosse algo surpreendente. — Provavelmente não conseguem entender por que ele está saindo comigo.

— Está brincando? Elas querem ser você. Você é muito sortuda.

Chegamos a mesa e vejo Katie inclinar-se e beijar Marcus, ele envolve os braços ao redor dela como se nunca quisesse deixá-la ir. — Essa sou eu, — digo, e me sento, inclinando-me um pouco para que Dave possa me dar um rápido beijo na bochecha.

Katie solta ela mesma de Marcus e me olha fixamente. Eu lhe dou um sorriso, rápido e amplo e depois me viro para falar com Dave. Nós dois nos desculpamos por não termos nos visto pela manhã e ele se desculpa por não ter me ligado na noite anterior. — O treino de John terminou realmente tarde e depois eu o levei ao shopping para comprar algo para comer.

— Deveriam ter se encontrado, — Katie diz. — Lauren também esteve no shopping ontem .

Eu assinto e Katie continua olhando-me, com a cabeça um pouco inclinada para um lado. — Sim, — digo brilhantemente, e me inclino para deixar descansar minha cabeça sobre o ombro de Dave, na típica pose de casal feliz. — Gostaria de ter visto você.

— Acho que foi uma noite de nostalgias. Pensei que tinha te visto conectada ontem à noite, mas você desapareceu antes que eu pudesse mandar uma mensagem. Você tem muitas tarefas?





— Muitas, — digo e me inclino para pegar um pedaço de pizza de Katie, sem nem sequer olhá-la.

Enquanto estou comendo, penso sobre o muito que odeio a hora do almoço. Por uma razão, não encaixo aqui, nesta mesa. Todas as pessoas com quem estou sentada, exceto por Katie, são amigos de Dave, o grupo popular que o cultua e me tolera só por que estou com ele. E nos dias em que Dave não está aqui eu... bem, eu almoço fora da escola. Sei como isso soa, mas sei o que aconteceria se eu fosse para essa mesa sozinha e realmente não seria algo lindo. Provavelmente me permitiriam sentar e Katie e Marcus falaria comigo, mas seria muito difícil que os outros intercambiassem opiniões comigo e que tivessem carinho comigo. Teria suficientes sussurros e olhares acusatórios, mas isso seria tudo e se eu tratasse de dizer para Dave, não teria nada específico para dizer-lhe.

Não sei o que diria para Dave, inclusive se fosse o suficientemente estúpida para tentar sentar-me na mesa quando ele não está aqui. Quero dizer, nós conversamos, mas eu sempre me preocupo em ser a garota que ele ama, a Lauren que eu gostaria de ser, que é muito mais perfeita do que eu sou.

— Isso soa bem? — Ele diz, e eu pisco, olhando-o, e fico surpresa outra vez pela sua ternura. E por como não tenho nem ideia do que está falando.

— O que soa bem?

— Meu novo horário de treinamento, — ele diz, sorrindo.

— O que você acha?

Penso em que ontem à noite beijei Evan Kirkland. Pergunto-me o que pensa sobre o beijo. Pergunto-me se ele está pensando nisso agora. Vou vê-lo em umas poucas horas e... Oh, Deus, vou vê-lo. Ontem corri de seu apartamento como uma verdadeira rainha do drama e estava tão presa no beijo que não pensava em mais nada. O que vou fazer quando vê-lo?



— SÉRIO. — Dave diz, deslizando seus braços ao meu redor e aproximando-me dele. — O que você acha?

Acho que quero beijar Evan outra vez.

Apenas consigo passar o tempo que resta da hora do almoço, assinto e sorrio para Dave enquanto me sinto incapaz de parar de pensar em Evan. Depois de música (a matéria acadêmica) Gail e eu nos metemos dentro do banheiro e falamos realmente rápido sobre um monte de coisas, é agradável ter uma conversa e não só ter Katie mascarando mentas na minha frente, embora no momento em que caminhamos para a aula de Axel, desejo ter uma por que Evan está ali, sentado cabisbaixo em sua mesa, retirando os cabelos dos olhos para finalmente me olhar.

— Há alguma razão para que não possa sentar senhorita Smith? — Axel pergunta e eu sacudo minha cabeça, sentindo meu rosto ruborizar. Sento, e olho por cima de Gail. Ela está inclinada em seu caderno, mas levanta o olhar e vocaliza, — Está olhando para você.

Atrevo-me a dar outra rápida olhada para Evan enquanto sento e ele está me olhando fixamente, com um meio sorriso em seu rosto. E quando ele percebe que estou olhando-o, seu sorriso se expande completamente, saltando aos seus olhos. Eu lhe dou um sorriso. Axel fala algo sobre uma batalha, um castelo ou talvez as duas coisas, e dá golpes no livro da mesma maneira que faz quando está dizendo algo que vai cair na prova. Eu olho para a mão de Evan. Parece um pouco melhor hoje, menos inflamada, mas os machucados estão mais escuros, estão de uma cor azul-arroxeadado muito profundo. Eu escrevo - *Você está bem?* - em meu caderno e me viro para que ele possa ver.

Espero que ele escreva algo em seu próprio caderno ou que dê de ombros ou... na verdade, não sei o que esperar... mas em vez disso ele se inclina através de sua mesa e por cima da minha. Sua caneta passa sobre meu caderno e seu cabelo passa



roçando minha bochecha por um segundo antes que ele se afaste e se sente em sua cadeira. Olho meu caderno.

Estou melhor. Você se encontrará comigo na biblioteca depois da escola?

Olho-o e assinto. Sim. Sim, irei. Deveria encontrar-me com Katie e sair da escola com ela, dar-lhe um abraço e um beijo e prometer uma ligação ou uma mensagem de texto para Dave.

Deveria, mas não vou fazer isso.

Quando o sinal finalmente toca - Juro que o relógio estava se movendo em um só ponto - Axel para de falar e todo mundo se encaminha para o corredor.

Evan olha sobre seu ombro e se vai, dando-me um rápido sorriso e eu lhe dou outro de volta, depois pego meu telefone e envio uma mensagem para Katie dizendo que não preciso que ela me leve para casa. Gail passa caminhando enquanto estou terminando a mensagem e vocalizo, — Falamos depois? — Ela assente, e finalmente compreendo por que Katie me diz cada um dos detalhes sobre quando ela está com Marcus. Falar de alguém que te faz feliz, faz verdadeiramente você se sentir feliz. E ser feliz faz você querer falar de tudo, faz você querer compartilhar para recordar uma e outra vez. Sem importar que minha média de qualificações não vá muito bem.

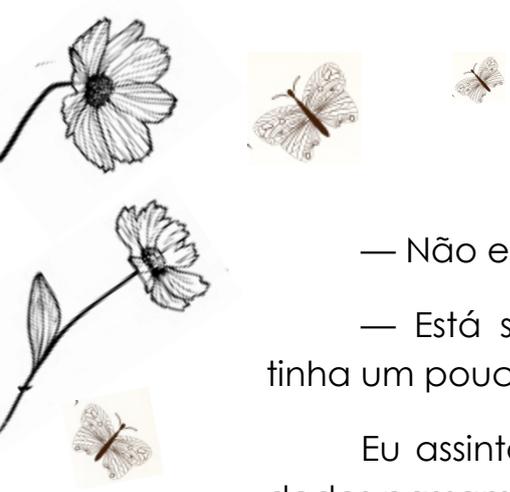
Quando chego à biblioteca, Evan está lá, falando com a bibliotecária. Ela está sorrindo-lhe e quando me aproximo deles, continua rindo.

— Certo. O que você fez? — Pergunto enquanto nos sentamos. — A última vez que você esteve aqui a única coisa que ela fazia era olhar para você.

— Eu encontrei uma maneira melhor para tratar as damas.

Eu ri e Evan simula se sentir ofendido e diz, — O quê? Só por que você fugiu aterrorizada não significava que...





— Não estava aterrorizada.

— Está segura?— Sua voz tinha um tom brincalhão, mas tinha um pouco de seriedade.

Eu assinto e sua mão ilesa se move através da mesa, seus dedos passam pelos meus.

— Eu gosto de você, — ele diz. Só assim, como se fosse tão fácil dizer.

Eu o olho fixamente, meu interior se amolece pelo que disse, por seu sorriso, por como seus olhos se enrugam nos cantos e seu cabelo cai em seus olhos. Estou totalmente instável e completamente feliz com ele ao meu redor, tanto que isso me assusta.

— Eu também gosto de você, — digo, entrelaçando meus dedos com os seus e o mais assustador de tudo é que quando estou com ele, tudo parece como se fosse verdadeiramente fácil.

Ficamos na biblioteca até pouco depois das quatro, quando a bibliotecária nos diz que tem uma reunião.

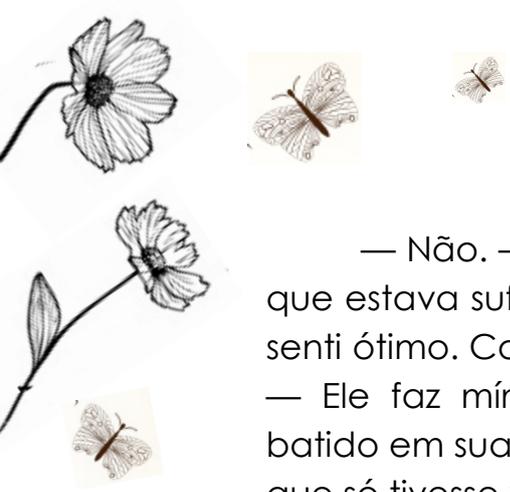
— Quer que eu te leve para casa? — Ele pergunta e eu assinto com a cabeça.

O sorriso em meu rosto parece como a luz do sol.

No caminho até o carro, ele me pergunta sobre música (a matéria acadêmica), e antes que eu me desse conta eu já estava contando sobre o concerto, minha interpretação e como me senti fazendo isso. Enquanto vamos de carro, ele me conta sobre a primeira vez que tinha tocado na frente de alguém. — Um grupo de três garotos universitários. Três garotos universitários totalmente ébrios, ainda assim, senti como se fosse vomitar de tão nervoso.

— E você vomitou?





— Não. — Ele me dá um sorriso. — Saí do cenário pensando que estava suficientemente seguro. Fiquei atrás do teclado e me senti ótimo. Comecei a tocar, fui tirar um pouco do microfone e... — Ele faz mímica, dando a entender que o microfone tinha batido em sua cabeça. — Passei os dois dias seguintes desejando que só tivesse vomitado.

Riu e logo percebo que estamos dando a volta na estrada que conduz para minha casa.

— Você deveria entrar, — digo. — Quer dizer, se você quiser. — Oh, Deus, cale-se Lauren. — Quer entrar? — Me esforço para manter minha boca fechada.

Ele me olha fixamente, depois olha a estrada de novo. Seu sorriso tinha desaparecido um pouco.

— Está bem, — ele diz, e desta vez ele não para no final do caminho da entrada da casa. Ele dirige até ela, e depois nos sentamos ali, em silêncio, olhando-a.

— A árvore grande ainda está no pátio traseiro? — Finalmente diz.

— Não. Papai colocou uma piscina e todas as árvores foram tiradas. Nós plantamos mais, mas nunca cresceram. Papai disse que é por que... — Paro da falar, envergonhada pela maneira em que estou balbuciando de novo.

— Não queria voltar a ver este lugar, — ele diz, sossegadamente. As pessoas dizem isso quando sente seu coração se afundar? Na realidade, é verdade. Sinto como se estivesse passando para mim. Tudo era tão maravilhoso e agora eu arruinei. Não sei por que isto me surpreende, mas surpreende e também dói. Dói muito.

— Desculpe, — digo em voz baixa e tento chegar até a porta.





— Não peça desculpas, — ele diz e toca meu braço. — Não queria... que saísse tudo errado. Pensei que não queria ver a casa de novo, mas agora que fiz isso é... é só uma casa. Sua casa. E então...

— Então? — Meu coração está batendo tão forte que mal posso escutar a mim mesma falando.

Ele me dá um sorriso. — Então posso vê-la ou eu deveria ficar aqui fora e você pode... não sei... entrar, abrir as janelas e pendurar as coisas para que eu as veja?

Sorriso, inundada de felicidade, ele está o suficientemente perto de mim para pressionar minha boca contra a sua. Assim o faço. Por que quero fazer. Por que, na realidade, estou começando a acreditar que com ele tudo pode ser fácil.

A casa está tão silenciosa como sempre. Ele assobia ao olhar a cozinha. — Oh, sim, — digo. — Robin, a última namorada... Ela adorava cozinhar.

— A cozinha é bonita, — ele diz, e aponta para a geladeira. — É feita de madeira?

— Deveria parecer como se fosse, — digo. Combina com as gavetas. Nossa casa é uma exibição das ideias de desenho de papai, o qual significa que ele está sempre colocando novas janelas, reparando cômodos ou redecorando-os completamente. Até agora meu quarto está a salvo, mas estou certa de que no primeiro momento em que eu volte para casa depois da universidade vai parecer completamente diferente. Abro a geladeira e nós paramos em frente a ela. Olhando as prateleiras vazias.

— Agora parece igual a minha geladeira, — ele diz. Olho-o fixamente, ele está inclinando-se para mim e eu me inclinando para ele e...

— Lee Lee?





Papai? Não pode ser, mas ao som da outra voz, Evan e eu damos um passo para trás, afastando-nos um do outro, e eu bato minha cabeça com a porta da geladeira com a parte onde deveriam estar os ovos.

— Lee Lee, você bateu sua cabeça?

Era papai. Nunca estava em casa, exceto hoje.

— Olá, — digo e fecho com força a porta da geladeira, consciente de que Evan estava parado muito quieto e muito calado ao meu lado. — O que está fazendo em casa?

— Vídeo conferência. A conexão no trabalho caiu e então... Oh— . Ele olha para Evan, e depois volta a me olhar. — Pensei que tinha ouvido um carro, mas não estava seguro... não percebi que você tinha companhia.

Espero que ele diga algo mais. Para que perceba com quem estou.

— Sim, — digo quando ele fica parado ali, me olhando. — Evan me trouxe para casa.

— Ah, — Papai diz e olha para Evan de novo. — Olá. Encantado em conhecer você. Eu sou...

— Eu sei quem é você, — Evan diz e sua voz de repente ficou gelada e severa.

— Papai, — digo, desesperadamente. — É Evan.

— Bem, Evan, Lauren deve gostar muito de você já que ela está me lançando uma olhada do tipo *por-favor-não-diga-nada-estúpido*, — papai diz, tentando uma rota encantadora bastante estranha e eu desejo poder matá-lo.

— Mary, — digo-lhe. — Papai, ele é filho de Mary.

— Mary? — Ao meu lado escuto Evan tomar o fôlego fortemente.





Oh, Deus. Papai, não. Por favor.

— Oh, — papai diz, finalmente lembrando, mas é muito tarde e ele sabe por que sua voz passou de alegre para fingida.
— Como ela está?

— Bem, — Evan diz. — Tenho que ir.

E simplesmente vai embora, sai da casa dirigindo-se para seu carro. Vejo-o dirigir pelo caminho de entrada e escuto o chiado dos pneus quando ele arranca com força pela estrada.

— Bem, — diz papai. — É agradável saber que ele está bem.

Olho-o fixamente, pensando, ele estava na mesma conversa em que eu estava? Ouviu como Evan reagiu quando ele não se lembrou dele? Quando nem sequer lembrou-se de sua mãe? — É melhor que você volte para seu vídeo conferência.

— Passou muito tempo, Lauren. Ele era só um menino quando...

— Então se eu tivesse sido a filha de Mary, também teria me esquecido?

— Lee Lee...

— Não me chame assim, — digo e abro a porta da geladeira de novo, olho dentro dela até que escuto meu pai se afastar.



Capítulo 17

O conselho de Gail, quando lhe conto tudo hoje por mensagem instantânea, é curto e ao ponto: — Fala com ele. — Digo que está certa e que farei isso, e decido que direi a Katie que tenho que fazer algo para o Sr. Herrity quando chegarmos à escola na manhã para poder encontrar Evan e falar com ele. Tinha pensado em sair de carro até Anderson Freight para vê-lo, mas papai saiu para voltar ao escritório enquanto eu estava na cozinha preparando o jantar, e quando intencionalmente ignorei sua despedida, ficou parado ali por um momento antes de dizer, — Lamento. — Não esperava isso e provavelmente o teria perdoado pelo que aconteceu anteriormente, salvo que ele pegou o outro molho de chaves do carro quando se foi, como se soubesse o que eu estava pensando em fazer e não queria que eu fizesse. Então voltei a ficar irritada com ele. Não é que se importasse, já que não estava em casa para ver.

Katie liga justo quando estou dizendo para Gail que falarei com ela amanhã e estou me desconectando.

— Por que não estava na fila esta tarde? Eu procurei por você. — Fabuloso, ela estava irritada de novo. Jogo-me na cama, xingando a mim mesma por não ligar para ela mais cedo.

— Tarefa. E, ei, deveria ter te falado que tinha uma carona para casa no almoço. Simplesmente esqueci por completo. Deus, sou a pior amiga de todas.





Admito ainda quando sei que a resposta — Não, você não é. — não vai vir, mas ainda assim dói quando Katie diz, — Sim, ultimamente você tem sido, na verdade. Com quem você conseguiu uma carona?

Fico em silêncio por um momento, esperando escutar Harold e Gerald gritando no fundo para que ela diga que tem que ir, mas por uma vez acho que estão se comportando por que não há nada mais do que silêncio vindo do outro lado da linha. — Evan— , digo, finalmente.

— Oh. Dave estava procurando você, sabe. Você falou com ele?

— Sim. — Se uma distraída conversa telefônica de vinte minutos enquanto estava cozinhando e olhando a geladeira, pensando em Evan, contar.

— Assim que logo vocês estarão saindo por, quanto, um ano e meio?

Não queria falar em Dave neste momento.

— Tenho que ir, — digo. — Papai acaba de chegar em casa e está tentando fazer pipoca no micro-ondas. Tenho que me assegurar de que não queime a casa toda.

Ela não ri da forma que faria normalmente, só diz, — Certo. Verei você amanhã de manhã. Certo?— E desliga antes que eu possa sequer responder. Merda.

Quando Katie chega para me pegar na manhã, estou sentada lá fora a esperando. — E, — digo enquanto entro no carro. — não só estou pronta a tempo, assim como já comi. Assim não haverá embalagens por todo o seu carro. Isto de certa forma arruma o que aconteceu ontem, não? — Então lhe dou uma olhada. Ela parece como sempre, na verdade, salvo por uma coisa. O esmalte da unha de seu polegar direito está descascando, e também está o esmalte do seu mindinho





esquerdo. O esmalte das unhas de Katie nunca está descascando. Nunca.

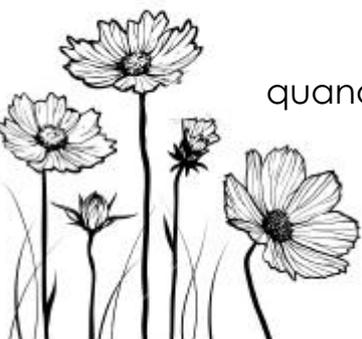
— O que aconteceu? — Pergunto, e ela me olha. Parece exausta e como se estivesse a ponto de chorar. — Katie? É Marcus?

Nega com a cabeça. — A festa de aniversário foi ontem. Queria tê-la no fim de semana, mas Gerald e Harold perguntaram para papai quando estava em casa, e disse que tê-la em uma noite de escola estava tudo bem. — Faz uma inspiração profunda. — Quando te liguei ontem à noite, estava em um armário no lugar de pistolas laser, tentando não... — Para, mas não tem que terminar a frase. Tentando não chorar.

— Estaciona, — digo, e ela faz isso. Abraço-a, e ela chora e me conta sobre a festa. Nenhum dos outros pais ficou, assim ali estava ela, sozinha, com vinte e cinco crianças hiperativas, e às nove as pessoas das pistolas laser já tinham pedido duas vezes que fosse embora. E no momento que tinha conseguido que todos fossem lá para fora esperar seus pais, disseram para ela, Harold e Gerald que não eram bem-vindos novamente. Nunca mais. — O gerente continuava nos perguntando onde estavam nossos pais, continuava nos dizendo, *'Não podem estar aqui para o aniversário de seus filhos?'* Você deveria ter visto as caras de Harold e Gerald.

— Oh, não, — digo, e não deveria estar pensando em como perdi a chance de falar com Evan, mas penso, um pouco. Abraço novamente Katie e digo que lamento e que desejava ser uma pessoa melhor. Justo neste momento, inclusive quando todos esses livros que li me faziam sentir como uma merda, mataria por ser uma das garotas neles, por ser uma amiga perfeita e não do tipo que se senta em um carro no acostamento do caminho escutando sua melhor amiga soluçar e sentindo-se mal por ela, mas também pensando em si mesma.

Mas continuo sendo eu, a Senhorita Nada Perfeita, e quando chegamos à escola, justo a tempo para correr para





nossas aulas do primeiro período, estou chateada por que não tive a oportunidade de falar com Evan, o que me faz sentir ainda pior por tudo. Também estou preocupada por que Katie, depois de me contar sobre a festa, começou a me perguntar sobre ontem. Ela perguntou muito sobre ontem e de uma maneira que quer dizer que sabe que algo está acontecendo, e não só que não quero dizer-lhe nada, se não que não quero nem sequer pensar em dizer-lhe algo.

Além disso, ainda quero falar com Evan.

Não tenho oportunidade de fazer isso. Penso em caminhar por aí depois do almoço para ver se o encontro, mas Dave me surpreende puxando-me lá para fora, vindo a mim enquanto estou esperando com Katie na fila por outra excitante porção de pizza e sussurrando, — Tenho uma surpresa para você.

Leva-me para fora do campus, ao McDonalds perto da estrada, e nos sentamos em seu carro no estacionamento, falando de nada. Eu estou comendo batatas fritas, e Dave está comendo o sanduíche que sua mãe lhe preparou, e todo o assunto é que é absolutamente nada. Eu não sinto nada ao estar com ele. Não me faz sentir nada, e uma vez que fizemos planos para o fim de semana (um assunto com a igreja esta noite, pizza com todos e depois uma festa no sábado) e fica sem assuntos de esportes para falar e eu pergunto por seus pais, não há nada mais o que dizer; o caminho de volta para a escola se enche de silêncio. Ele parece à vontade com isso. Olho-o enquanto nos dirigimos para dentro, e ele está me devolvendo o olhar, sorrindo.

— Estou contente que tenhamos feito isto, — diz. — Katie diz que eu e você precisamos passar algum tempo juntos, e acho que tem razão. Não estive perto muito tempo ultimamente, e realmente lamento isso. Não quero que pense que te dou por algo certo ou que não sei o quão sortudo que sou.

— Não é tão sortudo, — murmuro, mas quando Dave diz, — O quê? — Simplesmente digo, — Obrigada pelo almoço, — e observo as pessoas olhá-lo enquanto caminhamos pelo corredor.





A realidade disso, de como todo mundo levanta a vista para olhar Dave, me lembra de que eu deveria ser a sortuda. Ele queria estar comigo, e mesmo que eu nunca fique completamente feliz quando estou com ele, tampouco fico triste e nunca, nunca preocupada. Mas ainda assim, enquanto estamos caminhando, com sua mão segurando a minha, percebo que a maneira que me sinto agora deveria ter sentido já há algum tempo. Talvez um pouco aborrecida, mas bem. Mas agora não é o suficiente.

Agora que eu senti mais, quero continuar sentindo-me dessa maneira. Mesmo quando me assusta um pouco. Ou muito.



Sou um desastre total na aula de música. Gail e eu passamos bilhetes todo tempo, e descubro que Gail e Jennie vão comprar vestidos de festa este fim de semana por que há um grande baile na escola de Jennie – ela vai a uma das escolas importantes de Broad Falls – dentro de algumas semanas. Pergunto a Gail que tipo de vestido quer, e ela responde e depois escreve, — Vai me contar o que aconteceu com Evan ou o quê? — O Sr. Herrity me vê lendo o bilhete e pigarreia. Afasto a nota e dou de ombros para Gail.

Três segundos depois meu celular vibra. Ela me manda uma mensagem de texto perguntando o mesmo do bilhete. Então levanto minha mão, peço permissão para ir ao banheiro, e quando ela entra alguns minutos mais tarde, conto tudo. Na verdade, é um completo alívio.

— Olha, — diz quando termino de falar. — Quando sairmos daqui, por que não o espera no fim do corredor perto da sala de Axel? Então quando ele passar perto, você pode perguntar se ele quer conversar e matar aula.





— Está sugerindo que eu mate aula? Você?

Ela revira seus olhos. — Do que Axel falou ontem?

— Mmm. Guerras. Não, espera, castelos. Ambos?

— Vê? Então simplesmente mate aula e fale com ele.

— Está bem, — digo, e nós duas nos dirigimos de volta para a aula. E então, enquanto estamos saindo mais tarde, indo para a aula de Axel, com Gail contando-me sobre o vestido que está procurando para Jennie e me ajudando a ficar alerta por Evan, Katie aparece.

— Ei, — diz, e sorri brevemente para Gail antes de meter seu braço no meu e dizer, — Estive morrendo por escutar sobre seu almoço!

— Katie...

— Espera, — diz, e procura em seu bolso com a outra mão, aparecendo com a familiar latinha de mentas, que passa para mim.

— Então me conte tudo. Você e Dave passaram um bom momento?

— Claro, — digo, enquanto engulo algumas mentas. Ela está me acompanhando pelo corredor, o que não funcionará de jeito nenhum. Preciso esperar Evan. — Olha, você deve querer ver Marcus antes de ir assistir a aula...

— Vamos, quero detalhes.

E então me encontro contando-lhe sobre o almoço enquanto me acompanha por todo o caminho até a sala de Axel, demorando tanto que mal consigo chegar até minha mesa antes que soe a campainha. Não a tempo de falar com Evan. E na aula, ele não me olha, ou pelo menos não me olha quando eu olho para ele. Passo toda a aula escrevendo as anotações, e depois escrevendo outras diferentes por que as que eu escrevi





são todas estúpidas. Enquanto Axel está serpenteando por todo seu caminho, nos dando uma conferência sobre o que quer que seja até o último segundo possível, então me decido por um novo plano. Ficarei por aí esperando depois da aula, e verei se Evan fica. Se ele ficar, eu falarei com ele. Se não ficar... bem, então irei para a biblioteca e falarei com ele.

Soa a campainha e todos correm para a porta, menos eu. Fico perdendo o tempo em meu assento por um segundo, simulando que não consigo encontrar minha caneta, e depois dou uma olhada em Evan.

Ele ainda está ali, e está me olhando. Ali está. Inspiração profunda. Me inclino para frente e coloco o livro em minha bolsa, escuto o ranger dos pés deixando a classe. Está bem. Agora só vou dizer que lamento que meu pai tenha sido um idiota e esperar que ele diga...

— Lauren, está pronta?

Está bem, isso não soa como Evan. Isso soa como... — Katie?

É ela. Está me olhando, com um sorriso tenso em seu rosto. O que ela está fazendo aqui? Olho ao redor e Evan ainda está na sala, deslizando sua caneta para dentro da mochila. Queria que ela se fosse, e então me sinto culpada. Mas ainda assim digo, — Ei, não precisa esperar por mim. Alcançarei você em um minuto.

— Lamento, mas temos que ir agora. Tenho que pegar meus irmãos, e, além disso, quanto antes você chegar a sua casa, é quanto mais rápido você poderá se arrumar para sair esta noite com Dave. Oh! Também precisamos falar sobre amanhã. Acho que vamos nos encontrar antes de ir para a festa de alguém.

Evan afasta seu olhar de mim, com sua boca torcida neste sorriso zombeteiro, e sai da sala. Sinto que meu rosto fica





vermelho, e sei que ele sabe sobre Dave, mas, Katie tinha que dizer dessa maneira? Assim coloco meu livro com força na bolsa e me levanto.

— Vamos, — digo, e saio ao corredor sem nem sequer esperá-la. Sei que não deveria estar irritada com ela – Dave é o garoto com quem estou saindo, e que ela fale sobre ele não é algo fora do comum – mas estou irritada de qualquer forma.

Em nosso caminho para o estacionamento, ela começa a caminhar através da cafeteria, tomando o caminho longo que nos levar pelo ginásio, e sei que significa que quer ver Marcus.

— Pensei que tínhamos pressa. — digo.

Dá de ombros. — Pensei que poderia querer ver Dave.

— Não quero que você se atrase para recolher Harold e Gerald.

— Oh, certo, — diz, cortante, e um silêncio raro cai entre nós enquanto damos a volta e vamos diretamente para o estacionamento. Não termina até que estamos dentro do carro e pigarreia e diz, — Então, sabe de quem é a festa amanhã?

Nego com a cabeça. — Não tinha que vir me buscar, sabe. Eu encontraria você no caminho.

Katie me olha, e posso dizer que ambas sabemos que estou mentindo. Depois de um momento afasto o olhar, pretendendo estar fascinada pelo que está ocorrendo lá fora da janela.

— Lauren, — diz, quando estamos dobrando a rua que conduz para minha subdivisão. — Há alguma coisa? Você sabe... Há algo que queira falar?

Dou uma olhada, em sua vestimenta perfeita e unhas perfeitamente pintadas (é claro que ela arrumou seu esmalte de unha, é claro que o fez), e me pergunto o que diria se eu dissesse que estou farta da perfeição. Olho-a e penso nela e Marcus e quão felizes são, e como Dave e eu os fazemos ainda mais





perfeitos por que então estamos sempre em casal, perfeitos conjuntos iguais, e sei que não entenderia. Ela diria que tenho tudo o que qualquer uma poderia alguma vez querer, e estaria certa. Tenho o que – a quem – todo mundo quer.

Mas eu quero alguém mais.



Capítulo 18

Dave e eu passamos a noite de sexta-feira em um evento da igreja com seus pais. Realmente me esforço para não pensar em Evan. Não consigo.

No sábado vou ao supermercado e faço as tarefas de casa e converso com Katie, me mantenho tão ocupada que não deveria ter tempo de pensar em Evan. Mas, de qualquer forma, penso. Essa noite Dave me pega no carro de sua mãe, na hora certa como sempre. Ele de verdade parece decepcionado que papai, que está se encarregando de uma crise em seu trabalho, não esteja em casa. — Queria cumprimentá-lo, — diz ele. — Sinto que não deixei uma boa impressão.

Só Dave tomaria o fato de que meu pai esqueceu quem ele era para pensar que era ele quem devia fazer algo. — Você deixou uma fantástica impressão.

— De verdade?

Eu assinto.

— Bem, — Dave sorri. — Por que... Bem, esta manhã meus pais perguntaram se talvez na próxima vez que você for jantar poderia levar seu pai.

Sim, claro. Nem sequer conseguia que jantasse comigo. Além disso, meu pai na casa dos pais de Dave? Nem sequer podia imaginar. Ele ficaria em seu celular, e os pais de Dave seriam tão amáveis sobre isso, tão compreensivos, que eu



simplesmente desejaria me meter em um buraco e morrer. — Vou perguntar para ele.

— Fantástico. — No próximo semáforo David se inclina e me dá um beijo rápido. — Sei que eu disse algo sobre a tarde do domingo ontem à noite, mas parece que vou com meus pais ver John jogar em um desafio de habilidades. Ele foi convidado por que jogou muito bem na última partida.

— Isso é ótimo.

Me pergunto quanto tempo passamos Dave e eu realmente juntos, conversando, só nós dois, toda semana. Aposto que se eu somasse tudo, a conversa que eu e Evan tivemos na biblioteca faz uns dias seria aproximadamente seis vezes maior.

Evan. Tenho tanta vontade de falar com ele.

Dave ainda está falando, contando-me o que John estará fazendo, sobre como vai se assegurar de ligar para mim quando terminar. Eu assinto e me pergunta se Evan estava trabalhando nesta noite. Pergunto-me se estava em casa. Se está em sua cozinha. Posso vê-lo ali, virando-se para mim, sua cabeça se inclinando para a minha...

— Pronta para entrar?

Pisco. Estou em um carro fora de uma pizzaria. No carro de Dave. Estou com Dave. Ele me pergunta se estou bem, e respondo que sim. Ele pega minha mão e nos dirigimos para dentro.



Acho que todos os amigos de Dave estão aqui. Inclusive Clara fez uma aparição, sentando-se na cabeceira da mesa rodeada por suas duas melhores amigas do momento e



recebendo constantes chamadas telefônicas. Aparentemente o misterioso namorado universitário não pode estar aqui, mas não restam dúvidas de que ele gostaria de estar.

— Ele disse que sente minha falta, — diz ela quando fecha seu celular depois da terceira ligação, revirando seus olhos de forma que dá para entender que é chato, mas na verdade quer que nós desejemos ter garotos universitários que sintam nossa falta. Katie ri quando sussurro isso para ela e deixa de parecer tão preocupada pelo fato de que Clara cumprimentou Marcus quando ele e Katie se sentaram.

Todas as garotas, exceto Clara, que está falando de novo no telefone, se levantam para ir ao banheiro depois que a pizza é pedida. Depois de um momento e um sorriso, Dave diz, — Não se preocupe pedirei algo para você beber, — levanto-me e as sigo. Gostaria que Katie viesse, mas sei que não virá por que Clara cumprimentou Marcus e Katie se preocupa inclusive quando não tem motivo.

No banheiro, tudo era como eu imaginava. Fico em pé enquanto todas as outras conversam, embora uma das garotas, Traci ou Tami, me pergunta se posso emprestar-lhe um preservativo.

— Claro, — digo. — Mas você realmente não precisa devolvê-lo, — e procuro em minha carteira enquanto ela me olha inexpressiva. Sempre tenho muitos preservativos. Katie compra caixas completas e inclusive quando Marcus sempre tem, assim ela sempre está me dando para que eu possa ficar — extra segura. Durante um tempo simplesmente os jogava na lixeira, envergonhada por que realmente nunca ia precisar deles, mas então minha preguiça natural se encarregou disso, assim agora tenho toneladas deles em minha carteira, junto com cerca de dezoito batons e quatro pentes.

A conversa muda de — Como está meu cabelo? — a quem está fazendo o quê e com quem está fazendo, e eu não posso acreditar em quão entediante é tudo isso. Vejo algumas





garotas olhando-me pelo espelho e sorrio, tentando inclusive quando sei que não tem sentido e nem sequer estou certa se quero fazer isso. Elas se acotovelam, certas de que sabem o que mantém Dave junto a alguém como eu, eu suspiro e desejo estar em algum lugar, qualquer outro lugar.

De fato, isso não é certo. Eu queria estar – permito a mim mesma pensar nele enquanto me dirijo de novo para a mesa e me sento – eu queria estar com Evan. Gostaria de estar em seu apartamento, regressar ao momento em que estávamos nos beijando. Gostaria que estivéssemos em minha casa e que papai não tivesse chegado e destruído tudo, que só estivéssemos Evan e eu e...

— Pedimos algumas latas de cerveja e cerveja sem álcool, — diz Dave. — O que você acha? Se quiser água ou algo mais, pode dizer a garçonete.

Tenho que falar com ele.

— Preciso ir para casa, — digo e Dave pisca.

— O que?

— Me sinto realmente mal. Por favor, só me leve para casa.

— É claro, — diz ele, com um tom e um olhar preocupado em seus bonitos olhos, e eu estou mentindo.

Estou mentindo e ele não sabe e eu não me importo. Katie fica me olhando quando estamos nos levantando e Dave está explicando – não que ninguém, além dele, Katie e Marcus vão sequer notar que eu fui embora – e posso perceber que ele sabe que algo está acontecendo. Continuo sem me importar quando Dave e eu saímos do restaurante, e não olho para trás.

Dave me acompanha até a minha casa, pergunta se preciso de um copo com água, ou uma aspirina. Ele esteve agindo assim durante todo o caminho para casa, totalmente doce e maravilhoso. Está me deixando louca.





— Simplesmente preciso me deitar, — digo enquanto sento-me à mesa da cozinha, perguntando-me quanto tempo vou ter que esperar antes de pegar as chaves e sair para ver se Evan está em casa, e fico em choque quando escuto meu pai dizer, — Lee Lee, está doente?

Eu assinto, muito surpresa em vê-lo para dizer algo, e ele me olha por um segundo, então se aproxima e toca minha testa com o dorso da sua mão. Não me lembro dele ter feito isso desde que eu era uma criança pequena.

— Você não tem febre, — ele diz, e então se vira para Dave e diz, — Obrigada por trazê-la para casa.

— Não tem problema, senhor. E queria me desculpar de novo pela outra noite. Deveria ter ligado antes de vir.

Papai o olha sem ter ideia do que está falando, e por um horrível segundo acho que ele vai confundir Dave com Evan e mencionar o outro dia, mas ao em vez, tudo o que ele diz é, — Não tem problema.

— Assim eu deveria realmente ir me deitar— , digo, ansiosa por deter qualquer conversa adicional. Ansiosa para que Dave fosse embora, e para que papai fosse fazer de novo o que quer que estava fazendo. Ansiosa por ir procurar Evan.

— É claro, — diz papai, e Dave me dá um beijo rápido, promete me ligar amanhã e me diz que espera que eu me sinta melhor. Ele estica sua mão para sacudi-la com meu pai, papai o faz, e diz que tenha cuidado dirigindo. Uma vez que já tem ido embora espero que papai saia, mas não sai, simplesmente fica ali parado, olhando-me.

— Então, — digo, finalmente. — Acho que você tem um monte de coisas pendentes por fazer.

Ele faz um som vago e então diz, — Então, você e Dave... Estão bem?





— Papai.

— O quê? Não posso perguntar?

Você não se importa, quero dizer, mas ao em vez disso, simplesmente dou de ombros e digo, — Tudo está bem.

Papai faz outro som vago. — Acho que é melhor que você se deite e descanse.

— De fato, estou me sentindo melhor e eu... Bem, eu meio que... preciso que me empreste o carro.

— Por quê?

Fico olhando-o e ele fica me olhando, não com sua normal forma distraída, nem sequer em sua forma cansada, e sim me olhando de verdade. É bastante estranho.

Mas não o suficientemente estranho para me distrair. — Tenho que ir a um lugar.

— Para onde?

Não entendo o que está fazendo, mas está tudo bem. Sei como detê-lo. — Papai, se tem algo para dizer para mim, por que simplesmente não diz?

Ele abre sua boca, então a fecha. Nenhuma surpresa. Levanto-me, e pego as chaves. — Serei realmente cuidadosa com o carro, eu prometo.

— Não é o carro que me preocupa, — ele diz, silenciosamente.

Viro-me para ele. — Papai...

— Querida, eu... sinto muito por não ter me lembrado de Evan.

— Papai...





— Eu vi o olhar em seu rosto, Lauren. E não quero que pense que eu poderia...

— Eu sei, — digo, me sentindo de repente cansada de tudo, de todas as coisas das quais nem sequer falamos. De pretender que nunca aconteçam. — Você não vai me esquecer. De qualquer forma, tenho os olhos da mamãe, verdade? Uma lembrança de alguém que te esqueceu, cada vez que me olha.

Ele fica me olhando, com um milhão de expressões – choque, fúria, tristeza – estampadas em seu rosto. Agora sabe como eu me sinto, penso, e fecho a porta quando saio.

Não deveria ter dito isso, eu sei. Foi cruel, e mamãe é o maior silêncio entre nós, isso destruiu nossa casa, nossas vidas, nós mesmos. Mas não queria escutar o que ele tinha que dizer. Ainda não podia acreditar que tinha esquecido alguém que disse que era importante para ele, que ele pudesse ver uma parte do seu passado, uma parte de sua vida, e não se lembrar dele de jeito nenhum.

Não é até que chego ao apartamento de Evan que fico nervosa. Bom, é mais como passar de nervosa para realmente muito, muito nervosa. Por um momento me sento no carro com minhas mãos no volante. O motor continua ligado. Poderia simplesmente voltar para casa. Papai estaria em seu escritório, provavelmente com seu telefone ou verificando seu e-mail, e é mais que provável que nem sequer saia para dizer boa-noite.

Na manhã seguinte não mencionaremos nada disto, e será como se nunca tivesse acontecido.

Mas realmente queria fazer isto. Queria ver Evan, falar com ele. Desligo o carro e saio, caminho até seu apartamento. Toco a porta, suavemente, com apenas golpes dos nós dos meus dedos, meu nervosismo voltando de repente pior que nunca, mas antes que eu possa fazer algo mais, a porta se abre e Evan está na minha frente.





Ele parece surpreso em me ver.

— Ei, — eu digo, e ele inclina sua cabeça um pouco para o lado, seu cabelo cai sobre seus olhos, e ele diz, — Ei, — antes de apontar que eu entre.

Entro, vejo a cozinha à minha direita, um sofá e a televisão no quarto em frente a mim. Enquanto a porta se fecha, nós ficamos ali por um momento, incômodo, minha mente aparentemente cansada por ter dito olá, e então um gato cinza aparece no corredor da cozinha, esfregando-se ao redor dos calcanhares de Evan e ronronando antes de desaparecer de novo no corredor.

— Seu? — Bom, inclusive quando é uma só palavra, pelo menos é uma diferente.

— Sim, — ele diz, e me dá um de seus sorrisos tortos. — O que houve?

— Eu... eu queria falar com você sobre meu pai. — Digo, e seu sorriso se encolhe, se transforma em algo amargo. Oh, isto é ruim. — Olha, sinto muito tudo o que aconteceu com ele. Ele é... eu ia dizer que você não sabe como ele é, mas acho que você sabe.

— Sim, eu sei. Então realmente não precisava vir. Quero dizer, especialmente quando sei que você tinha planos com Dave e os outros. — A forma como que diz — Dave — me faz ruborizar.

— Eu não...

— O quê? Não tem namorado? — O sorriso de Evan tinha desaparecido por completo. — Por que estou bastante certo de que tem. Eu pensei que depois do que conversamos na biblioteca você... — Ele sacode sua cabeça. — Não importa. Eu escutei sua amiga falando de vocês dois depois da aula na sexta. Diabos, eu vi você com ele, depois do almoço de mãos dadas, sorrindo. O casal perfeito.





— Não somos, — eu digo. — Deus, realmente não somos. Quero dizer, estamos saindo, mas não é... quando estou com ele não é como quando estou com você.

Ele fica me olhando. Não posso decifrar sua expressão.

— Como está sua mão? — digo, desesperada para que diga algo, por continuar falando, mas é o pior que eu poderia ter dito por que este olhar definitivamente eu posso ler e não é nada mais do que raiva.

— Despediram-me.

— Por que você se feriu?

Ele assente.

— Mas isso não é justo. Quero dizer, você se feriu no trabalho. Eles não deveriam...?

— O que? Guardar-me o trabalho que eu não deveria ter até que eu fique melhor? Claro. E se essa fosse uma possibilidade tampouco poderia regressar. Quando mamãe viu minha mão, ela enlouqueceu, e agora liga para perguntar como estou constantemente, então inclusive se eu pudesse voltar ao trabalho não teria nenhuma forma de conservá-lo sem que ela percebesse.

— Sabe, papai faz toneladas de coisas relacionadas com construção, e estou certa de que ele poderia encontrar algo...—

— Eu não quero nada de seu pai.

— Oh— , digo, estupidamente, por que é claro que ele não quer nada dele. Depois do que aconteceu quando éramos pequenos, e papai não ter se lembrado dele... Deus, depois de tudo, estou surpresa de que ele sequer fale comigo.

— Desculpe, — digo. — Sinto muito pela sua mão e por seu trabalho, e eu não deveria ter vindo aqui, eu só... queria ver você



e não podia... tinha que ver você, está bem? Não posso deixar de pensar em você.

Silêncio. Não posso acreditar em tudo que acabo de dizer. Olho o chão, sentindo meus olhos encherem de lágrimas.

— Lauren, — ele diz, e quando o miro, ele tem um olhar suave. Ele se inclina, retirando meu cabelo de meu rosto com sua mão ferida, e cheira maravilhosamente, não a colônia, e sim a sabão e a ele mesmo, este aroma incrível. Ele está tão perto que posso ver que seus olhos são de um marrom escuro, com pequenos riscos de verde neles. Ele está tão perto que poderia me beijar e eu quero que o faça. Quero que me beije mais do que quis qualquer outra coisa em minha vida.

— Evan, — eu digo, e ele se aproxima ainda mais, então pisca e retrocede.

— Provavelmente você deveria ir. — Sua voz é realmente silenciosa.

— O quê? — Eu continuo presa por tão perto que ele estava faz um momento, no muito que quero que me beije... e ele simplesmente quer que eu vá?

— Simplesmente vá... e não sei. Acho que verei você por aí. — Ele caminha pelo corredor. Depois de um segundo escuto uma porta se fechando.

Deveria ir. Inclusive ele me pediu que eu fizesse isso. Agora estou assustada, tremendo. Definitivamente deveria ir. O que mais posso fazer? Sairei, dirigirei até a minha casa, ligarei para Dave. Tudo voltará à normalidade.

Tudo será seguro.

Caminho pelo corredor.

Quando o faço deixo de estar assustada. Sei que não tem sentido. Deveria estar assustada. Nunca tinha dito às coisas que





eu disse esta noite para Evan. Nunca tinha feito nada como isto. Mas nunca antes quis fazer.

Agora sim.

Ele está parado em seu quarto, olhando para a parede, e quando eu entro e ele se vira, a surpresa se reflete em seu rosto.

— Pensei que você estava indo embora.

— Eu estava indo. — Olho ao redor em seu quarto. É pequeno e bagunçado. Há roupa no chão e sobre uma cadeira, vários CDs empilhados contra a parede. O armário está aberto e cheio com mais CD e o que parece ser alguns teclados. Atrevo-me a olhá-lo e ele está me observando, seus olhos intensos em meu rosto.

Olho sua mesa. É simplesmente uma mesa, uma dessas pequenas que se dobram, e está cheia de livros e mais CDs e inclusive algumas camisas. Caminho até ali e olho os livros. No fundo de uma das pilhas de livros, virado um pouco para um lado, há uma caixa, descolorida e um pouquinho maltratada. Aproximo-me e a viro para mim, vejo os livros que me deram de presente há tanto tempo atrás. Os livros que o presenteei naquele horrível último dia, no dia em que odiei o que estava acontecendo, mas não sabia o que fazer. O dia que não pude me despedir dele.

— Você os guardou, — digo, e minha voz está tremendo. Toco os livros com um dedo. Minha mão também está tremendo. Viro-me de novo, sabendo que ele está logo ali, sabendo que tudo: meu coração, minha alma, tudo de mim, está em meus olhos.

— Lauren, — ele diz, e meu nome soa tão maravilhoso, tão real, quando ele diz. Fecho meus olhos, esperando. Desejando. Sinto as pontas de seus dedos tocando meu rosto, escuto sua respiração agitada, sinto sua boca se mover contra a minha.

Apenas o faz, e sei que nunca fiz algo tão correto.



Capítulo 19

Mas logo tudo mudou. A mãe de Evan liga enquanto estávamos entrelaçados, a borda da mesa estava cravada com tanta força em meu quadril que me deixou um machucado, mas não me importa, nem sequer percebo. Se ela não tivesse ligado não sei o que teria acontecido. No caso que ele pensasse nisso. Ou, melhor, se eu pudesse fazer, mas o que importa é que neste momento, em que eu encontrei os livros que eu tinha o presenteado há tanto tempo, sabia que ao me virar para ele tudo ia mudar. Eu sabia o que ia acontecer. Eu sabia o que queria e não tinha medo em absoluto.

Vejo-o falar com sua mãe, seu rosto estava ruborizado, seu cabelo estava para cima pelo contato de meus dedos e eu sentia essa onda imensa de felicidade através de mim.

Quando estava prestes a terminar disse a sua mãe que ele estava perfeitamente bem e que não estava faltando seu fôlego nem se sentia estranho. Desligou e ambos nos olhamos por um momento. Ele sorriu, docemente e assim soube que ele sentia o mesmo também. Já não sei se tudo seria igual à antes.

— Disse que dentro de momento estará aqui, — e eu lhe disse que provavelmente eu deveria ir embora, não estava certa se estava pronta para ver Maria de novo. Acompanhou-me até meu carro e um beijo de despedida se converteu em muitos. Não podia conseguir o suficiente dele, dos sons que ele fazia quando eu o tocava, da forma em que minha pele se sentia quando ele me tocava, como se saíssem faíscas.





Um dia depois nos encontramos novamente, ele pegou uma hora da lavanderia de seu edifício por que lavava a roupa como castigo por mentir sobre seu trabalho e eu disse a papai que tinha esquecido algo na loja de comida, e em um instante me senti como uma drogada, instável, por seu toque e ele deixa ir seu corpo contra o meu.

Estava acostumada a emoção de querer dar um passo a mais com Dave. Queria que Dave me beijasse, mas nunca me senti perdida com ele, tampouco sentia que ele se perdia quando o fazia. À noite, me sentei em meu quarto, diante de meu computador, para mandar mensagens para Katie. Falávamos de roupas de tarefas e de Marcus. Depois olho meu armário e penso nas coisas que ainda haviam de minha mãe. Ela era temerária, foi mais de uma vez, e agora entendo por que era e por que gostava de ser assim.

Cuidadosamente faço planos, enfocando-me no que tenho. Sei que eu deveria estar emocionada por ter Dave e por quão agradável ele é comigo, também deveria o sortuda que sou por ser a garota com quem ele quer ficar. Assim eu poderia planejar algo temerário, um plano onde digo a Katie que tenho prática depois da escola todos os dias para um concerto especial e que não precisava que me levasse para casa por um tempo, um plano onde estou com os olhos bem abertos e digo: — Eu sei, é uma loucura, honestamente. Mas tenho que aguentar pelo menos durante esse tempo.

Sinto-me um pouco nervosa quando digo a Katie que não vou precisar que me leve para casa depois da escola, mas ela dá de ombros e só diz algo sobre que não entende por que eu gosto tanto de música. Então me sinto um pouco culpada, e pergunto sobre Harold e Gerald e tento escutá-la. Não jogo a embalagem de minha barra de granola no chão de seu carro. Digo que estou tentando ser uma boa amiga.

Sei que não sou.





Quando olhou para Dave digo que eu gostaria de lhe fazer muitas perguntas sobre John e sobre como foi em seu desafio. No almoço, pergunto sobre seus pais e sobre seu programa de treinamento, pergunto quando será sua primeira partida. Pergunto a Katie sobre seu esmalte de unhas, pergunto a Marcus sobre sua aula de matemática na faculdade comunitária e tento fingir que entendo algo sobre a fórmula com números e letras. Falam e falam e ninguém parece perceber nada fora do comum. Eu sim e me envergonho de mim mesma.

— Então, — diz Dave, inclinando-se para me dar um beijo, e eu me afasto para colocar minha bochecha em seus lábios. — Diga-me o que você fez ontem.

— Eu... — digo, enquanto ele me sorri. Ele é tão agradável, um grande homem. Realmente quero acabar com o que tenho com ele por causa de uns beijos com outra pessoa? Por acaso sou esse tipo de pessoa? Nunca pensei em mim dessa maneira. Minha mãe era assim, meu pai também. Mas eu não. Eu vi o que acontece ao ser temerária. Eu sou o resultado disso.

Soa o sino, e não tenho a oportunidade de terminar a frase. Mas eu decidi que vou mudar meu plano.

Direi tudo a Gail na aula de música, explicarei o que aconteceu com Evan e depois me dirá que sou muito sortuda por ter Dave.

— Seria uma loucura mandar tudo o que temos para longe, verdade? — Pergunto ao terminar a aula. — Quero dizer, todo mundo diria isso, verdade?

Ela fecha o estojo de sua flauta e me olha. — Não acho que seja a mim a quem deve convencer disso.

— Não preciso me convencer. Estou perguntando a você se acha que todos estarão de acordo comigo sobre Dave.

— Provavelmente fariam isso.





— E você?

Ela se levanta. — Acho que o que realmente importa é o que você. Olho-a fixamente, suplicando que ela me diga o que eu queria escutar, mas ela dá de ombros.

— Está bem, — digo, e saio ao corredor para me encontrar com Katie, estendendo minhas mãos para receber minhas mentas.

— Você parece chateada?

— Nos vemos depois da escola...

— Verdade?

— Acho que... — Nos dirigimos pelo corredor que conduzia para a sala de Axel, e vejo Evan na nossa frente. Tinha um buraco no ombro de sua camisa e posso ver um pouco de pele. Lembrando como se sentia sob meus dedos. Ele se vira um pouco, para deixar alguém que estava no meio do corredor passar, e nossos olhos se encontram.

— O que você acha? — Katie me pergunta.

— Nada, — digo. — Só que tenho prática, mas eu já te disse isso.

— Estou dizendo para você, deveria deixar de fazer isso, — diz para mim. — Vamos conversar mais tarde, de acordo?

Assinto com a cabeça e caminho para a aula de Axel. Até Evan. Na aula, finjo estar escutando Axel enquanto sigo a leitura do livro, mas de vez em quando, às escondidas, olho para Evan.

Ele não parece me olhar. E se tudo isto, no que pensei tanto, não significa nada para ele?

Mas a forma em que me beijou. A forma em que disse meu nome. E o fato de que quando soa o sino e todos começam a sair em fila, e ele me olha.





Ele realmente me olha. Ele me olha, e silenciosamente diz, — Então vou ficar um momento na biblioteca, — e sei que se sente igual a mim.

Obrigo a mim mesma há esperar um tempo antes de ir para a biblioteca. Vou até meu armário e apoio meu traseiro sobre ele e meto todos os deveres na minha bolsa, inclusive coisas que sei que não usarei, depois vou ao banheiro e franzo o cenho para meu cabelo. Então abro o estojo do meu clarinete e o examino. Então franzo o cenho um pouco mais e finalmente, vou para a biblioteca.

Evan está me esperando do lado de fora, apoiado em um quadro de anúncios.

— Ei.

— Pensei que... — Eu faço um gesto para a porta da biblioteca.

— Reunião de professores.

— Oh. Então...

— Estava esperando por você. Não estava certo se você viria. Pensei que talvez você fosse se encontrar com D...

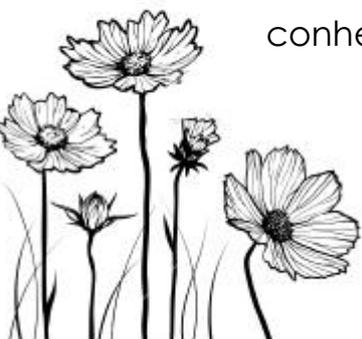
— Não quero que diga. Não quero pensar me nada sobre ele, só quero pensar que estou aqui.

Ele sorri, e de repente não posso pensar em nada, quando ele sorri para mim assim outra vez. — Então... — diz. — Enquanto esperava, percebi que preciso apresentar você a meu gato.

— O quê?

— Meu gato. Você o viu na outra noite, mas, você sabe, na realidade não foi uma apresentação apropriada.

— Ah, sim, é verdade, — digo, e sorriu. — Eu gostaria de conhecer seu gato.





O gato já nos esperava quando chegamos ao apartamento de Evan, estava deitado no sofá passando suas garras no tecido.

— Joe, — diz Evan. — Saia daí. Temos companhia.

Joe não o ignora.

— Joe? O nome de seu gato é Joe?

— E o quê? É um nome perfeito. Para que você saiba, ela adora.

— Ela. Você colocou nome de gato, em sua gata, Joe?

Ruboriza um pouco. — Ei, eu tinha dez anos quando a consegui.

— Isso não é uma boa desculpa.

Ele me lança uma careta, e eu a devolvo, e logo estamos nos beijando. Joe salta do sofá, se aproxima e se desliza ao redor de nossas pernas. Quando Evan e eu nos separamos, eu apoio minha cabeça em seu ombro, aspirando o cheiro de sua pele.

— Então, como você a conseguiu?

— Eu voltava da escola na minha bicicleta em uma tarde, quando escutei um ruído. Era tão suave, não sei nem como escutei, mas escutei. Fui procurar o que era, e aí estava ela, era tão pequena. — Ele faz um círculo na palma. — Levei-a para casa, tentei dar-lhe de comer. Ela era tão pequena que não podia fazer sozinha. Quando minha mãe chegou em casa disse que tinha encontrado um gato. Praticamente afetou a coronária — o apartamento em que vivíamos naquela época não permitiam mascotes, mas então ela viu Joe. — Faz uma careta. — Ela encontrou um veterinário de imediato e quando a levamos, ele soube o que fazer com ela, sabe? Nesse momento eu pensei... que eu queria fazer isso. Assim quando eu for para a universidade... — Interrompe-se. — Isso soa realmente estúpido, verdade? Bom, soava bastante estúpido para mim.





Sacudo a cabeça. — Soa muito bem. Vai ser um grande veterinário. Vou ter que conseguir um gato para que eu possa vir ver você.

— Sim?

— Sim.

Sorri, pega minha mão e caminhamos até o sofá. — Então, e você? Tem grandes planos de carreira que quer compartilhar? Já comentei sobre o meu. — Olho para ele. E ele está olhando para mim, em seus escuros olhos se reflete meu rosto. Nossas mãos estão entrelaçadas, descansando parcialmente sobre minhas pernas e a outra parte sobre ele. Suspiro profundamente. E então digo a verdade. — Olha, a coisa é, que eu quero ser bibliotecária.

Sério, isso é o que eu queria ser. É claro que eu nunca tinha dito isto a ninguém, às vezes, digo que quero ser uma estilista, uma médica ou uma advogada. Depende com quem estou falando. Estilista é o que eu disse para Clara na única vez que ela realmente falou comigo, isso foi justo uns dias depois que Dave e eu começamos a sair, e é o que vou dizer se algum dos amigos de Dave me perguntar sobre a universidade (Óbvio que isso nunca vai acontecer). Katie e papai acham que eu quero ser advogada. Dave acha que eu quero ser pediatra.

Foi isso que disse para Katie, para meu pai, e Dave, por que era isso que os fazia felizes, encaixa no que eles olham em mim. Mas para Evan conto a verdade. Digo o que realmente penso, o que realmente sinto.

E quando termino de dizer, ele sorri e diz, — Acho que posso ver isso, — e depois se inclina para mais perto, recolhendo meu cabelo em suas mãos.

— O que está fazendo?





Sorri um pouco mais, enquanto prende meu cabelo em um coque meio solto. — Só quero ver como você parecerá como uma bibliotecária.

— E?

— Muito sexy.

Riu e pressiono minha boca contra a sua, sinto seu sorriso contra o meu. Mais tarde, seguro sua mão enquanto caminhamos até o estacionamento para que eu vá para casa.

Aqui é onde eu deveria dizer que terminarei com Dave.

Ou que deixarei de ver Evan. Mas não há nada que dizer por que eu não farei nada. Penso, e digo a mim mesma que vou resolver tudo. Que vou fazer algo.

Mas não faço nada.

Dias passam com minha rotina normal: Vou para a escola com Katie, converso com Dave pelas manhãs. Os almoços obrigatórios com as estudantes do primeiro ano. Dave e eu, suspirando, as olhadas pungentes de Katie para Clara enquanto ela olha para Marcus. Conversas com Katie sobre Marcus, sobre Dave e eu, como sempre os planos para passar um tempo nos fins de semana. Eu escutava a mim mesma falar. Mas eu já não sentia o mesmo.

Sinto como se estivesse vendo outra pessoa, sou outra pessoa, os únicos momentos reais em todo o dia eram as poucas vezes que meus olhos se encontravam com os de Evan quando nos cruzávamos em algum corredor. Nas conversas com Gail, onde tento saber o que fazer e nunca chego a nenhuma parte.

— Sério, o que devo fazer? — Pergunto-lhe pela quadragésima vez na tarde depois da prática da banda de jazz.

— O que quer fazer?



— Não sei, — digo, e isso é precisamente o que acontece. Não sei.

Tudo deveria ser mais fácil de agora em diante. Os livros, a televisão e os filmes me dizem exatamente o que fazer. Que termine com Dave e que seja feliz para sempre com Evan.

Mas não é tão fácil, embora eu esteja contente com Evan. Quando entro na aula de Axel e o vejo, sei o que devo fazer. Quando estou com ele, arrebatando todo tempo que posso e que nunca é suficiente, cada segundo que corre, eu sei o que devo fazer. O que quero fazer. Mas não posso fazê-lo, não posso dar esse passo.

Não é tão fácil por que quando estou com Evan sou quem deveria ser. Essa pessoa, essa garota. O que acontecerá com ela? Eu sei o que vai acontecer com a garota que está com Dave. Eu sei por que Dave sempre me diz.

Uma manhã ele me surpreendeu, veio a minha casa justo quando eu estava correndo como louca, tentando estar pronta para quando Katie chegasse. Batem na porta e eu olho pela janela e ao vê-lo aí deixo cair os sapatos que levava na mão, olho-o fixamente. O vento soprava suavemente por seu cabelo, mas sem despenteá-lo, deixando ver uns flashes dourados no sol. Ele se parece com tudo que eu alguma vez disse que queria.

Ele olha para cima e me cumprimenta enquanto sorri. Ao descer as escadas, ele diz que tem algo que quer me mostrar e me diz que feche os olhos. Caminho até a entrada de mãos dadas a ele.

— Muito bem, abra-os, — diz. Abro os olhos. Ele está de pé do lado de um carro novo. E ele ainda brilha mais que antes.

— Realmente é lindo, — digo. Sua mão segura a minha enquanto me mostra, escuto os planos que ele tem para nosso futuro. Retiros, igrejas, viagens para a praia com sua família no verão, um passeio por um campus universitário em meados de



outono. Depois irmos juntos no carro para nosso baile de formatura, depois a praia.

— Inclusive posso levá-lo comigo para a universidade, — diz. — Verifiquei e deixam que os alunos do primeiro ano tenham carros no campus. Vai ser mais fácil para nós voltar para casa todo fim de semana.

— Uau, — digo para ele com uma voz fraca.

— Será ótimo, — ele diz. — Nada tem que mudar.

Olho-o e sei que ele tem razão. Com Dave, tudo será tal como previsto. Nunca serei popular, poderia passar o resto desse ano na escola secundária, à margem, sem que ninguém saiba. Mas eu sim era para ele. Sou a namorada de Dave. Ele me trata com muito amor e cuidado. As pessoas ao nos olhar juntos pensam em quão sortuda eu sou.

Quem iria querer renunciar a isto?

Acho que talvez eu.

— Dave... — digo-lhe, no momento em que sei o que quero dizer. Quero dizer-lhe adeus.

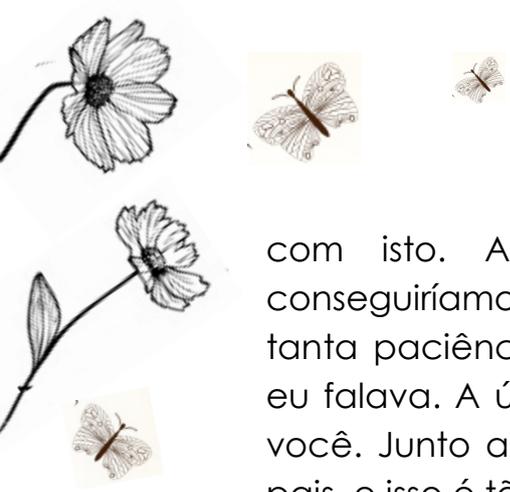
— Espera, espera, — diz, depressa. — Sei que deveria ter ligado primeiro, mas realmente queria mostrar-lhe o carro e... — Ele olha para seus pés. — Bem, isto é difícil. Vim aqui por que quero dizer que estamos juntos há um ano e meio, e... obrigado. Obrigado por estar comigo. Tenho sorte por que... Lauren, você sabe tudo sobre mim. Me aceita como sou e me faz sentir como ninguém. Você é perfeita.

— Eu? — Grito, surpresa.

— Você, — ele diz.

— Nunca pensei que alguém entenderia tanto sobre mim. Nunca pensei que alguém pudesse entender o importante que algumas coisas são para mim. Mas você, você se portou tão bem





com isto. A noite que te disse... eu achei que não conseguiríamos. Mas eu te olhava enquanto me observava com tanta paciência e embora você não entendesse nada do que eu falava. A única coisa que eu sabia é que podia contar com você. Junto a ti, eu acho que poderíamos ter algo como meus pais, e isso é tão maravilhoso para mim. Te amo.

— Dave, — digo, minha voz soa ainda mais trêmula. Beija-me antes que possa dizer algo mais e quando olho para seus olhos. Sabe o que eu vi?

Ele me amava. Ele acreditava que eu era perfeita. Estou de pé na entrada da minha casa sem sapatos, e eu não sou perfeita, estou tão longe de ser perfeita. Mas ele acredita que eu sou. Ele é feliz comigo.

Eu poderia ter feito minha mãe feliz. Meu pai... tentava, mas eu era uma recordação de seus fracassos, um monumento vivo de alguém a quem não pode segurar na realidade.

Dave era a primeira pessoa que me via como se eu pudesse trazer-lhe alegria.

Bom, nada mudaria. Isto me convertia em uma pessoa terrível. Já sei. Mas o que soa em meu ouvido é que Evan é selvagem, desconhecido, e o que tenho com Dave é fácil. À prova de erros. E não posso escolher entre eles.

Eu sou muito insegura. Muito temerosa do que poderia acontecer. Eu não sou forte ou valente como deveria ser. Sou só eu.



Capítulo 20

No sábado pela manhã, Evan e eu vamos comprar provisões. Passei a noite anterior em uma festa, estive observando as pessoas passar na minha frente e falar com Dave e assentir para mim enquanto o braço de Dave continuava descansando suavemente sobre meus ombros. Bebi cerveja e vi as pessoas se juntarem. Escutei Marcus falar sobre uma coisa de verão que ele e Dave queriam fazer, sorri alegremente para Katie cada vez que me perguntava se eu estava bem. Pensei que a noite nunca terminaria, permaneci ali entediada e pensando em Evan.

— Está certa de que não há nada que queira me contar? — Pergunta-me Katie em um momento, quando nós duas vamos ao banheiro. Na verdade, tínhamos saído. Perguntou-me enquanto dava uma olhada em Harold e Gerald, com uma mão sobre seu celular, com os olhos fixos em meu rosto, como se soubesse exatamente em quê – ou em quem – tinha estado pensando durante toda tarde.

— A que se refere?

— É só que – espera. Harold, — diz ela pelo celular. — Que ótimo! Não, não vá perguntar para mamãe. Só coloque na geladeira. A fita adesiva está sobre o armário onde eu coloco as contas. Sim, no cesto. Coloque Gerald no telefone, por favor, — Ela coloca uma mão sobre o celular outra vez. — É só que você parece – Alô, Gerald. Não, não estou irritada. Sei que você trabalhou muito duro nisso. É claro que vai ao caratê amanhã. Sim, prometo. Diga a Harold que quero falar com ele de novo, — Ele suspira e esfrega sua mão contra sua testa.





— Está tudo bem?— Pergunto-lhe, e ela assente.

— Harold, o que eu disse sobre brincar com o Gerald sobre o caratê? Não, não acho que foi o que eu disse, quer ficar em casa amanhã? Muito bem. Agora peça desculpa a ele. Sim, estou esperando. — Ela esfrega sua testa novamente. — Bem, obrigada. Por favor, não fiquem acordados até tarde e não — exatamente. Mamãe gosta que a televisão não esteja no volume máximo. Bem. Adeus.

— Deus, — ela diz quando desliga e esfrega sua mão contra sua testa novamente. Percebo que seus dedos estavam tremendo.

— Ei, — digo, e entrelaço meu braço com o dela. — O que aconteceu?

— Na verdade, nada, é só que mamãe... está se sentindo pior do que o normal, isso é tudo.

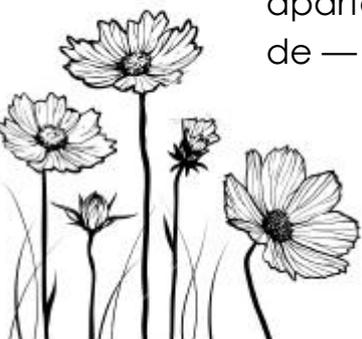
— Sinto muito.

Ela suspira. — Eu também. O que era que eu estava dizendo justo antes de começar a...? — Ela aponta para seu celular.

— Não lembro, — minto. — Há algo que eu possa fazer?

Ela nega com a cabeça e depois a apoio sobre meu ombro. — Só vamos voltar para dentro. — E fazemos isso, e me sinto como um lixo ao sentir-me aliviada de que todas essas coisas com que Katie estava lidando lhe haviam feito esquecer sobre a pergunta que me tinha feito.

Mas, na verdade, me senti aliviada, e quando acordei a única coisa que podia pensar é que veria Evan logo, e que passaríamos todo o dia juntos. Ele parece estar quase dormindo quando o recolho, ele está parado fora de seu complexo de apartamentos, esperando-me, apoiando-se contra uma placa de — pare — com seus olhos mais que meio fechados.





— Olá, — digo, e abro-os lentamente, olha-me, e depois sorri.

— Olá.

— Você parece um pouco cansado.

— Isso é por que é muito cedo.

— Está certo de que quer vir?

— É estar com você, — ele diz, suavemente. — É claro que quero ir.

Inclino-me para ele e o beijo enquanto entra no carro. Ele está despenteado e maravilhoso. Passo o café que preparei para ele.

— Posso ficar com o copo?

Riu, e conduzimos até o supermercado. Não estive no supermercado com alguém faz muito tempo, e comprar com ele é divertido. Aprendi que ele gosta de maçãs, mas não de laranjas; que ele sabe fazer omelete; e que ele não entende que importância tem se abastecer de sorvete elegante quando estão em oferta.

— Levará um mês para você comer tudo isto, — ele diz enquanto eu joga outro pote de sorvete de chocolate com chips de chocolate dentro do carrinho. — E isso aconteceria se a única coisa que você comesse fosse sorvete três vezes ao dia, todo dia. Você sabe que não vão sair correndo, certo?

— Há, há. Estão em oferta. É uma pechincha.

— Quatro dólares o pote é para ser considerada uma oferta? Espera, realmente acabei de dizer isso? Demônios. Soei como a minha mãe. — Ele começa a jogar mais potes de sorvete no carrinho. — Rápido, compra mais! Compre muitos! É uma pechincha!





Riu e fecho a porta do congelador. Ele para por trás de mim e coloca suas mãos sobre as minhas em meu carrinho, entrelaçando nossos dedos. — E agora o quê?

— Agora terminamos. E se você for simpático, deixarei que me acompanhe a minha casa e me ajude a colocar tudo no lugar.

— Uau, você sabe como fazer um homem passar um bom tempo.

— Eu tento.

Ele ri, beija meu pescoço e logo boceja. — Não sabia que os supermercados abriam tão cedo.

— Não é tão cedo. Além disso, a melhor hora para vir é pela manhã, antes que fique cheio e coisas assim. — Antes que alguém que vá para a escola conosco possa nos ver.

Ele se afasta um pouco de mim, seus dedos começam a se separar dos meus, e me viro para olhá-lo. Ele não está sorrindo, e sei que percebeu o que eu estou fazendo. Olho para o outro lado, olho para as revistas e finjo que suas capas me fascinam. Uma delas tem o título em letras gigantes, — Alerta de Namorados: Está enganando você?

Não, mas estou enganando ele. Estou enganando meu namorado. Não sou perfeita, mas nunca pensei que faria algo assim. É isto o que quero ser?

Não sei.

Não sei, mas não deixo que suas mãos se afastem. Pelo contrário, as olho e acaricio como meus dedos seus nós dos dedos, observo enquanto seus dedos ficam tensos, e depois relaxam e se enroscam ao redor dos meus novamente.

Depois que pago pelas provisões, conduzimos de volta para minha casa e colocamos tudo em seu lugar. Comemos sorvete e falamos de tudo – colégio, filmes, música, livros. Posso





falar com Evan sobre qualquer coisa. De qualquer coisa, exceto de uma. Não falamos sobre Dave e eu. E percebo que quer falar, e sei que deveríamos, mas é que – não sei o que fazer. Deveria, eu sei, mas não sei. Afasto tudo isso de mim, e me concentro só em Evan e quão feliz ele me faz, mas essa noite, quando Evan vai ao hospital ajudar com uma coleta de doações de sangue que sua mãe está coordenando, é a única coisa na qual consigo pensar.

A única coisa que posso pensar por que estou sentada na casa de Dave, jantando com seus pais e John.

— Quer mais cenoura?— Pergunta Dave. Nego com a cabeça. Ele sorri para mim. Ele está sorrindo para mim, e eu o estou enganando. Penso sobre todas as brigas que vi sobre isso no colégio e nas festas. Recordo como todo mundo diseca tudo isso depois. Penso sobre as coisas que escutei que as pessoas dizem e penso sobre as coisas que eu disse. Se fosse Dave que estivesse fazendo isso comigo...

Dave nunca me faria isto.

Peço licença e vou ao banheiro. Não me olho no espelho, tão só coloco minhas mãos sobre o balcão e as observo. Posso escutar Dave e sua família conversar.

— Só estava contando para as pessoas do voluntariado sobre vocês dois, — diz sua mãe. — Prometi levar fotos na próxima vez.

— Mamãe, — diz Dave, mas sua voz é suave, brincalhona. — Na próxima vez vai estar me pedindo que vá e leve Lauren comigo de forma que possa nos mostrar.

— Bom, estou orgulhosa de você, e acho que você tem uma namorada maravilhosa. O que há de mal nisso? — Sua voz é brincalhona também, cheia de amor para ele.

— Ela é muito maravilhosa, — diz Dave, e ouço sua mãe murmurar que tem razão, e seu pai fazer o mesmo. John pede as





batatas, e abro a torneira e lavo minhas mãos, fazendo ruído para fazer parecer como se não tivesse estado parada aqui incapaz de me olhar no espelho. Posso me ver brevemente enquanto secava minhas mãos. Não acho que eu pareça maravilhosa, em absoluto.

Mas tentarei, digo a mim mesma, depois que Dave me leva para casa. Continuo pensando no título da revista, em Evan me olhando e sabendo por que havíamos saído tão cedo, que ele não me perguntou o que eu ia fazer esta noite quando foi embora. Penso em Dave sorrindo para mim. Penso nele dizendo para sua família que eu era maravilhosa. Escovo meus dentes, olho no espelho os olhos de minha mãe, e penso sobre o que ela fez ao meu pai. Penso no que ela fez a mim. Ela sabia como ferir as pessoas. Ela era boa nisso. Não tenho por que ser assim.

Assim tento. No domingo, vou para a igreja com papai pela manhã, e depois passo todo o dia com Katie, convido-a para casa e desligo o celular, digo que é só por que estou deixando que o correio de voz responda quando o telefone tocar. Não acho que possa falar com Evan. Não ainda. Amanhã falarei com ele. Amanhã vou dizer-lhe que – não sei.

— O que é que não sabe? — Levanto o olhar e Katie está me observando, confusa.

— O que?

— Você disse que não sabia. Então, o que você não sabe?—

— Oh, é só que... — Aponto para minha tarefa. — Não tem sentido.

Ela assente, e se vira para seus próprios livros. Coloco meu olhar sobre meu caderno, sobre meu lápis que desenhava círculos nele. Poderia me dizer que não me sinto bem e ligar para Evan enquanto ela vai embora. Poderia ir ao andar de baixo e falar com papai, que irá grunhir quando eu lhe perguntar como





está, e depois para aqui para cima e dizer que aconteceu algo e que ligarei para ela em algumas horas. Depois, poderia ligar para ela e dizer que as coisas estão estranhas, que a verei amanhã. Ela entenderia. Poderia inclusive – poderia simplesmente dizer-lhe que vou comprar algo, como McDonald's ou algo assim, e não voltar por um bom tempo, dizer que havia uma larga fila ou que esqueci meu dinheiro e que tive que ir a um caixa eletrônico.

Desejaria poder ir simplesmente e não ter que me preocupar com isso. Desejaria poder ir e não voltar. Desejaria...

Agora sei como minha mãe se sentiu, que é o que devia ter pensando antes de ir. *Desejaria poder ir simplesmente*. Oh, Deus. Não farei isso. Eu não serei assim.

— Então o que aconteceu entre você e Marcus?— Pergunto, e escuto quando Katie fala. Escuto-a e não saio. Não farei isso.

No colégio, na segunda, me limito ao que tenho. Estou feliz e sorridente quando vejo Dave, passo o almoço falando com ele, com Katie e com Marcus. Isto é bom, digo a mim mesma. Isto é quem eu deveria ser. Aproximo minha cadeira mais de Dave, e lembro-o dizendo quão maravilhosa eu sou. Olho pela janela enquanto vamos indo, dirigindo-nos de volta às aulas, e vejo Gail lá fora, caminhando em frente ao estacionamento. Ela está sorrindo, e percebo, só por seu sorriso, que escapou durante o almoço para ir ver Jennie.

Aperto a mão de Dave, me inclino para ele e o beijo, e digo que o verei mais tarde. Olho de volta para onde Gail está. Ela parece tão feliz. Entro no banheiro, com Katie atrás de mim, falando sem parar. Paro frente a pia, olho-me no espelho e finjo estar arrumando meu cabelo. Estou sorrindo, mas o sorriso que está em meu rosto não se parece em nada com o de Gail.

— Não te via tão feliz faz séculos, — diz Katie, e observo como meu sorriso fica maior. Sinto-me completamente vazia por dentro.





Mas estou fazendo o certo, finjo ter cólicas para pular a aula de música e história do mundo, e me escondo no escritório da enfermaria até que a jornada acabe. Quando o último sinal soa, me encaminho para encontrar-me com Katie e para que ela me leve para casa. Talvez inclusive diga que a acompanharei para recolher seus irmãos, para manter-me ocupada até – até mais tarde.

Mas quando me encontro com Katie em seu armário, o que digo é, — Esqueci uma estúpida consulta que tenho hoje no dentista, devo ir me encontrar com papai fora do consultório. Você sabe como ele é com isso de sair por um tempo do trabalho.

Ela me dá um sorriso compreensivo e diz, — Bom, me ligue mais tarde. — Digo que o farei e me afasto.

Depois, vou para a biblioteca.



Evan está lá. Vejo-o enquanto entro, sentado em uma mesa na parte de trás, e no momento em que o faço, me sinto tão aliviada, tão feliz, que percebo que tudo o que eu me disse sobre o que eu quero e o que farei, não é o que quero, em absoluto.

Caminho até ele, e sorrio quando ele levanta o olhar e me vê.

— Olá, — ele diz. Sua voz é suave e cautelosa. Ele não está sorrindo.

— Olá, — digo. — Posso sentar?

— Está certa de que quer?





— Estou certa.

Ele assente. Ele segue sem sorrir. — SÉRIO? Por que ontem nos falamos, e hoje não te vi. Pensei que talvez estivesse me evitando, que talvez você e Da...

— Não, — digo, começando a mentir, e depois paro. — Quero dizer, sim, estava evitando você. Mas não é por...

— Sei seu nome.

— Eu sei, — digo, mordendo meu lábio. — Mas não é por ele. Sou eu. Eu só... eu estava tentando entender certas coisas.

— E você conseguiu?

— Acho que sim, — digo, e me atrevo a sentar-me, a deslizar minha mão ao longo da mesa até a sua. Por favor, penso, por favor, e me sinto enjoada de alívio, com alegria, quando nossos dedos se tocam, quando ele move sua mão ao longo da minha em uma carícia.

— Senti sua falta, — digo. Então, ele sorri, e sorri de verdade.

— Eu também senti sua falta, — ele diz, e pode ser que eu seja uma má pessoa. Mas sou feliz.



Ficamos na biblioteca por um tempo, fingindo fazer tarefas, mas em geral, nos beijamos na seção de consulta. Quando estamos indo, cruzando o estacionamento juntos, ouço alguém gritar o nome de Evan.

Ambos nos viramos, e Marcus se encontra algumas filas além, parado junto a seu carro.



— Olá, cara, — diz para Evan. — Sabia que tinha te visto. — Ele me dá uma olhada indecifrável. — Olá, Lauren.

— Olá, — Evan e eu dizemos, e depois Marcus diz algo para Evan, e Evan responde algo, mas não ouço por que não estou escutando. Estou muito ocupada pensando no que teria acontecido se Katie estivesse com ele. Evan e eu não estamos de mãos dadas, nem nada, mas Katie – Katie teria adivinhado o que estava acontecendo, estou certa.

— Então, acho que te vejo por aí, — diz Evan, com seu ombro roçando o meu e tirando-me de meus pensamentos.

Marcus assente. — Sim, nos vemos. — Ele me lança outro olhar e depois se mete dentro do seu carro. Pergunto-me se dirá para Katie.

Não sei se quero ou não quero que diga. Às vezes, ser eu é realmente confuso.

— Ei, você, — diz Evan, movendo uma mão na frente de meu rosto. — Está bem?

— Sim. — Assinto com a cabeça. — É só que não sabia que você e Marcus, você sabe, eram amigos.

Evan dá de ombros. — Trabalhei com seu pai em Anderson, e Marcus veio e trabalhou um turno algumas vezes.

— Marcus? Mas pensei que sua família era... Eu não sabia que seu pai trabalhava...

— Nem todos os pais desenhavam casas de um bilhão de dólares para poder viver.

— Isso não é o que... é só que... Não sabia, — digo. — Katie nunca me disse nada.

— Talvez ela não saiba.

— Talvez, — digo, mas depois lembro que ela me disse que Marcus precisava de uma bolsa para ir à Universidade. Lembro





que no dia depois que Evan e eu nos beijamos pela primeira vez, ela me disse que Marcus tinha que ir para casa por que seu pai tinha se machucado... — Na noite em que você feriu a mão, houve alguém mais que se feriu?

— Sim. A mesma tábua que golpeou — ele estende sua mão — agarrou o pai de Marcus pelo braço. Fez um corte muito profundo. Parecia muito asqueroso. Na verdade, eles queriam que ele fosse ao hospital, mas... — Dá de ombros.

— Mas o quê?

— Ele não podia. Ele não tem seguro.

— Mas se ele trabalha lá em jornada completa, ele poderia... — Fui parando, pensando no trabalho de Evan em Anderson. — Ele trabalha ali como... como você trabalhava.

Evan assente. — Ele costumava trabalhar para uma construtora, mas disse que fechou faz alguns anos, e depois disso o trabalho em Anderson foi a única coisa que conseguiu encontrar.

— Uau. — Sempre pensei que a vida de Marcus fosse como a de Dave, que ele nunca tinha nada realmente para se preocupar. Quero dizer, ele tem um carro, joga futebol, é popular. — Ele... ele também foi despedido?

— Sim, — diz Evan. — Também o despediram. Marcus disse que ele está procurando trabalho, mas não há muitas opções por aqui.

— Mas ele está bem, certo? Refiro-me ao seu braço, está melhor?

Evan assente. — Embora se essa tábua fosse alguns centímetros maior... — Ele nega com a cabeça. — Teria sido muito pior.

Poderia ter sido Evan. Ele poderia estar parado onde o pai de Marcus estava. Ele poderia ter ferido algo mais que a mão. Se as coisas tivessem sido tão só um pouco diferentes...





— Poderia ter sido você, — digo, e minha voz está trêmula. Estico minha mão e tomo sua mão. Não me importo se estamos no estacionamento. Baixo meu olhar até seus dedos, suas unhas mordidas, com os machucados quase invisíveis. — Você poderia ter... você poderia ter saído muito ferido. Você poderia...

— Ei, — diz com suavidade. — Estou bem. E prometo que se encontro outro trabalho serei extra cuidadoso.

— Outro trabalho? — Minha voz segue trêmula.

— Sim, uma vez que mamãe passe através do processo de me fazer voluntário do hospital para compensar o fato de ter mentido para ela – só tenho duas semanas a partir de amanhã – tenho que conseguir um. Quero dizer, a Universidade se aproxima, e duvido que eu ganhe uma bolsa, então...

— E sua mãe não pode ajudar você?

— Sim, mas ela tem seu próprio empréstimo para a universidade para pagar. Ela diz que não se importa, mas eu não quero que ela se endivide mais por mim.

— Você... você não está planejando trabalhar em um lugar como Anderson novamente, certo?

— Tem três oportunidades para adivinhar como a quem você está soando. Darei-te uma pista. Quatro letras, duas que se repetem.

— Que divertido. Estou falando sério.

— Eu também estou falando sério. Soa igual à mamãe.

— Evan! Eu só... eu não quero que você se machuque.

— Você não deveria se preocupar comigo.

— Não posso evitar. Gosto de você, seu... idiota.

— Sério? — Ele diz, sorrindo, e se inclina para mim.



— Sim, sério, — digo, e depois me beija, ali mesmo no estacionamento. E eu também o beijo.



Capítulo 21

Na tarde seguinte, Evan escreve algo em seu caderno enquanto Axel está falando sobre os Estados Pontifícios. Estou tentando escutar, mas me ocupo principalmente em pensar sobre pizza e em como o refeitório escolar sempre a arruína. É impossível perder o pão, o molho de tomate e o queijo, mas sempre o fazem. Axel passa raspando o giz no quadro, ao qual range enquanto escreve o nome de alguém e, *juro*, que estava sorrindo enquanto todos nós fazíamos gestos de dor. Evan vira seu caderno para mim.

— Não tenho que ir ao hospital hoje, — diz no caderno. — Quer ir para algum lugar?

Eu assinto e ele afasta de um empurrão o cabelo de sua testa e me dá um sorriso. Eu devolvo o sorriso e começo a esperar até que a aula termine.

É claro, a aula parece eterna e quando finalmente se acaba, Katie e Marcus estão esperando em meu armário.

— Ei, — digo, surpresa. — O que está acontecendo?

— Marcus tem a tarde livre, — Katie diz, sorrindo. — Assim estava pensando que talvez...

Eu sorrio, euforicamente. Por uma vez não queria ter que pensar em dizer uma mentira ou algo parecido. — Claro, — digo. — Posso conseguir que alguém me dê uma carona para casa.

— Dave provavelmente vai levar você, — diz Marcus. Ele olha para o armário de Dave e começa a dizer seu nome.





— Está bem, — digo precipitadamente. — Tenho algumas coisas para fazer assim provavelmente ficarei aqui por um tempo. E... — Olho para onde Dave está, o qual me cumprimenta com uma estranha e distraída expressão em seu rosto. — Estou certa que ele quer ir direto para casa. John tem um desafio de habilidade logo.

— Acho que já teve o desafio, — diz Marcus. Quando o olho, perguntando-me se eu tinha ouvido algo de diferente em sua voz, ele olha para Katie, sorrindo-lhe como se ela fosse todo o seu mundo. Antes, eu achava incomodo a maneira como eles se comportavam quando estavam juntos (bem, mais que incomodo). Mas agora, entendo.

— Oh. Sabe como é, — digo tão suavemente como posso e depois fecho com força meu armário. — Eles dois sempre estão fazendo algo. Vejo-os depois.

Katie diz adeus. Marcus não diz nada. Viro-me para olhá-los no final do corredor. Katie está fuçando em sua mochila e não me vê, mas Marcus me olha. Dou-lhe um sorriso de *ei-está-tudo-bem*. Ele me dá um sorriso de volta, mas o sorriso não alcança seus olhos.

Na realidade não tenho tempo para pensar nisso, embora honestamente, tampouco teria parado por que Evan estava me esperando na biblioteca. Depois de meia hora enquanto ele fazia as tarefas e eu lhe perguntava para onde íamos e sem conseguir uma resposta, finalmente nos dirigimos para seu carro.

— Não posso acreditar que não me dirá para onde vamos, — digo enquanto saímos do estacionamento escolar.

— Não posso acreditar que você passou a última meia hora fazendo-me a mesma pergunta, uma e outra vez.

— Ei! — Digo e mostro-lhe a língua. — Então, como é que você não traz nenhum livro contigo? Quero dizer, não é que eu





não tenha desfrutado do tour pelos armários com você, mas não há forma de que você tenha terminado todas as suas tarefas.

— Nunca faço minhas tarefas em casa, — ele diz. — Bem. Algumas vezes, faço no fim de semana. Mas quando estava trabalhando no Anderson, a última coisa que queria fazer quando estava em casa era fazer as tarefas e eu só me acostumei a não fazê-las ali.

— Então quando você as faz?

— O quê? Não acredita que posso fazê-los em meia hora?
— Eu entrecerro meus olhos, olhando-o fixamente e ele ri. — Faço no almoço e depois da escola.

— Oh, — Agora acho que sei por que nunca o vejo nos períodos do almoço apesar de minhas ocasionais – bem, talvez um pouco mais do que ocasionais – buscas. — Então você não almoça com ninguém? Em absoluto?

— Ei, eu ouvi sobre essa porcaria que chamam de pizza, e estou muito seguro que não estou perdendo nada.

Eu ri e lhe digo que eu estava pensando sobre isso faz um tempo. Mas também sinto um pouco de pena por ele, perguntando-me por que não comia com alguém. Mas não sabia como perguntar-lhe sobre isso.

— O quê?— Ele diz.

Eu sacudo minha cabeça.

— Está tentando me dizer algo.

— Não é nada, realmente. É só que... — Esqueça, não sei como perguntar. Deve ser duro, ser um estudante novo. Antes Dave, Marcus, Katie e eu comíamos por nossa conta. Era mais fácil do que correr através das mesas e tentar encontrar um lugar onde sentar-se. — Aonde vamos?

— Você verá .



— Espero que saiba que eu vou perguntar até que me diga.

— Parece-me bem. Eu gosto do som da sua voz.

Não estou tentando agir como se estivesse me derretendo, mas, na realidade, é assim como me sinto. Ele tem esse efeito em mim.

Terminamos dirigindo por todo caminho até Suffolk que é onde fica a Universidade Suffolk. Katie e eu vimos algumas vezes para fazer compras e olhar todos os garotos universitários lindos. Suffolk é realmente ótimo, este pequeno povoado está cheio de restaurantes pouco asseados e livrarias que cheiram a livros e não a limpador de tapete e café. Evan e eu passamos por algumas livrarias, caminhamos de mãos dadas pelos corredores. Percebo quando estamos na segunda livraria que as pessoas parecem saber quem ele é. Muitas pessoas. Gente que parecem universitários. Sei que ele costumava viver aqui, mas vai muito mais além. Não lhe pergunto sobre isso até que ele me leva a uma loja de música onde todo mundo, dos empregados até cada pessoa que olha a vitrine lhe cumprimentam e perguntam o que esteve fazendo.

— Então acho que você deve vir muito por aqui, — digo.

Ele me olha fixamente enquanto toca com o polegar uma pilha de CDs, sorrindo quando encontra um e o puxa. — Mais ou menos.

— Ei, Evan, — alguém diz e eu levanto o olhar para ver uma absoluta beleza (universitária) garota sorrindo-lhe.

— Ei, — ele diz, dando-lhe um sorriso de volta e fico com ciúmes. Nunca antes tinha ficado ciumenta, mas justo neste momento entendo totalmente por que Katie odeia Clara. Totalmente.

— Esta é Lauren, — ele diz para a garota e depois envolve um braço ao redor de minha cintura, aproximando-me.





— Oh, — diz a garota, soando decepcionada. Ela sorri para mim – mostrando-me de certa maneira uma careta de desgosto – e depois se afasta. Eu arranco de Evan o CD que está segurando e o beijo.

— E isso foi por quê? — ele diz. — O que quer que tenha sido, por favor, diga-me, assim posso fazer outra vez.

— Cale-se, — digo entre dentes, mas não falo a sério e ele sabe, por que está rindo de mim.

Paramos e pegamos algo para comer, depois ele compra o CD e sanduíches em uma pequena loja perto do campus universitário em onde uma vez mais, todo mundo parece saber quem ele é.

— Está bem, — digo quando estamos de volta ao carro, dirigindo-nos para casa. — Sei que costumava viver ali e tudo mais, mas como é que todos esses estudantes universitários conhecem você?

— Bem, olha, eu na realidade sou um estudante universitário fingindo ser um estudante da secundária...

Eu dou um repentino golpe em seu braço. — Sério.

— Realmente não estava na secundária por tempo completo, por que a banda em que eu estava, costumava tocar muito no campus assim que...

— Então foi por isso que a mulher bonita se aproximou de você para cumprimentar como se todo mundo quisesse que voltasse para seu lugar com eles?

Ele ri e me olha fixamente. — É disso que se trata tudo? Homem, se eu apenas soubesse. Vamos voltar cada vez que tivermos a oportunidade de agora em diante.

Eu levanto minhas sobrancelhas e ele sorri de novo. — Você fica linda quando está ciumenta.





— Você deveria dizer que eu sou linda todo o tempo.

— Certo. Você é linda todo o tempo.

— Não conta se você diz depois que eu já tenho dito.

Ele sorri. — Que tal se eu disser agora?

— Talvez, — digo-lhe, sorrindo de volta. — Então já que você era o Sr. Popular em Suffolk, como é que não te vejo falando com ninguém na escola?

— Eu falo com as pessoas, — ele diz e depois sorri com o olhar que lhe dou.

— Eu falo, — ele diz. — Só que... não sei. Este é meu terceiro ano na secundária em três anos e é a mesma merda cada ano. Pensa que algo vai ser diferente, mas nunca é. Todo mundo tem seus pequenos grupos e tudo se trata de quem está fazendo o quê e com quem está fazendo, e entre trabalho e tudo mais é só que... tudo parece inútil. — Ele dá de ombros, depois me olha fixamente. — Tem sentido?

Penso na noite em que Dave e eu nos reunimos com todos os demais para comer pizza e eu parei no banheiro observando todas as garotas falar, era parte de um grupo, mas sem na realidade ser parte dele. Penso em quão entediada estive e em como ter ido embora foi tão bom. Penso em como me senti recentemente nas festas, como se fossem um dever que devo cumprir. Penso em como o almoço tem parecido mais longo e mais incomodo a cada dia.

— Sim, — digo. — Tem razão.

Paramos em um posto de gasolina justo antes que cheguemos a nossa saída. Enquanto ele está enchendo o tanque, eu vou lá dentro e compro um granizado para mim e uma soda jumbo para ele. Ele sorri enquanto passo o enorme copo para ele e quando me beija, tem um gosto muito doce. A





coisa sobre os beijos de Evan é que cada um me faz sentir como se o mundo inteiro se inclinasse um pouco.

Faz-me sentir muito viva. E esse é o sentimento mais espantoso.



Capítulo 22

Quando chego em casa, papai já está aí. Ele está ali por que está empacotando. Diz para mim que vai sair da cidade esta noite. — Reunião de emergência amanhã pela manhã, — diz. — Há alguns urbanizadores lançando uma ideia para uma comunidade, e escutaram sobre o trabalho que fiz nas Granjas Seabrook no ano passado, lembra-se disso? E então vou entrar para assessorá-los. É uma grande oportunidade.

Assinto. — Por quanto tempo vai ficar fora?

— Dois dias. Três no máximo.

— Precisa que eu pegue você no aeroporto? Ou que leve você até lá?

Ele sacode a cabeça.

— Está bem, — digo, e então ambos ficamos parados ali, em silêncio.

— Então, eu deveria... — digo ao mesmo tempo em que ele diz, — Continuo pensando que deveríamos conversar.

— Sobre o quê? — Digo, e enquanto muda o peso de um pé para o outro, percebo que ele não vai dizer nada mais.

— Estou bem, papai, — digo. Tento fazer com que minha voz soe alegre, mas acho que em sua maioria, simplesmente sai cansada. — Estou completamente bem.



— Quero mais de você do que somente isso. Quero que seja feliz.

— Trabalharei nisso, — digo, e forço um sorriso em meu rosto. — Você deixou algum número?

Assente. — E se precisar de qualquer coisa...

— Eu sei, ligarei. Quer que te prepare um sanduíche ou algo assim? Poderia comê-lo no caminho para o aeroporto.

Diz que seria agradável, assim lhe preparo um sanduíche. Ele se esquece de levá-lo com ele.

Desligo meu celular depois que ele sai, ignoro o telefone quando chama. Não quero falar com ninguém neste momento, nem sequer com Evan. Pensar em papai e em como disse que queria conversar quando sabia que estava indo, quando sabia que não tinha tempo para mim, me deixou sentindo-me triste e irritada e só quero estar sozinha.

O assunto é, que quando tento ir dormir está tão silencioso, muito silencioso, e cada respiração que dou soa como um grito. Saio da cama e me sento no chão, verificando minha caixa com as coisas de mamãe.

— Não senti sua falta nenhum pouco, — digo para sua foto da preparatória. Ela me observa radiante, sorrindo. Ela não me chama de mentirosa. Ela não responde.



Na manhã seguinte, estou exausta, todas as minhas aulas são um borrão. Evito todo mundo e inclusive pulo o almoço, escondida no escritório de orientação pretendendo olhar os folhetos de universidades. Gail e eu falamos um pouco durante a aula de música, embora o Sr. Herrity nos olha e então nossa





conversa nunca vai mais além de eu perguntando por seu vestido de baile e ela me dizendo que pareço cansada. Mais tarde, evito Katie, escapulindo para fora e caminhando ao redor até a ala da escola onde fica a sala de Axel, chocando-me contra alguém enquanto me dirijo para dentro.

— Desculpe, — murmuro, e levanto o olhar para ver Evan na minha frente, com preocupação em seu rosto e em seus olhos.

— Você parece como se precisasse sair daqui, — diz.

Assim fazemos isso. Entramos em seu carro e vamos embora. Vamos ao cinema, comemos pipoca, e vemos uma magra e bonita loira representar o patinho feio na preparatória, e que é transformada pelo amor. Começo a rir pela total incredibilidade de que uma garota como essa possa ser um patinho feio, pergunto a Evan se as pessoas que fazem os filmes sequer foram alguma vez na preparatória, e depois durmo, só acordando quando as luzes voltam a se acender no final.

— Adormeci, — digo.

— Sim.

— O resto do filme foi tão ruim como os primeiros dez minutos?

— Pior, — diz Evan com um sorriso. — Ela deu um discurso no final sobre seguir seu coração e depois foi coroada rainha do baile de formatura.

— Sinto muito.

— Não sinta, — diz, e puxa suavemente meu cabelo do rosto para trás com sua mão. Sorrio quando uns fios se engancham em seus dedos.

— Não tenho cabelo de rainha do baile.

— Acho que tem. E também baba quando dorme.





— Não babo!

— Baba. É lindo.

Faço uma careta, e ele se inclina e me beija. — Se sente melhor?

— Sim.

— Bem, — diz, e se levanta, e estende a mão para tomar a minha. — Vamos.

Nos dirigimos para fora até seu carro. Só há alguns carros no estacionamento, a maioria deles muito longe no outro extremo, e enquanto olho para fora pelos para-brisas é fácil achar que somos o único casal no mundo, só nós flutuando em um estranho mar de asfalto.

— Então, obrigada pelo filme, — digo, contente de ter lembrado que não precisávamos ir agora.

— E as pipocas. No entanto, na próxima vez eu compro, está bem?

— Só se promete voltar a dormir e babar em cima de mim de novo.

— Não babei em cima de você!

Ele aponta para o ombro. — Justo aqui. Verifique.

— Não vejo nada.

Ele me sorri amplamente. — Olha mais de perto.

— E então o quê? Aproximo-me por completo de você e o quê, me sinto constrangida e começamos a nos beijar?

— Ei, funcionou no filme.

— Sim? — Digo, e me aproximo um pouco mais.

— Sim, — diz, e sorrio enquanto sua boca se encontra com a minha.





Nos beijamos no carro por um longo tempo, tão longo que todas as janelas se embaçam. Traço meu nome por uma delas quando nos separamos por um momento, jogando-me para trás e observando meu dedo deslizar pelo vidro frio.

— Espero que saiba que isso não ocorreu no filme, — diz, beijando minha orelha.

— Sério? — Treme um pouquinho, minha mão caindo da janela e deslizando-se por seu ombro. — Então o que aconteceu?

— Óbvio, — sorri para mim, amplamente. — Ela e a grande estrela do futebol se beijaram e depois falaram sobre seus sentimentos.

Começo a rir. — Isso soa quase correto. Na realidade, o triste é que com Dave isso seria completamente o que... — Minha voz vai se apagando, consciente de que Evan se afastou de mim.

— Lamento, — digo, e me estico para alcançá-lo.

— Está bem, — diz, mas não soa como se acreditasse, por que se move inclusive para mais longe. — É só que... falar do namorado é, você sabe, grandioso para o velho ego. Especialmente durante...

Gesticula para as janelas ainda embaçadas.

— Dave não é... — Minha voz se quebra antes de poder terminar, antes de dizer — meu namorado” e mentir. Por que tanto quanto quero que ele não esteja certo agora, ele ainda está.

— Não é? — Evan agora se aproximou, sorrindo. — Quando você terminou com ele?

— Eu...





— Não terminou, — diz, com seu sorriso se desvanecendo. — É claro que não terminou. Por que iria querer renunciar ao Sr. Maravilha?

— Evan...

— Deixe-me perguntar algo para você. O que eu sou? Algo que fazer quando ele está ocupado?

— Não! Nem sequer quero estar com ele. Quero estar contigo. Eu só... é complicado.

— Complicado. Como se assegurar de que não descubra sobre mim, assim de complicado, não?

— Não é assim! Não planejei isto e só estou... você me faz feliz. Tão feliz que eu... — Inspiro profundamente e olho para meus pés. — Estou assustada. A maneira como me sinto sobre você... nunca senti isso antes.

Evan está em silêncio. Depois de um momento, levanto a vista para ele. Ele está me olhando. Quero me esticar e tocá-lo, mas temo que se afaste.

Não quero isso – estou aterrorizada com isso – mas não posso resistir quando se trata dele, e então ainda quando minha mão está tremendo, a estico, e passo os dedos por sua mandíbula. Digo seu nome, observo seus olhos voltarem fechados.

— Entendo, — diz em voz baixa, e depois abre seus olhos. — Nas primeiras vezes, que levei você para casa, nas primeiras vezes que nos falamos, eu... era como se não pudesse permitir-me pensar nisso, sabe? E logo, depois da noite em que machuquei minha mão, eu só... soube que você estava com Dave e odiei isso, mas também me fez sentir melhor. Significava que eu não tinha que me preocupar que eu acabasse gostando muito de você, que o que quer que estivesse acontecendo é por que você estava entediada ou por que Dave estava ocupado ou o que seja.





— Evan... — digo, ofendida.

— Isso é o que eu disse a mim mesmo, de qualquer maneira, — continuou. — Mas não era assim. Nunca foi. Eu sei. Quando estou contigo é...

— Especial, — digo, e ele assente, se inclina então nossas testas descansam uma contra a outra.

— É assombroso, — sussurra, e eu fecho os olhos e o beijo.

Depois que as janelas se embaçam novamente e o sol começa a baixar, conseguimos algo para comer e depois voltamos para a escola. Olho o carro de papai, estacionado sozinho no estacionamento, e penso no que está me esperando em casa. Nada. Absolutamente nada, salvo talvez mensagens de Katie e Dave que não quero responder. Gostaria que esta tarde tivesse durado para sempre. Gostaria... Suspiro, começo a colocar minha jaqueta e abro a porta do carro.

— Ei, — diz Evan, e quando volto o olhar para ele, está mordendo seu lábio, parecendo nervoso. — Mamãe vai trabalhar até muito tarde esta noite. Quer... quer voltar para minha casa por um tempo?

— Sim, — digo sem duvidar. Poderia ir para minha casa, mas não quero. Quero em afastar dela, de seu vazio, de quem sou quando estou ali. Quero ir para a de Evan. Me sinto viva ali, com ele. Me sinto real.

Ele me olha, com olhos atentos, escuros e bonitos, e sei o que significa o que eu disse, eu sei.

Mas estou bem com isso. Quero estar com ele mais do que eu já quis estar com alguém alguma vez.

Joe está esperando por nós quando chegamos ao seu apartamento, enroscando-se em nossos tornozelos e ronronando olá antes de ir para a cozinha. Evan a alimenta e depois volta,





sorrindo quando vê que ainda estou parada no meio da sala de estar.

— Pode se sentar, sabe?

— Eu sei. — Você pensaria que com todas as coisas que eu ouvi de Katie – e demônios, vi em festas – não estaria tão nervosa. Mas estou. Quero estar com Evan, realmente. Talvez devesse estar preocupada em terminar como a minha mãe, mas não estou. Tomo pílulas para o controle de natalidade, tenho camisinhas, estou preparada. O que me afeta é que agora que estamos aqui isto – isto – é tudo em que consigo pensar. Como será que é estar tão perto de alguém? É de alguma maneira completamente assustador?

— Prometo a você que é totalmente seguro. Quero dizer, perdi alguns pares de meias aí dentro, e houve um pacote de batatas fritas que desapareceu...

Olho para ele, e ele está sorrindo. Faço uma careta e me deixo cair no sofá, depois lanço uma almofada decorativa que foi maltratada pelas garras de Joe. — Você, sabe, rir de mim não é realmente...

— O quê?

— Você sabe. — Dou uma olhada para o corredor, de volta para seu quarto, e sinto que meu rosto se esquentava.

Ele se senta junto a mim, clareia sua garganta. — Olha, eu estou... Para.

— O quê?

— Não sei. — Ri, com seu rosto um pouco ruborizado. — Normalmente, posso pensar em algo para dizer, mas agora... — Faz um gesto de 'nada' com a mão.

— Você está ruborizando, — digo, e começo a dar uma risadinha tonta.



— Bonito, — diz, e agora seu rosto está vermelho brilhante.
— Exatamente como imaginei este momento.

— Você imaginou isto?

Me olha, com as sobrancelhas levantadas. Devolvo o olhar, e ele fica mais vermelho.

— O que? Sou um garoto. É o que fazemos. Quero dizer, não é que eu seja algum tipo de... oh, diabos.

— Doce tagarela. — Inclino-me para ele, escuto-o reter o fôlego. Isso me faz reter o meu também.

— Lauren, — diz, em apenas um sussurro, e poderia escutá-lo dizer meu nome para sempre. Então me toca, e quero que isso também dure para sempre.

Não é que tudo seja perfeito. O sofá é meio estreito e ambas as pernas de Evan ficam deslizando para fora dele. Parece que não consigo desabotoar sua camisa tampouco – que importa que eu tenha sido perfeitamente capaz de trabalhar os botões em outro momento de minha vida – e me encontro desejando ter posto qualquer outro sutiã, além do meu simples e entediante branco. Mas apesar de tudo isto, ou talvez por isso, tudo se sente muito mais real. Sou consciente de tudo, das mãos de Evan sobre minha pele, de sua boca, de maneira em que me olha e como me faz sentir isso e agora...

Agora ouço algo. Evan e eu nos olhamos um ao outro, e há um som muito definido de alguém lá fora, de uma chave girando. Ambos nos separamos de um salto, e eu me empurro para cima, começo a arrumar meu sutiã, e depois me acomodo para fechar minha camisa. Cruzo os braços por meu peito no que espero seja um tipo de maneira juro-que-não-estive-deitada-no-sofá.

A porta se abre e Mary entra, deixando cair uma bolsa no chão e dirigindo-se diretamente para a cozinha. Ela parece exatamente como me lembro dela e ainda assim nada igual ao





mesmo tempo. Seu rosto é o mesmo, mas há rugas ao redor dos olhos e boca. Ela deve ter sido tão jovem quando estive com papai. Nunca me dei conta. Seu cabelo também está diferente, mais longo e pintado com um vermelho escuro, seu sorriso ainda é o mesmo, e percebo com uma sacudida que é como o de Evan, que eles compartilham o mesmo radiante sorriso amplo.

— Deus, que casa de loucos, — ela chama, ainda sorrindo e dirigindo-se até a cozinha. — Sei que está escondido em seu quarto tentando fazer a tarefa, mas tem que ouvir isto. Quatro enfermeiras ligaram reportando-se doentes pela manhã, então calcula quem terá que trabalhar para supri-las? Só estou aqui para pegar uma troca de roupa e... — Deixa de falar, e freia até o sofá.

— Lauren? — Diz, sua voz desconcertada.

— Olá, Mar... Senhora... Olá, — digo.

— Bem, não esperava... Olha para você, — diz. Seu sorriso regressa, mas não tão amplo, nem tampouco tão real. — Como está?"

— Estou bem. Como... você está?

— Tudo bem, — diz com um pequeno quase sorriso. — Ocupada. Uau, é tão surpreendente vê-la. Passou muito tempo, não? — Ela definitivamente não está sorrindo agora, e eu sei em quem está pensando.

— Sim, — digo tentativamente. Ela sacode a cabeça, e o sorriso não muito real de antes está de volta em seu rosto.

— Eu gostaria de ficar e nos por em dia, mas devo regressar ao trabalho. No entanto, se descobrir quem Evan está vendo, deixe-me saber, está bem? Ele não me diz nada dela.

Evan fica tenso, e vejo que Mary percebe sua camisa amassada. Minha camisa amassada.





— Oh, — diz categoricamente. — Entendo. Mas... a Sra. Hall, uma de nossas voluntárias, ela sempre está falando de você, a maravilhosa namorada de seu filho Dave. Ela inclusive mencionou você quando a encontrei ontem. Imagino que ainda não sabe que vocês dois deixaram de sair

Baixo o olhar para o piso.

Há silêncio por um momento, e então Mary suspira. — Igual ao seu pai, — diz em voz baixa, e a forma em que diz, sem nenhuma surpresa em absoluto, me destrói.

— Mamãe, — diz Evan, mas eu já estou me empurrando para fora do sofá e indo para a porta, meu rosto queimando, suas palavras soando em meu ouvido.

Lá fora apalpo minha camisa, abotoando-a enquanto corro escadas abaixo. Igual ao seu pai. Ela tem razão. Deus, tem tanta razão. Eu nunca – estava tão preocupada sobre ser como mamãe que nunca percebi que sou igual a papai também. Ele sempre teve outra namorada na fila, sempre havia seguido para alguém novo antes que a pessoa que supostamente ele amava soubesse que já não a amava mais. Tudo que é horrível em meus pais – tenho tudo. Cada último pedaço podre.

Mordo meu lábio forte, desejando que meus olhos parem de arder, e passo rapidamente através do estacionamento, cruzo a rua. A escola está muito distante, mas posso caminhar até lá. Tenho que fazer isso. Não posso voltar ao apartamento, não agora, nem nunca de novo. Um carro toca a buzina enquanto passa zumbindo e me movo mais para longe de um lado do caminho, o chão é um borrão em frente a mim. Nunca choro, jamais, mas meus olhos lacrimejam e esses estranhos sons estão destroçando a minha garganta e saindo de mim, e não posso detê-los. Fico em pé ali, com meu corpo inteiro tremendo, e choro pela primeira vez em anos.

— Lauren!



Oh, Deus, é Evan. Olho por cima de meu ombro para vê-lo vindo até mim. Volto meu olhar para o chão e aperto meus olhos fechados, tentando deter as lágrimas. Não funciona.

Escuto-o parar a alguns passos de mim, e quando fala, sua voz é fraca sobre os sons dos carros que passam. — Lamento.

Meus olhos se abrem, e me viro, olhando-o. — O quê?

— Lamento, — diz novamente, e se aproxima, esticando a mão como se fosse me tocar.

— Não, — digo, e dou um passo para trás. — Você... você não deveria dizer isso. Não precisa fazer isso. Eu sim. Lamento. Tenho... Tive tanto medo de ser como minha mãe, de que vá fazer as mesmas coisas que ela, que não percebi que sou igual ao meu pai. Sou igual a ambos e sou... — Estou chorando ainda mais forte agora, parada ali me sentindo em carne viva e quebrada e incapaz de evitar dizer o que temo que seja verdade. — Sou abominável.

— Você não é abominável.

— Sou. — Estou chorando tão forte agora que mal posso respirar.

— Não é.

Nego com a cabeça e me viro, não querendo que ele me olhe. Não sou digna de ser olhada.

— Ei, — diz, e estica a mão, me vira para que o enfrente. — Olha para mim. Nós não somos eles, Lauren. Não é sua mãe ou seu pai mais do que eu sou minha mãe. Você é você e eu sou eu e eu te amo”.

Deixo de chorar. Acaba de... — O que você disse?

— Te amo.

— Evan, — digo. — Evan, — e então ele está me beijando e eu o estou beijando, e estamos nos dirigindo de volta para o



apartamento, onde seremos só nós dois, e se é imprudente ou incorreto ou ambos, não me importa. Estou com ele e é exatamente onde quero estar.



Capítulo 23

Evan me leva a escola cedo na manhã do dia seguinte. Levo um tempo para sair de seu carro, e quando finalmente entro no meu, percebo quão tarde é. Dirijo de volta para casa e tomo o banho mais rápido do mundo, então ligo para Katie para dizer que não se preocupe, que não tem que me recolher.

Quando começa a fazer perguntas, eu digo, “Tenho que ir”, e desligo. Com Evan tudo é maravilhoso. Mas todos os demais – não sei. Simplesmente não sei. Olho-me no espelho e suspiro.

Meu cabelo nunca vai ser nada mais do que liso e entediante, verdade?

Mas Evan gosta. Sorrio por isso, minha mente se eleva. Quando finalmente noto a hora que é, percebo que vou realmente me atrasar. Tão atrasada que as aulas estão a ponto de começar. Xingo e termino de me arrumar tão rápido como posso, então corro para o carro.

Chego a escola justo a tempo do sinal do primeiro período que está a ponto de soar. Não há sinais de Dave, o que é bom. Mas tampouco há sinais de Evan. Maldição. Vou até meu armário e paro por que Katie está ali reclinada justo ao do lado.

— Ei, — ela diz.

— Ei, — se está procurando Marcus, eu não o vi, mas você provavelmente pode encontrá-lo antes que o sinal... — Paro. Katie está me olhando, e não é um olhar particularmente agradável.





— O quê? — Digo e abro meu armário, olhando para dentro para não ter que enfrentá-la.

— Então, estava falando com Marcus ontem à noite, — ela diz. — E ele me disse a coisa mais estranha. Lembra à tarde que você disse que tinha que ir ao dentista? Marcus disse que viu você e Evan no estacionamento. Ele disse que falou com vocês dois por um minuto e depois se foi, só que teve que voltar de imediato por que se esqueceu de algo. Vocês dois ainda estavam lá.

Fechei meu armário e a olhei. Acho que ela sabe o que está acontecendo.

— Temos que conversar.

Definitivamente sabe.

Não entrei para minha primeira aula. Katie e eu nos escapamos para o banheiro, nesse no qual os fumantes de maconha se escondem. Tão cedo na manhã só dois deles estavam ali, e ambos estavam dormindo. Um deles tinha um pacote de queijo meio vazio descansando ao lado. Meu estômago fez ruídos.

— Não tive tempo de tomar café da manhã, — digo para Katie, tentando sorrir. — E, ei, sinto muito ter te ligado tão tarde esta manhã. Eu simplesmente... eu me distraí.

— Aposto que sim, — ela diz, e sua voz está mais fria do que nunca.

— Você sabe sobre Evan e eu, — digo com cuidado. — Está irritada?

— Se estou irritada? IRRITADA! Tive que descobrir por Marcus – Marcus! – de que minha melhor amiga está beijando um garoto que não é seu namorado no estacionamento, e então passo há seguinte uma hora e meia convencendo-o de que me deixe falar contigo antes que diga a Dave o que viu. Só que não posso falar





com você por que você me evita totalmente e a todos os demais, e termino tendo que seguir você até seu armário. Deus. Não sei, Lauren. Acha que deveria estar irritada?

Mordo meu lábio e sacudo minhas mãos, minha mochila desliza de meus ombros. Arrumo, tentando acomodá-la, mas se desliza de novo. Tento de novo e Katie se aproxima e a tira de meu ombro, colocando no chão.

— Perguntei a você, — diz ela, suavemente. — Perguntei a você – Deus, nem sequer sei quantas vezes – se algo estava acontecendo. Se havia algo sobre que você queria conversar. E você nunca disse nada.

— Queria poder dizer.

— Mentirosa, — ela praticamente cospe a palavra em mim. — Não ia me contar nunca, verdade?

— Eu só... Eu sabia que você ia se chatear e não queria... não sabia o que dizer, quer dizer, Marcus e Dave são bons amigos, e eu sei o muito que você gosta de Dave e quão fantástico acha que somos juntos, e como você sempre diz, Dave é perfeito. E ele é, realmente é, mas eu... eu não o quero. Dave é tão perfeito, mas...

— Espera. Você pensou que eu ia me irritar por causa de Dave?

Assente. — Eu... — Olho-a. Sua boca está trêmula, e, oh, Deus, ela está a ponto de chorar e a culpa é minha. — Desculpe, — digo. — Sei que sou uma amiga de merda. A pior. Tão só... Katie, não quero que se chateie comigo. Sei que eu arruinei as coisas e que deveria ter dito algo, mas estava assustada e eu..

— Você não acreditou que eu pudesse entendê-la. Você pensou que... que eu diria para você ficar com Dave.

— Bom...





— Deus, Lauren. Sei que você acha que sou estúpida ou algo assim. Mas não sou. Sei que não sou o tipo de amiga que você preferiria, mas eu nunca... Você pensou que eu não ia escutar você?

— Katie, não. Não acho que seja estúpida. Eu juro. E você é totalmente o tipo de amiga que quero ter. É só...

Ela sacode sua cabeça. — Você realmente pensou que eu não ia escutar você. Deveríamos ser amigas, Lauren. Melhores amigas. E você não me disse nada disto por que não... por que você não pensou que poderia. Achou que eu ia te dizer o quê?

— Não sei, — balbuciei, e olhei meus sapatos. — Pensei que ia me dizer o mesmo que me disse quando Dave me convidou para sair pela primeira vez. Você disse que seríamos perfeito juntos e falou do maravilhoso que ele era, de como todo mundo o queria e de quão sortuda eu era...

— Isso foi por que você disse que se sentia sortuda! E eu disse que ele era maravilhoso e todo o resto por que..., — ela começa a chorar de verdade e limpa seus olhos com raiva. — Você simplesmente parecia tão nervosa. E você continuava falando que ele era amável, de como todos queriam estar com ele. Eu simplesmente queria que você percebesse que tudo iria dar certo. Então concordei com você e disse que vocês eram perfeitos um para o outro por que sabia que ele ia se apaixonar completamente por você.

— De verdade?

— Sim. E você pensou... Por que isso que estive juntando-se com Gail, verdade? Porque com ela você podia falar.

— Katie...

Ela sacode sua cabeça e se afasta, pega uma toalha de papel e limpa seu nariz. — Ouch, — ela diz, depois.





— Sabe, — digo eu, cuidadosamente. — Provavelmente você tenha lenços de papel em sua bolsa. Você tem de tudo aí.

— Eu sei, — ela diz. — Mas nunca posso encontrar nada. — Seus olhos começam a inundar-se de novo, e eu nunca imaginei... sempre pensei que Katie me via como... bom, como eu via a mim mesma. Mas não era assim. Ela não fazia. Caminho até ela, meus próprios olhos se inundando, e a abraço. Acho que ela vai me afastar – e provavelmente devesse – mas não faz isso.

— Desculpe, — digo. — Sinto tanto. Deveria ter contado para você.

— Realmente pensava que eu ia me irritar?

— Sim.

Ela se afasta e suspira. “Não teria feito. Pensei que você estava feliz com Dave. Você sempre parecia feliz. E então, quando tudo isto começou, e você estava me evitando, pensei que você não queria mais estar comigo e que iria perder outra melhor amiga por que sou chata, ou grosseira ou...”

— Katie, não. É simplesmente que... eu estava assustada. E Gail, sim, ela é minha amiga e começamos a falar e sair. Mas não é por que não queria mais você, é só que...

— Finalmente estava pronta para deixar que as pessoas se aproximem.

Fiquei olhando-a, surpresa.

— Você disse que não sou estúpida, — ela diz, e sorri. — Até faz pouco, você sempre foi... não sei, fechada, de alguma maneira. Como se nunca quisesse me contar nada de sua família. Quero dizer, eu conheço seu pai, mas não sei nada sobre sua mãe, exceto que não vive com vocês. Mas agora você está mais... não sei. Mais próxima. Mais como verdadeiramente é.

Ela tem razão. Deus, ela tem razão. — Você não é estúpida, — digo. — Mas eu sou, sou tão estúpida e sinto tanto, deveria ter





te contado tudo. — E então, conto. Conto tudo. Conto sobre mamãe, como se foi e o que aconteceu depois. Conto sobre Dave, como são realmente as coisas entre nós. Conto sobre Evan, sobre a primeira vez que nos conhecemos, sobre como nos conhecemos de novo. Sobre como somos agora.

— Uau, — ela diz quando termino.

— Isso é... você. — Um ronco dos fumantes de maconha a interrompe, e nós duas rimos, a tensão entre nós desapareceu completamente.

— Deveria ver seu rosto quando fala sobre Evan, — ela diz. — Realmente gosta dele, não é?

O sino soa. Nós duas ignoramos, e eu assinto, ruborizando-me.

Katie sorri. — Sabe, acho que esta é a primeira vez que eu a vejo realmente feliz, Lauren. — Ela me abraça. — Alegro-me muito, quero que seja feliz.

— Eu também quero que seja feliz, — digo. — E se alguma vez quiser falar de Marcus, ou seus irmãos, ou qualquer coisa...

— Eu sei, — ela diz. — Agora vamos, ou iremos perder também o segundo período.

Enquanto estávamos caminhando pelo corredor, passamos por Gail. Normalmente, me preocuparia sobre o que fazer, me preocuparia pelo que Katie diria se me visse falando com Gail. Mas agora percebo que Katie não era o que me preocupava. O que me preocupava era eu. Tinha medo de ser eu.

Cumprimento Gail e paro para dizer olá. Katie também para, e todas falamos por um segundo. As coisas não são perfeitas – não acho que Katie e Gail vão ter alguma vez algo em comum – mas está bem. Posso ser amiga de ambas. Já não tenho que esconder as coisas. Posso ser eu mesma.

E agora sei o que tenho que fazer.





Vou para minhas aulas. Pretendo escutar o que seja que estão me dizendo. Espero o almoço para começar, e quando chega, encontro Dave.

— Ei, — digo, e coloco a mão em seu braço. — Damos um passeio.

Não o levo aos bancos. Começo a fazê-lo, mas não posso. Dave merece mais que isso. Assim que simplesmente caminhamos para fora, cruzamos o jardim como se fôssemos para o estacionamento.

— Estamos indo para algum lugar? — Pergunta, e eu nego com a cabeça.

— Não, — digo. — Não estamos. Isso é o que quero falar para você.

— O quê? — Diz, e deixa de caminhar. Está me olhando, seus bonitos olhos cheios de confusão e algo mais, algo quase oculto. Mas o vejo e sei o que é. Ele sabe exatamente o que estou dizendo, e, mais que isso, penso que precisa que eu diga. Que talvez queira que eu faça.

— Este é o assunto, — digo. — Nós... nós não devemos ficar juntos. O que você quer não é o que eu quero. Não quero ir para a universidade perto daqui. Não quero voltar para casa todo fim de semana. Não quero – não quero que as coisas permaneçam da maneira em que estão para sempre.

— Lauren, — diz. — Tudo isso está no futuro. Não está gravado em pedra. As coisas podem mudar, eu sei. Mas o que não mudará, e o que realmente importa, é que te amo.

— Não, não ama. Quer amar por que pensa que deveria, mas não ama. Não há maneira que possa. Nem sequer me conhece, na realidade.

— Não te conheço? É claro que conheço. E sim, amo você...





Sacudo a cabeça, odiando o olhar ferido em seu rosto, mas sabendo que devo fazer isto, que se não fizer só terminarei machucando-o mais. — O que ama em mim?

— Tudo. A forma como me escuta, como entende as escolhas que faço. O fato que nunca brigamos, que sempre nos sentimos da mesma maneira sobre as coisas.

— Exatamente, — digo em voz baixa. — Nunca brigamos. Sempre estamos de acordo.

— E isso é algo ruim? — diz, sua voz subindo um pouco. — O fato que entendemos um ao outro, que juntos somos...

— Perfeitos, correto? — digo. Ele assente. — Eu não sou perfeita, Dave. Nem sequer estou perto. Ninguém está. Se, na realidade, estivéssemos apaixonados um pelo outro as coisas não seriam perfeitas. Não poderiam ser por que nada real é perfeito.

— Então não conheço meus próprios sentimentos?

— Dave...

— Não, está bem. Entendo. Agora que você e esse tipo – Evan – estão juntos, tem total sentido. É claro que não te amo, então tem que romper comigo, certo?

Tomo um fôlego profundo, perplexa. — Você sabia?

— Sim. No dia em que você viu Marcus no estacionamento? Eu também estava ali, preparando-me para ir embora. Então não faça que isto seja sobre mim por que não é. É sobre que você se sente culpada e tenta se sentir melhor.

— Eu... eu deveria ter te contado sobre Evan antes. Eu sei, e gostaria de ter sido o suficientemente corajosa. Mas acho... acho que eu e você sempre nos focamos em você querendo ter o que seus pais tem, e eu querendo não ser como os meus. E você merece mais do que isso. Merece alguém que verdadeiramente queira tudo que você quer. Merece mais do que aparências e eu... eu acho que você sabe disso. Quer dizer, sabia sobre Evan e





não disse nada, Dave. Você merece estar com alguém por quem realmente se preocupe. Alguém por quem, se caso visse com outro garoto, se incomodaria o suficiente para dizer algo.

Fica em silêncio por um longo tempo e depois diz, — Posso te perguntar algo?

Fico tensa, mas devo-lhe isto. Devo mais que isto. — Claro.

— Fui... fui um mal namorado?

Levanto a vista para ele, surpresa. — Nunca, — digo, e o observo dobrar suas mãos juntas com força.

— Então por que... — Para, exala um suspiro. — Não importa.

— Dave... — Agora é minha vez de ficar olhando para o chão. Ele será o garoto perfeito para alguém, algum dia, mas nunca foi perfeito para mim, e menti para ele, menti para mim, por nenhuma outra razão além de que tinha medo.

— Entendo, — diz. — O que você disse, quero dizer. Não quero, mas entendo. Mas não quero falar com você mais neste momento. Nem sequer quero olhar para você.

— Lamento tanto, — digo, e realmente lamento. Ele assente uma vez e se vira para longe de mim, olhando fixamente o estacionamento. Olho suas costas por um momento, desejando que houvesse algo mais que eu pudesse dizer e sabendo que não há, logo me afasto caminhando.



Capítulo 24

Volto para a escola, e viro minha cabeça em direção do armário de Evan. Ele não está aí, mas o espero, e quando finalmente o sinal soa, e as pessoas fluem pelo corredor, o vejo. Está caminhando com seus cabelos sobre os olhos como sempre. Isso me faz sorrir. Ele me faz sorrir. Olha-me e seus olhos se arregalam um pouco.

— Isto sim é uma surpresa, — diz quando se aproxima de mim, com um daqueles sorrisos vacilantes em seu rosto.

— Acabo de falar com Dave.

— De verdade?

— Sim, — digo, morrendo de vontade de tocá-lo, mas sem querer mencionar o nome de Dave para não machucar-nos mais do que já estamos. Além disso, sei que a partir de agora tenho tempo, e sei que Evan e eu teremos mais momentos como este.

Sei que ao final do dia o fato que aconteceu esta manhã estará sendo comentado por todos, estarão julgando minha falta e serei descartada para voltar a ser uma total ninguém.

Não posso dizer que isso me importa.

— Então, o que você acha de sairmos daqui? — Diz para mim.

Eu não deveria perder mais aulas. Talvez devêssemos falar na saída que ambos nos perdemos, mas, além disso... Olho-o e agora ele realmente sorri para mim, é um amplo e bonito sorriso dirigido só para mim.



— Absolutamente, — digo. Inclusive se ficasse em detenção por um ano sei que valeria a pena.

Enquanto caminhamos pelo corredor, vejo as pessoas nos olhando, e quase posso escutar o nome de Dave nos lábios de todos.

Mas não me importa.

Evan e eu terminamos na cafeteria onde Gail e eu nos reuníamos para comer. Sentamos-nos um junto ao outro na mesa, comendo frituras, e vendo as pessoas passarem.

— Então terminou com... é? — Diz, e o olho, fazendo o que sempre quis fazer. Passo meus dedos por seu cabelo, vendo como os fios escuros se deslizam por meus dedos. Seus olhos são sérios e intensos.

Assinto com a cabeça e movo minha mão para baixo, deslizando-se ao longo da curva da sua bochecha até a mandíbula. Nunca quis tocar ninguém como quero tocá-lo. E agora possa fazer abertamente, sem preocupar-me com quem veja. — Está cravado em mim.

— Acho que posso lidar com isso, — ele diz, e rouba algumas de minhas frituras, inclinando-se para me dar um beijo quando eu riu e roubo algumas de suas frituras também.

Dirigimos para seu apartamento depois de abandonar o restaurante. Joe estava dormindo quando chegamos aí, estava deitada no sofá, amassando as almofadas com as patas. Pude ver o recheio aparecendo através dele.

— Vai ter que virar logo, — digo.

Ri e diz, — Deveria ver como está o outro lado.

Vai para a cozinha. Sigo-o, e entre beijos me diz que só tem algumas tardes para ser voluntário no hospital e se faz um sanduíche para comer lá. Vejo-o quando já está terminado e tentando encontrar um invólucro de plástico.





— Esse sanduíche tem um aspecto triste, — digo.

— O quê? É uma obra de arte, — diz para mim.

— Saiu tudo, o que é isso, molho de pepino? Por todas as partes, — respondo.

— Ei, para sua informação, os sanduíches são uma ciência complicada. É uma arte, inclusive. Você tem que obter as proporções exatas dos materiais para que o pão fique perfeito, — ele diz.

— Materiais para o pão? — Digo, rodando os olhos. — Oh, sim, posso ver que você é um mestre fazendo sanduíches. Passe a maionese, certo?

— O que está fazendo? — diz para mim.

— Fazendo um sanduíche de verdade, — digo. — Oh, meu Deus, este é um pedaço de atum que você colocou em cima do pão? Realmente precisa de ajuda”.

— Talvez eu goste de sanduíches empapados, — diz.

— Certo. Suponho que isso seja um 'obrigado', Evan?

— Não, — diz, e vem por trás de mim, para me dar um beijo no pescoço. — Este é. Um obrigado.

Enquanto estou fazendo um verdadeiro sanduíche, raspo os restos de atum na tigela de Joe e começo a rir quando ela vem correndo para a cozinha.

— Uau, — diz Evan, envolvendo seus braços ao meu redor, enquanto olhamos Joe devorar o atum e depois ir passear no corredor. “Além de atraente, você é capaz de alimentar a mim e ao gato em menos de cinco minutos? Você é realmente uma garota com muitos talentos?”

— Assim é, — digo. — Mas não tenha ilusões minhas lavando a louça.





Ele ri e me recosto sobre ele por um momento. — Então acho que você me deixará de volta no colégio para poder ir ao hospital.

— Não tenho que ir ainda, — diz, voltando-se para mim com um sorriso em seu rosto. Nos beijamos e depois de um momento ele se afasta, envolve meu rosto entre suas mãos. — Fique, — diz em voz baixa, seus olhos são escuros e intensos.

— Mas você tem que ir..., — digo.

— Esqueça-se do hospital, — diz para mim. — Vou ligar para mamãe e direi que hoje não serei voluntário.

— Ela não enlouquecerá?

— Sim, mas logo ela vai descobrir sobre as aulas que eu perdi e isso vai distraí-la.

Suspiro. — Ambos vamos estar na detenção para sempre. Salvo que eu vou estar aí por mais tempo por que também perdi o primeiro período hoje.

— Bom, isso resolve tudo. Definitivamente não vou para o hospital esta tarde, e você e eu temos um encontro esta noite.

— Um encontro?

— Sim. Ir ao cinema, ou jantar, ou o que seja. Vai me ocorrer algo.

Riu e me beija, logo nos dirigimos para seu quarto, e nos fundimos entre seus lençóis, um com o outro.

Uma hora mais tarde, quando me leva de volta para a escola e depois eu dirijo para casa, me sinto como se estivesse flutuando, pela recordação de seu corpo ainda quente contra o meu.

Quando entro, o sentimento se desvanece.





Papai está de volta. Voltou e parece chateado, está sentado na mesa da cozinha enquanto gira um copo vazio entre suas mãos.

— Olá, — digo com cautela. — Quando você voltou?

— Na noite passada. Na realidade, estava mais perto do amanhecer. Passei em casa tempo o suficiente para lembrar que tinha uma reunião muito cedo pelo qual não poderia sair nem para tomar café, e é claro para notar que você não estava em casa. De fato, eu estava no carro a caminho da reunião e com meu celular falando com a polícia, por que estava tentando relatar seu desaparecimento, imaginando que estava jogada em nossa rua. Onde esteve ontem à noite?

— Uh. — Oh, maldição. — Bem, eu... eu estava com Evan.

— Sente-se, Lauren. Temos que conversar. — Sua voz era séria e acho que talvez soasse irritado. Não sei. Nunca o tinha escutado desta maneira.

— Se trata de Evan, papai realmente não quero falar contigo sobre...

— Não, — diz. — Se trata de você e eu. E mamãe.

— Mamãe? — Minha voz soa alta, surpresa. Não posso recordar a última vez que disse seu nome. Olho-o fixamente e ele pisca, olha para o outro lado, e depois me olha.

— Não quero fazer isto, — diz. — Eu prefiro perguntar para você sobre a chamada telefônica que recebi da escola ontem pela tarde me dizendo que você perdeu algumas aulas e ficará na detenção. Prefiro perguntar se está segura com Evan, se você pensou bem nas coisas. As coisas sobre que falamos algumas vezes. Eu... isto é difícil para mim, Lauren. Mas eu fiz as coisas difíceis para você também. — Minhas mãos tremem.

— Você nunca falou sobre ela, — digo.





— Nunca me atrevi. Acho que sempre pensei, em esperar, que talvez ela...

— Eu também, — digo, e sinto que minha voz se quebra ao falar. “Mas ela não voltará, verdade?”

Nega com a cabeça. — Sua mãe e eu... haviam tantas coisas que eu gostava nela, mas, sobretudo, me encantou como ela era corajosa. Não posso ver como ela pensava que tinham que ser as coisas. Nunca percebi que podia ter medo. Na realidade, eu não a conhecia, em parte por que não achava que ela me deixasse conhecê-la, mas também por que eu tinha medo. Eu queria ser perfeito para ela por que pensei que ela era perfeita. Tinha medo de pressioná-la para que ela se aproximasse de mim, temeroso de que se eu fizesse isso, ela iria embora.

— E, de qualquer forma, ela foi embora.

— Não acho que ela queria isso. Lauren, Deus, agora mesmo, o olhar em seus olhos. Ela costumava olhar-me assim sempre que eu dizia algo que ela não acreditava. Mas, meu amor, juro para você, eu não acho que ela quisesse ir embora.

— Acho que no início viu você e a mim como sua liberdade, uma oportunidade para conseguir escapar, se tornou minha esposa e sua mãe, e ela nunca... acho que ela sentia que nunca teria a oportunidade de ser quem era na realidade. Acho que, no final, sentia que não tinha outra opção.

— Assim ela não poderia ser quem queria por sua causa? Por minha causa? Ela me amava o suficiente para ficar?

— Oh, querida, é claro que te amava.

— Não, digo com ferocidade. — Eu me lembro, papai. Lembro-a sempre olhando para longe. Talvez tivesse ideia de que eu estivesse aí, mas ela não me amava.

Ele me olha. Espero as palavras que sei que não virão.





— Isto é..., — diz, finalmente. — Lauren, ela e eu, éramos tão jovens quando nos juntamos, e desde o início sabíamos que você estava a caminho. Era assustador, mas incrível também, e acho que pensamos que isso seria suficiente, que duraria para sempre. Não percebi que estar juntos e ser uma família, daria tanto trabalho. Eu acho que ela tampouco.

— Acho que você nunca percebeu, — digo e é horrível e cruel, mas quando digo, ele não me olha ferido, só surpreso e um pouco triste.

— Tem razão, — diz em voz baixa. — Nunca percebi. Tentei e sempre errei, sempre tive o temor se duraria muito tempo ou se iria terminar.

— Assim como você fez com mamãe.

Ele assente com a cabeça. — Eu gostaria que você a tivesse conhecido quando a conheci. Ela estava além do bonito. Ela brilhava. Todo mundo se fixava nela, queriam parecer a ela ou estar com ela. Antes de conhecê-la, nunca destaquei em nada, mas ao estar com ela... Isso me fez sentir como se eu fosse alguém. Provavelmente isso não tem sentido para você.

Mais do que você imagina, pensei. — Papai.

— E não quero que você pense que sua mãe nunca te amou, ou que simplesmente não lhe encantava a ideia de ter você. Lauren quando você nasceu e ela a segurou em seus braços... tinha que ter visto seu rosto. Estava tão feliz. Eu nunca a tinha visto tão feliz, nunca. Acho que a assustou, o quanto te amava, mas ela te queria. E para mim, você é... você é o melhor que já aconteceu em minha vida, e sei que não demonstro o suficiente, mas...

— Papai... — Murmuro, meus olhos ardem realmente com força agora. — Eu sei. E você sabe.

— Eu sei, — diz suavemente, e coloca o copo sobre a mesa.





— Tenho que ir me arrumar, — digo. — Vou sair esta noite.

— Evan?

Assinto com a cabeça.

— Lauren... — diz meu pai, e depois para. — Eu... só quero fazer-lhe uma pergunta.

— Bem, — digo lentamente, preparando a mim mesma... Bem, na verdade, não sei. Não tive muita sorte em prever como iria esta conversa, isso é certo. Mas o que papai me disse me deixou surpresa.

— Ele te faz feliz? — Isso é tudo o que perguntou, e parece que realmente quer saber minha resposta.

— Sim, — digo. — Ele faz.

Posso escutar o carro de Evan chegando e se detendo na entrada, e um sorriso para mim, que estou lá embaixo esperando-o. Papai sai do escritório e se encontra no corredor comigo.

— Você está bonita.

— Obrigada.

— Você sabe tudo que eu queria dizer antes.

— Sei. — Abro a porta e caminho em direção a Evan.

—Ei.

— Ei, você, — diz. —Está incrível.

— Você também, — digo e me inclino para beijá-lo. Quando olho para trás, meu pai ainda segue aí, de pé na porta, nos olha com um sorriso em seu rosto. Enquanto vamos embora, eu me despeço com a mão e ele faz o mesmo e sei que não importa o que aconteça, ele nunca me esquecerá.





— Está pronta? — Evan pergunta, e ele me olha, e me encantam seus olhos, me encanta seu sorriso, me encanta...

— Amo você, — eu digo, e quando vejo seu sorriso bloom³ finalmente entendo que o que eles queriam dizer é que me queriam.



Fim.

³ [N/T: *Bloom significa um sorriso puro e sincero.]



A Traduções 4Love foi criada com o objetivo de proporcionar aos viciados em boa leitura livros que ainda não foram publicados no Brasil, mas que já possuem excelente crítica no mundo todo.

Aqui você terá certeza que a leitura vai ser interessante.

Visitem:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=110422706>

Visite-nos em:

<http://t41.jimdo.com/>

<http://www.skoob.com.br/usuario/325686>

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=110422706>

